

Path.

1191

Ag

Path. Fy  
1191-

Sousa





# MEMORIA

SOBRE A

# HYDROPHOBIA RABICA

*A Monsieur le Docteur Allesperger*  
*— hommage de l'auteur <sup>por</sup> au soin du*  
*professeur A. A. da Costa Simões.*

ANTONIO ALVES DE SOUSA

Bacharel formado nas faculdades de medicina e philosophia  
pela universidade de Coimbra  
e actual medico do partido de Castello de Vide



COIMBRA  
Imprensa da Universidade

142 - Bg,

BIBLIOTHECA  
REGIA  
MONACENSIS

Ainda não está apagado na memória do publico o funesto acontecimento que em outubro de 1865 encheu de terror e angustia o povo de Castello de Vide. Em razão do meu officio fui chamado para curar todos os onze infelizes mordidos pela loba damnada, e continuei tractando nove, dos quaes succumbirám quatro.

A novidade d'esta horrorosa molestia em relação á minha clinica medica, a oportunidade ao mesmo tempo triste e rara de a estudar em tam larga escala, e o desejo de concorrer para lançar alguma luz nas trevas do mysterio que ainda a envolvem, tudo me impelliu a observar minuciosamente as phases porque a molestia passou nos affectados que tractei, a reflectir seriamente sobre essas observações comparando-as com outras feitas por varios pathologistas, e a esboçar ambas estas cousas em breves apontamentos, esperando occasião opportuna para os desinvolver, redigir, e publicar pela imprensa.

Essa occasião deu-se agora. E assim, coadjuvado e animado por alguns meus prestaveis e prezadissimos mestres, illustres ornamentos da universidade de Coimbra, venho hoje offerecer ao publico, junctamente com a breve narração do triste acontecimento que deu objecto a esta *Memoria*, as observações clinicas que fiz sobre os hydrophobos que succumbi-

ram, e as considerações geraes que julguei conveniente acrescentar sobre esta temerosa doença.

Attenuar a aversão e o horror que naturalmente inspiram os infelizes affectados da hydrophobia rabica, servindo assim a causa da humanidade; e ajudar, se podesse tanto, a erguer uma ponta do véo que ainda encobre tam mysteriosa molestia, servindo tambem a causa da sciencia: tal é o duplicado fim que tive principalmente em vista na presente publicação, á qual só poderão conciliar a induldencia do publico aquellos bons desejos do auctor, e as circumstancias especiaes em que elle se viu, longe de collegas e d'outras pessoas competentes, com quem podesse communicar suas observações, resolver suas duvidas e firmar-se em suas opiniões.

Castello de Vide, septembro de 1867.

*A. Alves de Sousa.*

# PARTE PRIMEIRA

---

**Narração dos estragos causados por uma loba damnada no termo de Castello de Vide em outubro de 1865. Relação das pessoas mordidas, seus ferimentos, e modo como foram tractadas.**

---

## I

### Historia

No dia 31 de outubro de 1865, pela uma hora da manhã pouco mais ou menos, a distancia de 7 kilometros da notavel villa de Castello de Vide, foi vista uma loba luctando com alguns cães de gado; e depois o foi tambem até ás sete horas noutros pontos d'este concelho, sempre na direcção da fronteira hispanhola para as bandas de Ferreira.

Em todos esses diversos sitios fez ella estragos no gado lanigero, e sobre tudo nos cães: porem nunca se notou que arrebatasse alguma presa para a devorar, ou que ao menos a disputasse aos cães: ferido um animal, corria immediatamente a ferir outro; e os cães, passado o primeiro impeto, fugiam aterrados e iam esconder-se ou entre o rebanho ou juncto dos pastores, proseguindo a fera na sua carreira de devastação, sem comtudo ferir nenhum pastor, emboça alguns lhe atirassem pedras para a afugentar.

Seriam sete horas da manhã pouco mais ou menos, quando a loba appareceu nas cercanias d'esta villa, juncto á casa d'uma pequena horta onde havia uma jumenta e um porco. Lançou-se áquella, que apenas mordeu e largou logo, e correu immediatamente sobre este, que quasi despedaçou pela espinha dorsal. Sentindo-se ferido o animal grunhiu, a ponto de ser ouvido por uma rapariga, Francisca Xerez, que estava proxima á casa, e que se apressou em acudir. Suppondo ser um cão que mordera o porco, atirou-lhe uma pedra, e correu para elle: porem o terrivel animal accommetteu-a d'um pulo e de frente, e levantado nos pés deitou-a no chão, e mordeu-a primeiro na cabeça, na região temporal esquerda e orelha esquerda, e depois na região thoracica esquerda por baixo da axilla e sobre as falsas costellas. Estes ferimentos foram todos de pouca profundidade. •

A rapariga gritou por soccorro, e acudiu-lhe um homem, Hilario dos Sanctos, a quem a loba accommetteu promptamente, e feriu na região supraciliar esquerda junto á raiz do nariz, e na parte anterior e superior da cabeça. O homem, que conheceu a qualidade do animal, e desconfiou que estivesse damnado, correu immediatamente ao hospital d'esta villa, onde eu acabava de entrar para fazer a visita ordinaria, como facultativo da casa. Contou-me não só o que lhe tinha succedido, mas que já antes a loba havia assaltado uma rapariga (a Xerez, de que fallei), que se encaminhava tambem para o hospital; onde logo entrou effectivamente. Esta me contou quanto deixo referido, desde que a loba entrara na horta, onde a mesma então se achava.

Este acontecimento começou a causar grande alvoroço, que ia crescendo com os lamentos das pessoas que acompanhavam os feridos; e sabido logo em toda a povoação, affluio muita gente ao hospital, em cujo vestibulo se conservou.

O terror e a angustia subiram de ponto, quando se ouviram os gritos de muitas pessoas, que chegavam á porta do hospital trazendo numa cadeirinha um pequeno de 14 annos de idade, Ma-

noel Murillo, acompanhado por sua mãe Maria da Pena, ambos cobertos de sangue e inteiramente desfigurados.

Continuarei narrando a marcha sanguinolenta da loba, e reservarei para outro logar a descrição dos diversos ferimentos nas pessoas mordidas, e do tractamento por mim empregado nas que ficaram no hospital.

Sahiu a loba de juncto da casa da horta, onde mordera os dois primeiros individuos; e, depois de percorrer a distancia d'um kilometro e meio pouco mais ou menos, descia a passo lento por uma asinhaga ingreme e estreita, quando avistou o pequeno ao qual acabo de alludir, e que trazia um borrego atrás de si. A loba sempre no mesmó passo, arremessou-se ao pequeno, e mordeu-o no braço sem fazer caso do borrego, que fugiu logo. O ferido voltou-se, e foi então que a fera, apresando-o pelo peçoço, o deitou no chão e sacudiu violentamente. Aos seus gritos acudiu a mãe, Maria da Peña, que, apesar de ser uma fraca mulher, se lançou ao animal e o agarrou pelo cachaço. Sentindo-se preso voltou-se, e, levantado nos pés, atirou-se á infeliz, que prostrou e mordeu horrivelmente. D'ella tornou ao filho, que de novo feriu nas costas e no ventre, e depois outra vez á mãe, na qual acabou de saciar o accesso de raiva que o dominava. Entretanto o pequeno, todo a escorrer em sangue, pôde arrastar-se ainda e esconder-se por detrás d'um silvedo.

Aos gritos da infeliz mãe acudiu uma sua irmã, que assustada, e enfraquecida por ter dado á luz um filho havia oito dias, com a precipitação apenas pôde deitar por cima da cabeça uma saia de lã grossa, ficando-lhe sobre a cabeça o coz com muitas pregas. Isto e o cabello junto e empastado valeram-lhe o não ser mordida nessa parte, aonde a loba se arremessou, apenas a viu, vindo assim a feril-a só num hombro.

Passou talvez o accesso, e a loba foi seguindo caminho direito atravessando hortas e saltando paredes; sobre uma das quaes foi vista por dous homens, que, ouvindo os gritos de soccorro, mas

ignorando o que fosse, não se resolveram a acudir, e limitaram-se a atirar-lhe pedras.

A loba seguiu, e depois de percorrer um espaço talvez de duzentos metros, topou com uma mulher, chamada Felicidade Maria, de 50 annos de idade, viuva, natural d'esta villa, a quem accommetteu de repente e mordeu no hombro e braço direitos. Julgou ella que fora mordida por um cão, e por isso só dous dias depois procurou os soccorros do hospital.

Sucedeu isto na aba da serra que fica fronteira a esta villa. Subiu a loba a encosta, e entrou numa vinha, onde estavam almoçando os donos d'ella, pae e filho, queahi andavam trabalhando. Apenas avistaram a fera, que se dirigia para elles, levantaram-se sobresaltados; antes porem de poderem reflectir no que deveriam fazer, o bruto arremessou-se ao filho, por nome José Vicente Mattella Bexiga, que apresou pela cabeça, ponto sempre escolhido para os seus primeiros impetos, ahi fez uma extensa ferida, e mordeu-o tambem no hombro esquerdo; e teria continuado a morder-o mais, se não fosse distrahido pelo chapéu da victima, que viu cahir no chão: com elle se entretteve até satisfazer a raiva, e entretanto o rapaz fugiu.

A loba, já então perseguida por muitas pessoas, que tinham sahido da villa a fazer-lhe montaria, e deixando atrás de si um longo rasto de sangue e victimas, foi andando até ao alto da serra, onde avistou dois meninos, irmãos, um de dez e o outro de seis annos de idade. Arremessou-se ao mais velho, chamado Joaquim Antonio Corvello, arrancou-lhe da cabeça por um só impeto duas grandes porções de couro cabelludo: a creança cahiu gritando, e o irmão fugiu para cima d'um penedo, onde ficou a chorar.

A loba largou o pequeno, e foi accommetter um pastor, d'esta villa, moço de 19 annos, chamado José Antonio Rêa, que andava a pouca distancia guardando cabras. Resistiu este ao primeiro impeto do animal e pôde agarral-o, e depois de pequena lucta conseguiu ainda mettê-lo debaixo de si: vendo-se porem só, com o

rosto e a cabeça escorrendo sangue, desanimou talvez, afrouxou, e deixou a fera, que, posta logo de pé, o accommetteu com maior furia crivando-lhe de feridas o rosto e os braços.

Transposta a serra, avistou um rebanho de borregos. Caminhou para elles, e fugiram; e um cão, que sahira ao encontro a defendel-os, passado o primeiro impeto, fugiu tambem. O rebanho era guardado por um rapaz de 13 annos de idade, d'esta villa, chamado Manuel Raposo. Avistal-o, precipitar-se sobre elle, lançal-o por terra, e deixal-o mal ferido num dos hombros foi obra de um instante. Aos gritos do mocinho acudiu o corajoso Salvador, no momento em que a loba, tendo deixado a pobre victima, se encobria numa pequena moita.

Antonio Ribeiro Salvador andava lavrando nessa mesma encosta mais abaixo na companhia d'outro homem. Correu inerte para a loba, atirando-lhe pedras; e quando estava já proximo da referida moita, sahiu d'ella furioso o terrivel animal, correndo para o homem: este corre tambem; agarram-se, apertam-se, até que, tentando a loba deitar os dentes á cara do homem, este, sem afrouxar nem desanimar, segurando-a com o braço esquerdo e afastando-lhe a cabeça com a mão direita, lhe apertou o pescoço fortemente. Com firmeza levou até ao chão o corpo do bruto, e, assentando-lhe o joelho direito em cima do ventre, conseguiu segural-o em fim. Nesta posição gritou para o companheiro, que havia ficado atrás, parado e absorto diante d'aquella lucta formidavel: aproximou-se este então, e cravou uma navalha no coração da fera.

## II

### Relação das pessoas mordidas, e descripção das feridas

1.º Francisca Xerez, de Ferreira d'Alcantara (raia hispanhola), de 19 annos de idade, temperamento lymphatico, constituição regular, criada de servir, tinha no rebordo externo do pavilhão da orelha esquerda uma ferida linear d'um centimetro e meio de extensão, que lhe offendia a pelle, o tecido cellular e a cartilagem; e outra na parte media e superior da região temporal esquerda, d'um centimetro de comprimento, e tres millimetros de largura pouco mais ou menos, que dividia quasi toda a espessura do couro cabelludo.

Sendo eu avisado no dia 2 de novembro de que ella tinha tambem no peito outras feridas que por pejo occultara, insisti para que m'as quizesse mostrar; e effectivamente deixou ver mais duas, uma na parte media da região thoracica esquerda, e outra na parte correspondente á quarta e quinta costellas por detrás da glandula mammaria esquerda. A primeira, de tres centimetros de comprimento e tres millimetros de largura, lançada verticalmente, dividia ainda parte da camada muscular; e a segunda, de dous centimetros de comprimento e tres millimetros de largura, dirigida obliquamente de diante para trás e de cima para baixo, offendia os mesmos tecidos que a primeira. As feridas da orelha e da região parietal foram immediatas, as duas ultimas foram mediatas através de fato de lã.

2.º Hilario dos Santos, d'esta villa, casado, de 40 annos de idade, temperamento lymphatico-nervoso, constituição regular, hortelão, tinha na região supraciliar esquerda, juncto á raiz do nariz, uma ferida de forma eliptica, com arrancamento de tecidos, de dous centimetros de diametro pouco mais ou menos no seu

maior eixo, offendendo a pelle, o tecido cellular subcutaneo, e parte da camada muscular, correndo obliquamente de baixo para cima, da raiz do nariz para a região supraciliar esquerda: nesta ferida se divisava ainda a impressão dos dentes incisivos da loba.

No dia 3 de novembro mostrou na cabeça outra ferida, de que até então não havia dado fé. Era esta linear, de cinco centímetros de comprimento, e subia verticalmente do principio do couro cabeludo na parte media da região frontal.

Ambas estas feridas foram immediatas: e assim este individuo como o antecedente foram mordidos no mesmo lugar e no mesmo tempo.

3.º Manuel Murillo, de Valença de Alcantara (raia hispanhola), filho de Maria da Pena, portugueza, e d'um subdito hespanhol, de 14 annos de idade, temperamento lymphatico-sanguineo, constituição regular, presentava as feridas seguintes: na parte superior do pescoço, juncto á articulação maxillar, uma de bordos irregulares, circular, de dous centímetros e meio de circumferencia, e dous pouco mais ou menos de profundidade, com alguma hemorragia; e por baixo d'esta mais doze, todas junctas, e circulares, de seis a sete millímetros de diametro, offendendo a pelle e o tecido cellular, todas na área d'um decimetro quadrado pouco mais ou menos, em cujo extrêmo inferior havia uma ferida circular d'um centimetro de diametro, e um e meio de profundidade. Do lado opposto, correspondente a esta ultima ferida e á primeira, havia outras duas d'um centimetro de diametro, e dous até dous e meio de profundidade, com grande hemorragia. Logo por cima da região supraciliar esquerda começava outra ferida, dirigida verticalmente até ao principio do couro cabelludo, de dous centímetros e meio de comprimento, e meio centimetro de largura, offendendo o tecido cellular subcutaneo e parte do muscular. Da região temporal direita, passando juncto ao angulo ocular externo, partia outra ferida até juncto da região malar correspondente, de tres centímetros de comprimento, e meio de largura, offendendo os

mesmos tecidos e profundando mais juncto ao olho. No braço esquerdo, sobre as massas musculares do bicipete, presentava mais duas feridas d'um centimetro de profundidade; e nas costas, ao lado da homoplata esquerda, sobre a quarta costella, outra ferida; todas circulares, d'um centimetro de diametro, e offendendo ainda a camada muscular.

No dia 2 de novembro accusou tambem na região abdominal, um pouco acima do umbigo, outra ferida, linear, de dous centimetros de comprimento, dividindo a pelle e parte do tecido celular, correndo obliquamente da direita para a esquerda e de cima para baixo.

Desde o sitio onde foram mordidas as duas primeiras pessoas, até áquelle onde o foi esta, havia a distancia d'um kilometro e meio pouco mais ou menos, que a loba percorreu sem fazer damno.

As feridas do pescoço e da cabeça foram immediatas, e as do thorax, braço e ventre mediatas; feitas, as primeiras através da camisa só, e a ultima através d'uma calça de lã.

4.º Maria da Pena, portugueza, casada em Valença de Alcantara, mãe do terceiro mordido, de 50 annos de idade, temperamento bilioso-nervoso, constituição regular, mostrava nas faces anterior, exterior e posterior do braço esquerdo nove feridas circulares, eguaes, de centimetro e meio de diametro, e de meio centimetro de profundidade; e duas, sinuosas, de centimetro e meio de profundidade, situadas numa linha vertical na face superior-exterior do braço, distantes meio decimetro uma da outra.

No braço direito presentava mais quatro: uma na face anterior, duas na face exterior, e outra na face posterior; todas circulares, de centimetro e meio de diametro, e meio de profundidade, e situadas na região mediana do braço.

Nas costas tinha dez, espalhadas por toda a região thoracica posterior, e cinco no hombro direito, todas eguaes em dimensão ás antecedentes; e na face exterior do antebraço direito, perto da articulação d'este com a mão, tinha mais duas, pouco distan-

tes uma da outra, de meio centimetro de diametro, offendendo a pelle, o tecido cellular e parte do muscular.

Esta mulher foi mordida ao mesmo tempo que seu filho, Manuel Murillo, a quem fora acudir. As feridas na parte superior da região thoracica, no hombro e no pulso, foram immediatas; e as outras practicadas através d'uma camiza d'algodão.

5.º Libania Maria, d'esta villa, casada, occupada em trabalhos do campo, de 43 annos de idade, temperamento lymphatico-sanguineo, constituição robusta, mostrava na face externa do terço superior do braço esquerdo duas contusões, de seis a sete centimetros de diametro, sem escoriação; e uma ferida, de centimetro e meio de comprimento, e dous a tres millimetros de largura, dirigida verticalmente, dividindo a pelle, o tecido cellular subcutaneo e parte da camada muscular.

Foi mordida na occasião em que acudira ao terceiro e quarto feridos, seus sobrinho e irmã. A ferida foi feita através d'um lenço de algodão.

6.º Felicidade Maria, d'esta villa, mendiga, de 50 annos de idade, padecendo corêa, temperamento lymphatico-nervoso, constituição fraca, tinha uma ferida, que, principiando no hombro direito perto da articulação, descia verticalmente até juncto da glandula mammaria, na extensão d'um decimetro, e de dous a tres millimetros de largura, dividindo a pelle e o tecido cellular subcutaneo, tomando porem no meio da extensão de dous centimetros a largura de quatro millimetros, e offendendo ahi tambem a camada muscular. Presentava mais outra ferida circular, d'um centimetro de diametro, cortando tambem parte da camada muscular, na face anterior do terço superior do braço direito, e outra do mesmo diametro e profundidade na face dorsal do pé direito no meio da região tarsica.

Esta mulher fora mordida depois de a loba haver-percorrido duzentos a duzentos e cincoenta metros de caminho, sem accometter animal nenhum, e até parando algumas vezes. As feridas su-

periores foram feitas através d'um lenço, com que a pobre se resguardava; e a do pé foi immediata. Suppondo-se mordida por um cão, desprezou as feridas, e só deu entrada no hospital no dia 2 de novembro. As feridas estavam seccas, porque até então não se lhes havia feito curativo algum.

7.º José Vicente Matella Bexiga, d'esta villa, solteiro, de 18 annos de idade, temperamento sanguineo, constituição robusta, tinha na parte superior e media da região temporal esquerda uma ferida de sete centimetros de comprimento, dirigida obliquamente de trás para diante e de cima para baixo, que dividia todo o couro cabelludo, despegado superiormente do craneo em forma semicircular num raio de dous centimetros. A apparencia da ferida era linear, o que me levou a suppor que ella tinha sido feita por alguma das garras da loba, na occasião em que accommetteu aquelle homem.

Juncto da articulação humeral, em duas linhas parallelas, lançadas na direcção do eixo longitudinal do braço esquerdo, mostrava quatro feridas, circulares, d'um centimetro de diametro e outro de profundidade. Foram feitas pelas quatro presas do animal, como o indicavam os quatro buracos, abertos na jaqueta nova de saragoça forte, nos logares correspondentes ás mesmas feridas.

Entre este mordido e o antecedente mediou um espaço de cem ou cento e cincoenta metros.

8.º Joaquim Antonio Corvello, d'esta villa, 10 annos de idade, temperamento lymphatico, constituição debil, presentava na parte posterior da cabeça duas grandes feridas, uma de sete e a outra de oito centimetros de comprimento, e quatro a cinco de largura, na mesma linha horizontal, distantes uma da outra dous centimetros, occupando toda a região occipital, com arrancamento de todo o couro cabelludo, o que deixou o craneo descoberto e liso; ambas com grandes bordos pendentes, irregulares, e com fundas sinuosidades, de sorte que a largura real d'ellas era igual ao com-

primento, visto achar-se naquella direcção o couro cabelludo inteiramente despegado do craneo. Foram feitas d'uma só vez pelos dentes da fera, que apresando a victima por aquella parte lhe arrancou os tecidos.

Tinha mais na face dorsal da mão direita, entre o dedo pollegar e o indicador, e junctas uma á outra, duas feridas de cinco millimetros de diametro pouco mais ou menos, que dividiam ainda parte da camada muscular.

Estas feridas foram todas immediatas, e feitas depois de a loba ter percorrido quatrocentos a quinhentos metros, distancia provavel entre este e o antecedentemente mordido.

9.º José Antonio Rêa, d'esta villa, pastor, de 19 años de idade, temperamento sanguineo-lymphatico, constituição regular, presentava as seguintes feridas: onze em ambas as faces; sete na direita, e quatro na esquerda, circulares, de cinco millimetros de diametro pouco mais ou menos, mui proximas umas das outras, offendendo a pelle e o tecido cellular subcutaneo: outra juncto ao angulo externo do olho esquerdo, de dois centimetros e meio de comprimento e meio de largura, e que, dirigindo-se obliquamente de diante para trás e de cima para baixo da região temporal esquerda até á arcada zigomatica, profundava até offender a camada muscular: outra na parte esquerda da região frontal, dirigida horizontalmente por cima da região supraciliar, de centimetro e meio de comprimento, e tres a quatro millimetros de largura, que offendia tambem parte da camada muscular: outra na parte media da região parietal direita, lançada obliquamente de trás para diante e de cima para baixo, de tres centimetros de comprimento e tres a quatro millimetros de largura, que dividia todo o couro cabelludo: mais onze espalhadas no braço direito, sendo nove d'um centimetro de comprimento e meio de largura; outra, que, começando no meio da face exterior do braço, subia obliquamente para a face posterior até perto da extremidade d'ella, que dividia grande parte da camada muscular; e outra, circular, d'um centimetro

de diametro, e de profundidade igual á antecedente. Prescutava mais quatro na mão direita: duas na face palmar dos dedos grande e indicador, que apanhavam toda a largura d'elles, sobre a articulação das duas primeiras phalanges com as segundas, profundando até á camada muscular; e as outras duas na face palmar do dedo pollegar da mesma mão, juncto da articulação das duas phalanges uma com a outra, de profundidade igual ás duas primeiras. Ao todo, vinte e nove feridas.

Todas as feridas da cara, cabeça e mão foram immediatas, e as do braço feitas através da camisa, porque tinha despida a jaqueta, quando foi accommittido pela loba, vinte a trinta metros de distancia do pequeno Corvello.

10.º Manuel Raposo, d'esta villa, de 13 annos de idade, pastor, temperamento lymphatico-sanguineo, constituição robusta, presentava juncto da articulação humeral esquerda duas feridas, sinuosas, circulares, uma proxima á outra, de centimetro e meio de diametro, e um centimetro de profundidade; e mais outra na parte superior e interior da região da homoplata esquerda, circular, d'um centimetro de diametro, que offendia ainda a camada muscular.

Estas feridas foram feitas através da camisa e da jaqueta nova de saragoça. Nos pontos onde estavam os buracos abertos pelos dentes da fera, ainda observei que a jaqueta estava suja de baba, e de maneira que parecia ter andado uma lesma por cima d'ella. Quando o mordeu, a loba teria percorrido talvez duzentos metros, distancia entre esta victima e a precedente.

11.º Antonio Ribeiro Salvador, d'esta villa, lavrador, viuvo, de 61 annos de idade, temperamento bilioso-nervoso, constituição forte, presentava anteriormente, juncto ao rebordo da maxilla, por baixo do labio inferior, uma pequena escoriação linear de pouco menos d'um centimetro de comprimento, que apenas dividia a derme, correndo obliquamente na direcção da commissura direita da bocca e de cima para baixo. Esta ferida foi feita por uma das gar-

ras da loba, na occasião em que se lançou ao dicto lavrador, a vinte ou trinta metros de distancia do lugar onde fora mordido o precedente, a quem ia acudir.

Estas pessoas, as unicas que a loba mordeu, foram todas curadas no hospital de Castello de Vide, e ahi continuaram em tractamento, excepto Antonio Ribeiro Salvador e José Vicente Mattella Bexiga, que depois do primeiro curativo sahiram para se tractarem em suas casas com um remedio empirico, de familia, do qual pude haver a formula, de que fallarei adiante.

### III

#### Tractamento empregado com estes doentes

1.º *TRACTAMENTO EXTERNO.* Depois de bem lavadas e limpas dos coagulos sanguineos e outros corpos que as inquinavam, as feridas foram convenientemente comprimidas para sangrarem bem, e subsequentemente cauterizadas com uma diluição de acido chlorhydrico, que tive o cuidado de introduzir em todas as sinuosidades para esse fim abertas e dilatadas.

Logo depois foram cauterizadas novamente com manteiga de antimonio, que fiz penetrar bem em todas ellas; e, passados doze ou quinze minutos, foram cobertas de planchetas impregnadas de pomada mercurial, a fim de activar a supuração, que eu desejava conseguir prompta e copiosa.

Continuando com este tractamento uma vez por dia, appareceu no quarto a salvação mercurial em alguns dos doentes, especialmente em Manuel Murillo, que tinha no pescoço feridas profundas. Ao mesmo tempo começou a manifestar-se a supuração em torno das escaras, já então bem formadas, e de meio centimetro ou mais de espessura cada uma.

D'esse dia em diante junctei á pomada mercurial parte igual de

unguento basilicão para diminuir a salivação; e assim continuei até o dia duodecimo, em que cahiram de todo as escaras, que haviam começado a separar-se no septimo: as feridas presentavam bom aspecto, e a supuração era copiosa. Assim se passou até ao dia vigesimo-quarto, depois do qual fiz o curativo só com unguento basilicão.

As feridas, que já eram pouco extensas, e superficiaes, começaram a mostrar tendencia para cicatrizar; e eu, para compensar a falta de supuração (que considero revulsiva) nos sitios onde desejava que continuasse, estabeleci fonticulos nos doentes cujas feridas se mostravam em via de cicatrizaçào, aproveitando para esse fim uma ou duas d'ellas nos sitios mais accommodados.

No dia 2 de novembro fez-se o curativo ás feridas que Hilario dos Santos, Manuel Murillo e Francisca Xerez só então accusaram; e tambem ás de Felicidade Maria, que só nesse dia deu entrada no hospital pelos motivos acima referidos. O curativo porrem d'estes mordidos foi modificado, em razão do tempo que era decorrido depois das mordeduras; e por isso todas as feridas foram profundamente escarificadas, e sangraram em abundancia: e limpas depois e bem lavadas com a diluição de acido chlorhydrico, foram cauterizadas mais fundo que as outras, servindo-me para isso do caustico de Vienna, que introduzi escrupulosamente por todas as escarificações. No resto não houve differença no curativo e tractamento subsequente.

No dia 25 de novembro começaram os doentes a tomar banhos de vapor.

E como possa acontecer que, noutro hospital ou ainda fóra d'elle, seja necessario applicar promptamente um banho de vapor a qualquer doente nestas ou noutras circumstancias; e não havendo, como ordinariamente não ha, os apparatus proprios para applicações d'este genero, pareceu-me que não seria desconveniente descrever aqui o que improvisei, e o modo como appliquei os dictos banhos, até porque occorreram circumstancias que importa referir.

No dia 19 de novembro foi atacado de hydrophobia rabica o mordido Manuel Murillo, e falleceu no dia 21. Quiz eu applicar-lhe durante a molestia um banho de vapor; mas vi-me na impossibilidade de o fazer, por não haver dentro do hospital ou fóra d'elle apparelho apropriado, ou outro que o podesse substituir promptamente.

Era este um dos meios therapeuticos que eu não queria deixar de empregar em tal molestia, não só pelo dever de clinico, a quem cumpre lançar mão de tudo quanto possa alliviar os enfermos; mas tambem porque desejava observar os effeitos d'um remedio geralmente apregoado, e havido quasi como infallivel contra a hydrophobia rabica.

Tractei pois de improvisar um apparelho que satisfizesse ao fim o melhor possivel, e neste empenho valeram-me de muito os conselhos, que aqui agradeço, do meu amigo, o ex.<sup>mo</sup> sr. João José Le Cocq, competentissimo em todos os ramos de sciencias physicas, e especialmente na Physica Mecanica.

Mandei fazer uma capa de oleado com bastante roda, que podesse franzir-se na abertura superior e abotoar-se de alto a baixo; e um funil, cujo tubo se compunha de tres tubos continuos em direcções differentes: o inferior era de comprimento correspondente á altura da banheira para banho geral, da qual me servi; o medio era curto e quasi horizontal, para poder sabir da banheira por cima do bordo superior d'ella; e o ultimo, tambem vertical como o primeiro, terminava com a abertura superior de funil. Segurado este funil por dentro da banheira, com um fio prendia-se um thermometro que ficava pendente dentro d'ella; e depois fazia eu sentar dentro o individuo que havia de tomar o banho, numa cadeira baixa, com os pés sobre um banquito, para não tocarem no fundo da banheira. Depois de cobrir toda a banheira com a capa, franzida no pescoço do individuo, que assim ficava só com a cabeça de fóra, abotoava-a agora toda por fóra da banheira, e por cima da capa deitava ainda dous cobertores de lã, tambem

segurados em volta do pescoço, um por diante e o outro por detrás. Concluido tudo isto, mandava lançar agua a ferver para dentro da banheira pelo tal funil, até que a temperatura interior subisse ao gráu que eu desejava, consultando para isso o thermometro, puchando-o de dentro pelo fio donde pendia, e tapando subsequenteemente a abertura do funil para que não sahisse o vapor. Se a temperatura excedia o gráu desejado, abria então um pouco os cobertores e a capa, juncto ao funil, dando assim entrada ao ar para abaixar a temperatura até ao ao gráu preciso.

Por este modo conseguia eu um banho de vapor, de temperatura constante, em qualquer gráu, e pelo tempo necessario.

Quando queria retirar o individuo de dentro do banho, desfranzia-lhe no pescoço e desabotoava toda a capa, que afastava para um dos lados da banheira por debaixo dos cobertores; e o paciente, ficando involvido nestes, era assim mettido na cama, juncto á qual havia tomado banho. Deitavam-se-lhe então por cima mais cobertores, a fim de que a transpiração cutanea continuasse abundante; e esta terminava, quando parecia conveniente, retirando-lhe pouco a pouco a roupa que tinha por cima.

Hilario dos Santos foi quem primeiro tomou o banho de vapor no dia 25 de novembro. Sustentou-se-lhe constantemente a temperatura a 48 gráus centigrados por espaço de 45 minutos. Transpirou copiosamente dentro do banho. Depois de 30 minutos começou a sentir-se incommodado, cabeça pesada, olhos um pouco injectados, e a vista a turbar-se; respondia como que automaticamente e por monosyllabos ás perguntas que eu lhe fazia. Aos 45 minutos perdeu os sentidos, e presentou todos os symptomas de congestão cerebral. Retirei-o logo do banho, e metti-o na cama. O pulso era pequeno, deprimido e tumultuoso, e batia 140•pulsões por minuto; a transpiração era copiosissima, o estado comatoso assustador. Fui obrigado a deixal-o nessa occasião, para ir visitar outro doente, que acabava de ser atacado d'uma apoplexia cerebral violenta. D'ahi fui chamado á pressa para o hospital, e

encontrei o Hilario sentado na cama sem dar accordo de si, com violentissimas convulsões epileptiformes e fazendo tremer o leito. Disseram-me os enfermeiros que na minha ausencia tivera outra convulsão semelhante. O seu estado era cada vez mais grave e assustador: o suor corria copiosissimo da cabeça e do rosto. Com repetidas aspersões de agua fria o doente tornou a si, passada uma hora.

Seguidamente tomou banho outro doente. Custou mais a resolver-o: tive de empregar todos os meios persuasivos para vencer a reluctancia e receio que lhe tinha inspirado o banho do primeiro. A temperatura conservou-se constante a 43 graus centigrados durante 30 minutos, passados os quaes sahiu do banho, porque já se sentia tambem incommodado. Transpirou muito, e tudo correu bem.

No dia seguinte, na primeira visita que lhes fiz, encontrei-os a todos alegres como de costume, porem melhor dispostos os dois que haviam tomado banho. Disseram-me que desde que estavam no hospital nunca tinham dormido um somno tão socegado e profundo, como naquella noute depois do banho.

Tomaram-no ulteriormente os restantes doentes, e disseram o mesmo. Ha porem aqui uma circumstancia que merece ser referida. Receiando eu que as mulheres, por mais timidias, resistissem e recusassem tomar os banhos de vapor, fiz assistir uma d'ellas á applicação d'um, para que, convencida por esse modo da facilidade da operação, se resolvesse, e persuadissem as outras a tomal-o tambem: todos os que tinham tomado banho me auxiliaram nesse empenho.

—«Em quanto não tomarem um banho assim, disse Hilario dos Sanctos, desenganem-se que hão de estar sempre desassocegadas e assustadas, e hão de lembrar-se sempre da loba. A mim succedia-me isso: mas depois do banho nunca mais tal cousa me lembrou.»—«É verdade, disse outro, tambem a mim me succedia o mesmo, e agora já não.»

Estas palavras poderiam ser dictas para convencer as mulheres a que tomassem os banhos: no entanto a mim causaram-me surpresa, porque lhes não tinha recommendado que dissessem tal. O resultado foi convencerem-se todas, e tomar cada uma seu banho de vapor, de temperatura constante entre 48 a 52 grãos centigrados, durante 25 a 30 minutos, por não poderem supportal-o por mais tempo.

Todas transpiraram copiosamente, e ficaram mais alegres e satisfeitas: porem a nenhuma perguntei se depois do banho ainda se lembrava da loba, pois evitei sempre recordar-lhe o succedido; nem mesmo em particular me certifiquei da verdade do dicto do Hilario.

2.º *TRACTAMENTO INTERNO.* Acabado o primeiro curativo dos feridos, mandei logo administrar a cada um o pó da raiz de belladonna em duas ou tres onças d'agua (60 a 90 grammas) nas doses e proporções seguintes: a Hilario dos Santos, Maria da Pena, Felicidade Maria e Libania Maria, 14 grãos a cada um; a José Antonio Rêa e Francisca Xerez, 12 grãos a cada um; a Manuel Raposo e Manuel Murillo, 8 grãos a cada um; e a Joaquim Antonio Corvello 6 grãos<sup>1</sup>.

Tomaram seis doses eguaes com intervallo de 48 horas d'umas ás outras.

No dia seguinte, 1 de novembro, principiaram a usar do extracto de belladonna, que prescrevi em forma pilular na dose de 1 grão em cada pilula. Os que tinham mais de 18 annos de idade tomaram tres pilulas; e os que tinham menos, tomaram duas. No dia seguinte augmentei um grão de extracto em cada pilula, e assim diaria e successivamente até 5 grãos em cada uma: no uso d'esta dose continuaram até o dia 20 de novembro inclusivamente, vindo a tomar ao todo, Raposo, Murillo e Corvello 180 grãos cada um; e os restantes 225 cada um.

<sup>1</sup> A. L. J. Bayle, *Élém. de Path. Méd.* t. II, pag. 234. —1857.

Suspendi então o uso das pilulas, por serem recebidas já com grande repugnancia e provocarem nauseas violentas. O estado das vias gastricas dos doentes obrigou-me a prescrever a todos um emeto-catartico, como já fizera uma vez durante o uso do medicamento interno, notando desde logo disposição para maior secreção de bilis, que pelo vomito era expellida em quantidade consideravel, desapparecendo rapidamente o amargor da bocca, as nauseas e o peso no epigastrio que os doentes accusavam anteriormente, e ficando a lingua limpa das saburras biliosas.

3.º *TRACTAMENTO MORAL.* Empenhei-me sempre em distrahir os doentes o mais possivel: e para lhes fazer esquecer o triste acontecimento que motivara a sua entrada no hospital, recomendei aos enfermeiros, e ás outras pessoas a quem dei a permissão de os visitarem, a maior cautela e reserva em lhes fallarem na loba: que lhes fallassem antes nas cousas da vida de cada um, chamando-lhes a attenção para objectos diametralmente oppostos aos que diziam respeito ao funesto acontecimento.

Conversava com elles muito tempo, dava-lhes jogos para se distrahirem, e deixava-os passear fóra das enfermarias.

Todos se levantavam, menos o pequeno Manuel Murillo, que nos primeiros oito dias estive de cama com febre intensa, e grande incommodo na garganta e pescoço, effeito da inflammação causada pelas feridas e cauterização; e nos cinco primeiros dias a deglutição difficultou-se-lhe a ponto de fazer recear pela sua vida.

Convem notar aqui um factó singular occorrido a este doente. No undecimo dia, estando eu occupado no curativo d'elle, pegou alguém num pouco de panno de algodão branco, do qual pretendia fazer-lhe o apparelho especial para o pescoço; e quando levantava o panno, o pequeno estremeceu todo repentinamente, abriu muito os olhos, e fixou-os com uma expressão de susto indizivel: duraria tudo isto uns 10 a 12 segundos. Perguntei-lhe o que tinha sentido: — «Não sei, respondeu elle: *assustei-me* sem saber

porquê. Senti subir por mim uma cousa que me suffocava, quando de repente vi levantar o panno branco».

O pequeno tornou logo ao seu estado regular. Levantou-se depois de curadas as feridas, e continuou a passear, a rir e a divertir-se, como costumava desde o oitavo dia, em que se tinha levantado pela primeira vez.

Tal occurrencia pareceu-me extraordinaria, e este mordido foi o primeiro em quem depois se manifestou a hydrophobia rabica.

Em summa, empreguei todos os meios que julguei exequiveis para ter os doentes sempre distrahidos, satisfeitos e alegres, sem nunca fallarem na loba; e consegui-o felizmente.

A este tractamento prophylactico liguei sempre grande importancia, e reputo-o de maximo valor: por isso hei de apreciar-o mais detidamente noutra parte d'esta Memoria.

**4.º TRACTAMENTO DIETETICO.** A alimentação consistiu sempre em carne, pão, vinho, legumes, hortaliça, arroz e massas; alimentos, que eu variava alternadamente, segundo os mordidos appeteciam mais uns do que outros.

Bebiam agua com frequencia: e notei que nos primeiros dias todos se queixavam de sede, o que attribui principalmente á mudança da alimentação, que era mais substanciosa do que a que usavam em suas casas. Nenhum teve febre, menos o pequeno Manuel Murillo nos primeiros seis dias, em que tambem a dieta foi accommodada áquelle estado.

A agua era-lhes ministrada em vasilhas grandes, d'onde elles mesmos a tiravam por suas mãos com copos, a fim de a verem melhor. Até recommendei aos enfermeiros que a deixassem ficar como por esquecimento nas enfermarias em algumas bacias, para d'esse modo ir de encontro ao prejuizo vulgar que reina por estes sitios, de que os mordidos de animal damnado, para se curarem não devem ver agua; prejuizo, que elles proprios tinham. Vendo porem que eu lhes lavava as feridas, que os fazia trazer

agua para se ajudarem no curativo uns dos outros, e que os fazia lavar todos os dias em agua fria, esqueceram-se d'aquella circumstancia.

Dos onze que foram mordidos ficaram nove em tractamento no hospital, porque dois depois do primeiro curativo retiraram-se para suas casas. D'estes foram quatro atacados de hydrophobia rabica e sucumbiram: aos outros cinco dei alta, e sahiram com as feridas completamente cicatrizadas.

Por differentes vezes tenho fallado com elles, e sempre me dizem que passam bem, que não têm sentido o menor abalo, e que continuam a empregar-se em suas antigas occupaões.

As observaões clinicas que fiz sobre os que falleceram, e as consideraões que ellas me suggeriram, darão objecto á segunda parte da presente Memoria. Ahi descreverei miudamente a invasão, os symptomas, o andamento, a duração, o tractamento e a terminação da molestia; e subseqüentemente, as differenças mais salientes entre umas e outras observaões minhas e as recolhidas por alguns pathologistas, tudo acompanhado de varias consideraões sobre a materia.



## PARTE SEGUNDA

---

### Observações clinicas, e estudos geraes sobre hydrophobia rabica

---

#### I

#### Observações clinicas de hydrophobia rabica no hospital da Misericórdia de Castello de Vide

---

#### PRIMEIRA OBSERVAÇÃO

Manuel Murillo occupava uma infermaria com sua mãe Maria da Pena, e Felicidade Maria. Depois do *susto* que teve na occasião do curativo, e do qual já dei noticia, passou sempre bem.

Na manhã do dia 19 de novembro appareceu-lhe a lingua com induto saburroso amarellado, o pulso febril, vomitos, nauseas frequentes, anciedade epigastrica e cephalalgia. Um emeto-catartico debellou o estado saburroso. O doente conservou-se de cama, tomou bem os caldos de gallinha, e bebeu toda a agua que fora preciso dar-lhe para o melhor effeito do medicamento.

Pelas quatro horas da tarde começou a sentir como que *nojo* e *receio* de beber agua e de tomar os caldos. A cephalalgia tinha desaparecido, o pulso já estava normal, e o doente conversava

alegre como d'antes: quando porem lhe perguntavam o que sentia, a unica resposta era: — «Parece-me que não hei-de *beber agua.*»

Comecei então a desconfiar de que se estivesse declarando nelle a hydrophobia rabica, com quanto continuasse normal o estado do organismo, e insisti para que bebesse ao menos um golo de vinho. Então, ao passo que aproximava o liquido á bocca, manifestou aquelle mesmo *receio e susto* a que já alludi, acompanhado agora de *inspirações um pouco mais fundas* que as do estado normal. Mandei immediatamente sahir para outra enfermaria a mãe e a companheira do doente, que assim ficou só naquella.

Á noute os olhos estavam mais brilhantes e vivos, e a salivação era abundante e solta. Assim se conservou até á meia noute, em que o deixei depois de conseguir que tomasse algumas colheres de caldo ou vinho, mas sempre com grande repugnancia e susto.

Dia 20 de novembro.— Ás 8 da manhã o susto e receio eram maiores, e a respiração de quando em quando violenta e convulsiva. Em toda a noute não dormira, e acusava grande desejo de o fazer. Prescrevi-lhe a emulsão commum levemente opiada, que no principio recusou tomar, porem depois d'alguma insistencia tomou uma colher apenas, sempre com o tal *susto e repugnancia* que acompanhava a deglutição. — «Cuidava que o remedio seria peor de beber» disse elle depois de o tomar.

Estas palavras fizeram-me desconfiar que parte d'aquelle estado assustador fosse simulado; e por isso declarei-lhe que, se não quizesse tomar por vontade os medicamentos que lhe fossem prescriptos, o obrigaria pela força. — «O que eu não queria era mais pilulas:» disse-me elle, referindo-se ás pilulas de extracto de belladona, cujo uso suspendi nesse mesmo dia a todos os mordidos pelas razões expostas noutro logar.

Quando elle estava com um dos taes sustos, que por vezes lhe sobrevinham, e que já então se manifestavam por *inspirações mais*

fundas e convulsivas, embaraço respiratorio e alguns movimentos ataxicos dos braços e cabeça, puz-lhe de repente um espelho deante dos olhos. Esperava eu que a presença d'aquelle corpo brilhante augmentasse o estado convulsivo, mas não succedeu assim: mirou-se com socego e até dizendo suas graças. Perguntei-lhe se lhe doíam as feridas que ainda não estavam cicatrizadas de todo, quaes eram a da articulação maxillar e a do fonticulo: respondeu-me que não. Tractei então de lhe fazer o curativo, de proposito para que visse agua: nem se assustou, nem a presença do liquido lhe causou desgosto ou repugnancia; só quando lhe lavei as feridas é que fez um pequeno movimento convulsivo. Curadas estas, sahi.

Note-se agora que este doente, sempre que eu insistia com elle para que bebesse, tomava só um golo de cada vez, que bebia d'um jacto unico e no meio de uma convulsão. Parecia que tinha dentro em si uma força repulsiva que fazia regurgitar o liquido, o qual elle se esforçava por beber, tudo acompanhado de movimentos desordenados dos braços e da cabeça. Nunca se queixou de picadas, nem de constricção ou dôr de garganta, a qual eu observei e achei normal.

Fóra d'estas convulsões momentaneas e rapidas, durante as quaes *nunca mostrou desejos de morder nem tractar mal pessoa ou cousa alguma*, recahia no seu estado ordinario de affectuosidade conversando e gracejando até. Algumas vezes recordava-se com saudade e magua do bom tempo em que via correndo, uma ribeira onde podia beber quanta agua quizesse.

Uma ou duas horas depois voltei a vel-o, porque desejava não perder symptoma nenhum d'esta curiosa molestia, que então observava pela primeira vez. O doente não tinha dormido: nos olhos via-se mais viveza e brilho e alguma injecção, as faces estavam coradas, e as arterias temporaes pulsavam com força e dureza. Prescrevi seis sanguesugas em cada um dos lados do pescoço, e dous vesicatorios nas extremidades inferiores. Como elle

não consentisse que os enfermeiros lhe applicassem as sanguesugas por se assustar e ter medo d'ellas, foi necessario applicar-lh'as eu mesmo, depois de ter vencido com muita difficuldade por meio da *persuasão affectuosa* a resistencia que elle oppunha.

Ao passo que as cisuras iam sangrando, ia tambem diminuindo o estado congestional, e pouco depois o doente recuperou o seu estado anterior: o pulso tornou-se normal, e os accessos cónvulsivos pouco violentos. De vez em quando faltava-lhe o ar de repente, e por isso tomava inspirações mais fundas e continuadas, e só então os movimentos eram tambem mais convulsivos e desordenados. A salivação continuava frequente, mas ainda sem fazer fio. Fallava mais, e durante a conversação mostrava-se muito affectuoso, penhorado e agradecido por todo o bem que lhe faziam. Mandeí lançar agua no vaso onde elle salivava, a fim de que a visse frequentes vezes; e sahi deixando recommendado que notassem o que elle fazia.

Passado pouco tempo, quando voltei, encontrei-o no mesmo estado, salivando na agua do vaso sem difficuldade; e disseram-me os enfermeiros que o tinham surprehendido mudando a agua d'um vaso para o outro, segundo eu lhe mandara para perder o susto que dizia ter da agua.

Do meio dia por deante notei que o doente, quando lhe *batia no rosto alguma corrente de ar, suffocava*, e a respiração embaracava-se, obrigando-o a fazer inspirações mais fundas e convulsivas.

Seriam quatro horas da tarde, estando eu só com elle, perguntei-lhe o que lhe tinha acontecido antes de apparecer a molestia: que me dissesse francamente se alguem lhe tinha dado alguma cousa a comer ou a beber. Hesitando ainda, disse por fim com ar de grande mysterio:—«Peço-lhe que não diga nada; mas vou confessar-lhe o que succedeu. Ante-hontem (18) á tarde, quando a nossa companheira sahiu da infermaria, veio *minha mãe* ter commigo, e pediu-me por tudo quanto havia, que *bebesse uma*

pouca de urina, porque era o remedio que me havia de sarar. Eu resisti: e então ella de mãos postas pediu-me, dizendo que tambem já tinha bebido e que estava melhor. Cedi, e bebi uma caneca de urina minha e d'ella, que levaria meio quartilho. Sabia-me só a sangue e a sal. Fez-me depois roer uma cabeça d'alho, com que eu sempre enjoei. Desde então nunca mais pude ver cousa que se coma nem beba, porque tudo me repugna, tudo me faz vomitar.»

Neste tempo assomou á porta a enfermeira, diante de quem o doente repetiu quanto acabava de me dizer. E como me causasse admiração que a urina lhe tivesse sabido a sangue, perguntei á enfermeira se poderia dar-me algum esclarecimento áquelle respeito; e d'ella soube que a mãe do doente andava então menSTRUADA, e em tanta abundancia, que dous dias não pudera levantar-se da cama!

Nessa noute nada mais occorreu importante e digno de mencionar-se.

Quasi todo esse dia e toda a noute me conservei juncto do doente, e em summa observei os symptomas seguintes: nojo, repugnancia e grande difficuldade em engulir os liquidos, principalmente a agua; impossibilidade de comer; olhos vivos e brilhantes; feições animadas; pequena e breve congestão sanguinea na cabeça; insomnia; loquacidade; salivação augmentada, e algumas vezes embaraço na respiração, que se tornava convulsiva e occasionava movimentos ataxicos dos braços e cabeça. O resto das funcções normal.

Dia 21.— Encontrei o doente sentado na cama: os olhos estavam mais vivos e brilhantes; a loquacidade era maior; a salivação abundante, e já correndo em fio; convulsões repetidas, occasionadas pelo embaraço da respiração, produzido então já por qualquer pequena corrente de ar, até pela que provinha de fallarem perto d'elle, ou de lhe bulirem na cama, ou de lhe pucharem e conchegarem os lençoes, etc.; accessos de dyspnêa frequentes e repetidos com inspirações mais profundas. Pela primeira vez sentiu *desgosto*

em ver a agua no vaso onde salivava, e pediu-me que o mandasse despejar, porque d'outra maneira *não podia pegar-lhe*. Não accusava dôr em parte nenhuma do corpo, nem sequer nas feridas; e só falava em agradecimento por tudo quanto lhe faziam. Mandei-lhe que abrisse a bocca, e procurei as *lysses* de Marochety na região sublingual, que examinei com toda a attenção. Estava perfeitamente normal, sem ao menos dar logar a poder desconfiar-se que as dictas *lysses* alli houvessem existido e tivessem já despejado. Neste e nos outros mordidos já eu antes havia observado aquella região com o mesmo fim, mas sempre a encontrei no seu estado normal. Adeante tornarei a fallar d'este objecto.

O doente mostrava-se cada vez mais affectuoso, chegando até a pedir-me que o deixasse abraçar-me; no que o satisfazia sem receio, ficando elle com isso muito contente. Eram porem estas expansões interrompidas por accessos de dyspnêa e convulsões cada vez mais violentas e repetidas, por effeito da mais leve impressão do ar.

Ao meio dia sahi.

Às 2 horas da tarde fui chamado á pressa. Encontrei o doente sentado na cama, de mãos postas, e chamando por mim em voz quasi imperceptivel. A physionomia era afflictissima: olhos esgaçados; pupillas dilatadas; rosto de côr violacea; a bocca cheia de espuma alvissima, similhando uma garrafa de champagne aberta ha pouco: e notei mais intenso então um *cheiro nauseabundo especial*, que não sei bem com que possa comparar-se: fazia-me lembrar o *cheiro que sahe da bocca dos cachorrinhos de leite*, ou tambem, porem menos, o *que se sente numa casa que sirva de jazida a muitos cães*. Este cheiro peculiar já eu o havia presentido no dia antecedente, mas não sabia a que o attribuir.

Quiz fallar-me, porem não o pôde fazer em voz alta: proferia as palavras baixinho, com voz sumida e entrecortada, começando a proferil-as durante a expiração, e terminando-as de golpe no principio da inspiração. O corrimento da saliva em fio, ou a

baba, não era tam abundante; e quando a expellia, fazia-o com difficuldade, violencia, e algum susto da propria saliva: o mesmo susto mostrava algumas vezes, quando olhava para as paredes brancas da infermaria: fixava os olhos no ar com espanto, e indicava com o dedo objectos que dizia ver voando; sentia grandes calafrios, e tinha o pulso um pouco mais frequente, mas de resto normal.

Tractei immediatamente de lhe ministrar um banho de ar quente. Bem desejava eu dar-lhe antes um de vapor; mas a falta absoluta dos meios necessarios inhibiu-me de o fazer então: só depois é que pude applicar, como disse, banhos de vapor aos outros mordidos.

Para dar ao doente o banho de ar quente, mandei-o sentar numa cadeira tendo-lhe vestido previamente uma camisa de força, a fim de neutralizar quaesquer movimentos convulsivos e violentos que fizesse, e que se iam tornando cada vez mais amiudados, mórmente com os braços. Depois de sentado e bem coberto com cobertores de lã presos e conchegados ao pescoço, e d'ahi pendentes até ao chão, fiz collocar dentro d'elles dous brazeiros bem accesos, um de cada lado. Com um thermometro fui marcando a elevação da temperatura, que subiu a 30 gráus. Ao passo que esta se elevava, e que ao doente ia desapparecendo a sensação de frio que a principio accusara, começava elle a sentir-se mais desafogado; a saliva e a baba sahiam em maior abundancia e em fio, cahindo até por cima dos cobertores; a voz tornava-se mais desembaraçada e clara, e os spasmos e a difficuldade da respiração diminuiam-lhe a ponto de se conservar duas horas muito alliviado naquella atmospherá mais elevada. Conversava sempre agradecendo a todos com palavras muito affectuosas: a voz já era clara e serena, e a physionomia quasi natural.

—«Peço, disse elle então, que quando meu pae vier, lhe não digam que foi minha mãe quem me pôz neste estado; porque tenho a certeza de que foi ella com o que me deu a beber. Não

lhe digam nada, porque agora já não tem remedio: e se meu pae tal soubesse, batia em minha mãe, como já tem feito d'outras vezes.»

Depois começou a sentir-se mais afflicto, e pediu que o tirassem da cadeira e o deitassem numa cama baixa. Pediu tambem muito que o tirassem devagar e sem lhe fazerem vento.

Depois de deitado da maneira que havia pedido:—«Parece-me, disse elle, que *estou tam alto!....*» Notei esta singularidade, que havia lido como symptoma da hydrophobia rabica num artigo publicado pela imprensa jornalistica e attribuido ao dr. Buisson, o qual reputa remedio infallivel contra aquella doença os banhos de vapor de 60 gráus para cima, remedio cuja virtude therapeutica terei occasião de avaliar depois.

O doente ficou bem coberto e abafado; transpirou copiosamente e socegou. Pouco depois a respiração tornou-se-lhe mais difficul-tosa e embaraçada, mas ás convulsões menos repetidas e violentas; as faces lividas, e os olhos fixos e muito abertos; a baba cahia em fio dos cantos da bocca: e assim socegado e agasalhado, como se se dispozesse para dormir, expirou placidamente nesse mesmo dia pelas 6 horas da tarde.

A incubação da molestia durou dezenove dias completos, contados desde o meio do dia 31 de outubro até egual hora pouco mais ou menos do dia 19 de novembro; e a duração foi de 54 horas, contadas desde as doze do dia 19 de novembro até ás seis da tarde do dia 21.

Procurei occultar o mais possivel este doloroso acontecimento aos outros mordidos, porque receava que sabendo-o soffressem grave impressão moral, a qual em circumstancias tam criticas podia ser-lhes muito funesta. Consegui-o, quanto podia conseguir-se num hospital pequeno: e effectivamente os outros doentes, ainda a propria mãe do fallecido, não chegaram a saber da morte com certeza.

Logo depois, quando em minha casa lavei melhor as mãos com

agua de sabão, senti algum ardor. Reparei, e vi que procedia d'uma pequena arranhadura, de 4 a 5 millímetros de comprimento, feita juncto á articulação do dedo minimo com o osso metacarpico correspondente na face dorsal da mão esquerda. Todo embebido, como estivera, no tractamento do doente, não tinha eu ainda daõ por tal, nem soube mesmo como ou quando a arranhadura fosse feita: mas, que era recente indicava-o o sangue que ainda deitava, e provavelmente tinha sido feita com algum dos alfinetes que serviram para segurar os cobertores ao doente, em quanto tomou o banho de ar. Em todo o caso, como poderia ser que na ferida tivesse tocado alguma da baba espalhada pelos cobertores, escarifiquei-a logo, e cauterizei-a bem com manteiga de antimonio.

#### SEGUNDA OBSERVAÇÃO

Na noute do dia 27 de novembro falleceu aquelle doente da minha clinica civil, que no dia 25 havia soffrido um ataque apoplectico cerebral, como já referi por occasião dos banhos de vapor. O mordido Hilario dos Santos, que até então passara bem, sentiu e chorou amargamente aquella morte, apenas nessa mesma noute lhe chegou a noticia.

Perguntando-lhe eu a causa, disse-me que o fallecido era seu tio, e que fora sempre o seu maior amigo e bemfeitor. Recomendai-lhe que sócegasse, porque receei as consequencias do seu desgosto.—«Não posso, senhor, disse elle com profundo sentimento: deixe-me ao menos desafogar a minha dôr.»

No dia seguinte encontrei-o abatido, e perguntei-lhe como se sentia:—«Custa-me muito o golpe que soffri,» respondeu elle com tristeza.

Comeu pouco, como era de esperar; porem no mais continuou regular o seu estado. E assim passou esse dia 28 e o 29.

No dia 30 pelas 3 horas da madrugada, fui chamado á pressa

ao hospital para o ir ver. Encontrei-o sentado na cama. Não tinha dormido: o corpo tremia-lhe todo; os olhos estavam vivos e fixos; as pupillas dilatadas; os braços estendidos para deante e numa convulsão em tudo semelhante á que lhe viera no dia 25, depois que sahiu do banho de vapor. A convulsão terminou, e o doente ficou tranquillo, mas muito admirado de me ver ao pé de si. Na outra convulsão do dia 25 tambem havia perdido a memoria, e no fim não se recordava do que lhe tinha acontecido. De repente o rosto começou a injectar-se-lhe, as arterias temporaes a baterem com força, e o pulso a tornar-se duro e cheio. Como este estado se prolongasse, mandei dar-lhe uma sangria no pé: o sangue correu bem, e presentava aspecto normal. Pouco depois o doente voltou ao seu estado anterior, e o pulso tornou-se regular.

Mandei trazer-lhe agua para beber. Levou o vaso á bocca, porem com certa *repugnancia* e *susto*, retirando a cabeça ao passo que aproximava a mão. Bebeu, mas com alguma dificuldade. D'ahi a pouco dei-lhe vinho, que bebeu bem: mostrou desejo de me ter juncto de si; e, conseguido isto, ficou socegado e sem soffrer mais convulsão nenhuma. Toda esta excitação foi diminuindo a ponto de o doente se achar quasi regular ás 8 ou 9 horas da manhã, sentindo todavia *repugnancia* á agua mais que a qualquer outro liquido. A inspiração era por vezes um pouco mais funda, mas sem difficuldade grande, e de sorte que nem elle mesmo dava por isso.

Logo que cheguei ao pé d'este doente, mandei retirar para a infermaria commum os outros mordidos do mesmo sexo, que estavam accordados e residiam na mesma infermaria, dando por pretexto o não haverem dormido, e o ser semelhante falta muito prejudicial á sua saude.

Chegou a hora do almoço; e perguntando eu ao Hilario se queria comer, respondeu-me que não tinha vontade de comer senão pão e gallinha. Mandei então vir uma e outra cousa: comeu com todo o desafogo e naturalidade, e bebeu um copo de vinho, fa-

zendo porem um leve movimento convulsivo. Assim passou todo esse dia 30 até á noute, conversando, e sentindo só certa repugnancia á agua, que ainda assim bebia, porem só d'uma vez, ou d'um golo; e ao vinho, que bebia com menos difficuldade, porem tambem só d'um jacto.

Á noute começaram a manifestar-se os spasmos dos musculos respiratorios com inspirações mais fundas de quando em quando, e por isso puz o doente no uso das perolas de ether. A sua phisionomia era regular, e o proceder para com todos natural. Ás 11 horas da noute sahi deixando-o socegado mas com grande insomnia, e recommendei aos infermeiros que lhe continuassem a administrar as perolas de ether.

No dia 1 de dezembro de manhã encontrei-o mais excitado, a respiração mais convulsiva, porem o pulso normal. Disseram-me os infermeiros que exactamente ás 3 horas da madrugada tivera outra convulsão semelhante á primeira, e que o seu estado seguira as mesmas vicissitudes da vespera, melhorando de manhã. Administrei-lhe uma perola de ether, e quando a tomou, fez movimentos convulsivos com a cabeça e braços, porem mais violentos que no dia antecedente. Quando lhe davam agua, parecia que se engasgava, e era necessario não demorar a passagem do liquido pela pharinge. — «Parece, dizia elle, que ha cá dentro uma força que me não deixa engulir.»

As inspirações eram mais fundas e convulsivas. Perguntando-lhe eu o que sentia:—«O mal que sinto, respondeu, principia-me nas unhas dos pés, sobe rapidamente por mim acima, não me deixa respirar, e vem apertar-me aqui», e apontava para o peito e garganta.

— Mas que mal é esse? insistia eu; explique-me isso melhor.

— Não me sei explicar. Parece-me um *susto*, um *vapor* (é a propria expressão de que elle se serviu) uma cousa que não sei dizer o que é.»

Duplicuei a dóse das perolas. As frequentes eructações que so-

brevinham, alliviavam-no muito. Fóra da occasião das convulsões, que se iam tornando cada vez menos frequentes e violentas, o seu estado e physionomia eram regulares, menos quanto ao sentimento de *receio* ou *medo* que lhe causava a bebida da agua e ainda a do vinho, ou a deglutição das perolas. Em summa, este receio era representado pelo esforço que o doente fazia para aproximar o objecto principalmente o liquido á bocca, da qual tendia a afastal-o em razão do embaraço da respiração, e das inspirações convulsivas mais frequentes, em quanto o não engulia, e pelos movimentos desordenados dos braços e já tambem do tronco: engulido que fosse, todo aquelle aparato terminava quasi de repente. O pulso conservava-se regular, menos quando havia convulsões, durante poucas das quaes se accelerou um tanto.

Almoçou em pequena quantidade gallinha e pão, alimento que preferia a qualquer outro, e tambem um golo de vinho. *A deglutição dos alimentos solidos era feita com o maior desafogo e naturalidade*, só a dos liquidos era convulsiva.

Neste dia começou a *impressional-o desagradavelmente a agitação do ar*.

Até ao meio dia passou assim, mais ou menos incommodado, com os symptomas que deixo referidos, e que foram diminuindo gradualmente. Jantou do mesmo modo que almoçara. Desejou dormir e fez esforço para o conseguir, mas não pôde. A insomnia era constante, porem esteve socegado e sem convulsões nem dyspnêa durante tres horas, passadas as quaes lhe administrei a emulsão commum opiada. Com ella dormiu perto de tres horas, e acordou muito alegre e alliviado; porem o receio da agua e as convulsões por occasião da deglutição da perola continuaram as mesmas. Assim se conservou o resto d'aquella tarde, e até ás 10 horas da noute, em que o deixei socegado, rindo e conversando com sua mulher e filhos, e com um amigo cuja companhia pedira instantemente de manhã.

Notei por vezes que á mulher ora fallava com meiguice, ora

com desabrimento, quando ella não lhe satisfazia de prompto suas vontades, mostrando *ciume*, chamando-lhe ingrata, etc. Aos filhos fallou sempre com muito amor e brandura.

Nesta tarde comecei a sentir, mas ainda pouco activo, aquelle *cheiro canino* especial, de que fallei na descripção anterior.

Como o doente nessa tarde tivesse passado com muito allivio, convidei-o a tomar um banho de vapor, o que prometteu fazer, mas só no dia seguinte.

De noute mandei suspender o uso das perolas de ether, o que elle tambem já me tinha pedido com instancia. Em 24 horas tomou 100 grãos de ether pouco mais ou menos.

Dia 2.—Fui vel-o cedo. Achei-o sentado na cama com os olhos vivissimos e nimiamente abertos, a ponto de se lhes ver a sclerotica em toda a circumferencia da cornea: as pupillas estavam dilatadas, loquacidade extrema, convulsões poucas e menos violentas, maior dyspnêa, insomnia, os labios sardonicos, e o *cheiro canino* especial. Às 3 horas da madrugada os symptomas recrudesceram, assim como nos dias antecedentes. Propuz-lhe o banho de vapor; respondeu-me que o tomaria, se eu primeiro o deixasse ir em penitencia a uma ermida, que ficava a 1 kilometro de distancia. Não o pude dissuadir; e notei que, quando o contrariavam, se excitava muito, porem sem jamais faltar ao respeito nem a mim nem ás outras pessoas. Repetidas vezes me agradecia os bons serviços que lhe prestava, e sempre se mostrou muito reconhecido.

Como eu desejava observar o effeito dos banhos de vapor, annui ao pedido do doente, sem reccear que practicasse algum desacato, pois nunca mostrou tendencia para tal, nem elle nem o outro de que tractei na observação antecedente. Além d'isto esperava eu que elle, não podendo sustentar a impressão do ar da rua, voltasse logo para casa; mas enganei-me.

Vestiu-se cambaleando um pouco; as pernas e as mãos tremiam-lhe, e o andar era vacillante; então começou tambem a ap-

parecer a salvação mais frequente. Estavamos sós na enfermaria; e eu, mandando-o esperar, fui consultar o provedor da misericórdia, também encarregado do hospital, relativamente á sahida d'este doente. Quiz elle mesmo acompanhar-nos no passeio, e eu voltei adeante para o hospital. Entretanto o doente, já vestido, tinha sahido para um corredor contiguo á enfermaria. Apenas o viram vir, os dois enfermeiros e os dois ajudantes que, nada sabendo do que era passado, cuidavam que o doente queria fugir, lançaram-se a elle e prenderam-no. Vendo-se preso de repente e sem saber porquê, indignou-se e pôz logo dois fóra do combate; o terceiro fugiu assustado; e o quarto, que não podia fugir, abraçou-o por detrás e prendeu-lhe os braços. Assim mesmo o doente batia com elle de encontro á parede.

Este incidente causou grande arruido e susto no hospital; e as pessoas (parentes, amigos e curiosos) que estavam fóra á espera do doente para o acompanharem no passeio, também se assustaram, e iam já fugindo, quando eu appareci. Informado do occorrido, dirigi-me ao doente e mandei que o soltassem: elle, apenas me viu, começou a queixar-se da violencia que lhe tinham feito. Admoestei-o com brandura, e fomos ambos sós para dentro, pedindo-me elle entretanto muitas desculpas.—«Os culpados de tudo foram elles (os enfermeiros); prenderam-me sem razão, que eu não queria fugir. Eram quatro; mas nem que fosse uma duzia, eu tinha medo d'elles.» Dizendo isto parou de repente, e accrescentou: —«*Ó senhor, não faz idéa da força que tenho! esta doença dá muita força!*»

Cambaleava e tremia todo, o seu andar era muito incerto e irregular, e o corpo inclinava-se muito para trás (opisthotono).

Chegou entretanto o provedor, e sahimos todos, indo o doente pelo braço da enfermeira, como havia pedido para mostrar que não queria fazer mal. Caminhava do modo que disse, a passos incertos, com as pernas deitadas muito para deante, sem regularidade nem harmonia de movimentos, e de modo semelhante aos

affectedos da doença de Duchenne, com o corpo muito hirto e inclinado para trás, salivando e expectorando copiosamente. Todo o caminho foi ou cumprimentando as pessoas conhecidas que encontrava, ou fallando só comsigo. Pisava com desassombro a agua que corria pelo caminho, e pedia-me até que me desviasse para não me molhar, pois antes d'isto dera-lhe eu o braço para o amparar e segurar.

Chegando finalmente á ermida, fez deante do altar a sua oração em voz alta; e depois de se demorar meia hora, voltou do mesmo modo que fora. Á vinda cançou, porque tinha de subir; e por isso desde o meio do caminho até ao hospital veio a cavallo e só, sem ninguem o segurar.

Fora testemunha de todo o incidente violento, occorrido no hospital antes da sahida do doente, Maria da Pena, que estava tambem á porta, e que eu tinha mandado retirar, mas que a despeito d'isso se deixara ficar e presenciou tudo.

Sou talvez prolixo nesta exposição: certo porem da verdade e interesse de todo o exposto, assim o referi intencionalmente, para adiante em logar separado presentar as considerações que me suggeriu a observação de todos estes factos.

Chegou o doente ao hospital. Vinha cançado e offegante. A salivação era mais copiosa, e augmentava gradualmente mas ainda sem fazer fio, apenas muito solta, spumosa e alvissima: quando lhe vinha á bocca, precisava de a expellir rapidamente, porque tinha susto d'ella; e expellia-a com violencia e repugnancia e no meio d'uma convulsão. Ás vezes sorria-se maravilhado de ver (cuidava elle) andar pelo ar (para onde apontava) alguns *bocaditos de papel* ou outros objectos que estavam realmente espalhados no chão; outras vezes proferia palavras incoherentes e sem nexo, como se seguisse um pensamento interior.

Deitou-se sobre a cama e pediu de comer, mas disse que só comeria lombo de porco, se lh'o dessem. Mandeí que lh'o servis-

sem, e effectivamente comeu pouco, mas com appetite e desafogo.

Duas horas e meia depois pouco mais ou menos cumpriu a promessa, e com alguma tremura metteu-se no banho de vapor. Antes de começar a tomar-o sobrevieram-lhe vomitos biliosos, e a saliva já então era mucosa e corria em fio, era verdadeira baba e muito abundante.

Tomou o banho na temperatura constante de 50 graus centigrados, e só durante 20 minutos, porque entrou a sentir-se incommodado, e pediu-me que o retirasse. A salivação e a baba diminuíram, a transpiração era copiosa. Então começou a vomitar bilis em grande quantidade, e muito animado pediu agua morna para ajudar o vomito, dizendo com alegria que aquelle era o meio de se pôr bom, e o remedio que o havia de salvar.

Como porem tivesse os braços impedidos dentro da roupa, foi necessario que eu mesmo lhe deitasse a agua na bocca. E então occorreu uma circumstancia que não devo omittir, e que mais tarde me causou algum sobresalto. Serve isto para pôr de sobreaviso os meus collegas, que acaso se encontrem á cabeceira de doentes affectados de molestia semelhante. A falta da practica frequente de doenças contagiosas tam graves como esta, é muitas vezes causa de que o clinico assistente se esqueça do perigo que corre, e deixe de empregar as necessarias precauções.

Todo distrahido com o tractamento do doente, e desejando não lhe dar a agua nem muito fria nem muito quente, para melhor promover o vomito, provei-a primeiro e muitas vezes eu mesmo, sem reflectir que tocava aquella parte do vaso que havia estado em contacto immediato com a bocca do hydrophobo, já cada vez mais infectada com a baba; e que d'esse modo não só inquinava com esta a minha mucosa buccal, mas engulia talvez alguma porção. Ainda que é opinião geral que a hydrophobia rabica não se communica de homem a homem, e que, quando tal aconteça, é sempre por meio

da inoculação feita em alguma solução de continuidade; todavia basta ser isso ainda objecto de duvida, para o clinico dever evitar e impedir qualquer contacto com o virus rabico.

Vomitou pois este doente consideravel quantidade de bilis durante 40 minutos pouco mais ou menos, e com isso socegou duas horas talvez, não cessando entretanto a baba de correr pelos cantos da bocca. Passadas ellas a voz foi-se-lhe sumindo, os olhos abriram-se ainda mais, o rosto assumiu a côr violacea, a baba corria em maior abundancia, a bocca appareceu mais sardonica, a transpiração augmentou, a respiração foi enfraquecendo, a immobillidade era absoluta: e assim agasalhado, no decubito lateral, como se fosse dormir, expirou tranquillamente ás 6 horas da tarde do dia 2 de dezembro.

Durou por conseguinte a incubação da molestia 31 dias menos 4 horas; e a molestia mesma 63 horas, contadas desde as 3 da madrugada do dia 30 de novembro até ás 6 da tarde do dia 2 de dezembro. O doente passou triste os dous dias anteriores ao apparecimento da molestia em razão da morte do tio, e sem soffrer outro incommodo.

#### TERCEIRA OBSERVAÇÃO

Maria da Pena, mãe do fallecido Manuel Murillo, tinha sahido do hospital no dia 1 de dezembro junctamente com os outros mordidos, excepto Joaquim Antonio Corvello. Presenciando no dia 2 toda a scêna violenta, occorrida no hospital entre *Hilario dos Sanctos* e os enfermeiros, como deixo referido, voltou muito impressionada e triste para casa de sua irmã Libania, outra mordida, em cuja companhia habitava; até esse tempo havia passado perfeitamente.

No dia 4 d'esse mez pelas 11 horas da manhã apresentou-se

á porta do hospital acompanhada por um seu cunhado. Vinha muito violentada, e resistiu a entrar e a ir para as enfermarias, onde habitaram os mordidos, onde desconfiava que tinha morrido seu filho, e onde sabia que se finara o doente, cuja lucta a impressionou tão desagradavelmente. Depois de porfiada insistencia pude eu mesmo resolvê-la a entrar.

Contou-me que no dia antecedente jantara regularmente, mas tivera indigestão: que seriam 2 horas da tarde pouco mais ou menos, sentira certo *reparo* ou *repugnancia* a beber agua, e que o cunhado dando por isso á noute a trouxera hoje, 4, para o hospital quasi forçada.

O estado que presentava era o seguinte: rosto macilento, olhos encovados com a expressão ordinaria e um circulo escuro em volta, lingua muito saburrosa e amarellada, dôr no epigastrio, enfarte d'estomago, náuseas, voz clara e normal, movimentos regulares, andar natural, pulso normal, e queixava-se de insomnia.

Administrei-lhe um emeto-catartico em dois papeis. Quando foi a tomar o primeiro em agua morna, olhou muito para ella, e quando ia a beber-a, *repugnou*, desviando como *enjoada* a cabeça, ao mesmo passo que a mão levava o liquido á bocca. Por fim bebeu *só d'um golo* suffocando-se e tendo uma leve convulsão, assim como os primeiros doentes. Consegui que bebesse alguns golos d'agua, mas sempre o fez com *repugnancia* e entre uma *convulsão*. Tomou o segundo papel do mesmo modo que o primeiro. Vomitou uma quantidade de bilis consideravel, talvez 400 grammas, e tinha bebido muito pouca agua. O estomago ficou depois socegado e sem náuseas nem dôr. Teve cinco ou seis dejecções alvinas, abundantes e biliosas.

Á noute dei-lhe um banho de vapor de 45 grãos centigrados por espaço de 30 minutos. Entrou nelle sem repugnancia e lá se conservou sempre bem, até pedir que a deixassem sahir; depois ficou em perfeito socego transpirando hora e meia copiosamente.

Conversava e fallava, como se nenhum mal tivesse, mas só quando a provocavam, porque era naturalmente de poucas fallas. Nesse dia não lhe dei alimento.

À noute *queixou-se de sede, mas não quiz beber agua* nem outro liquido.

Dia 5.— De manhã voltei para juncto d'ella. Não tinha dormido nem sentia somno. A phisionomia era natural; estava alegre, e conversava naturalmente, quando a isso lhe davam occasião. Almoçou, como em seu perfeito estado de saude, a gallinha e pão que pedira. Não teve a mais pequena dyspnêa nem convulsão, nem apresentou outro signal exterior que indicasse doença. Passeava pela infermaria; continuava a queixar-se de sede, mas sempre sem querer beber; tinha alli a agua proxima, queria vel-a, e não lhe mostrava receio.

Tres horas depois de almoçar tomou segundo banho de vapor, igual ao do dia antecedente. Metteu-se no banho sem o menor reparo, e lá se conservou bem durante 30 minutos; sahiu então, porque já começava a sentir-se afflicta. Transpirou copiosamente, e depois jantou com toda a naturalidade gallinha e pão, assim como havia almoçado. D'este modo se conservou em perfeito estado, sentindo apenas *repugnancia, medo*, e quasi impossibilidade de beber.

Qualquer pessoa, ainda competente, que sem estar prevenido a visse e conversasse sobre tudo, menos quanto a *beber agua*, não conheceria que aquella infeliz era victima d'uma doença que em breve e sem remedio lhe arrancaria a vida. Assim passou todo esse dia e a noute seguinte.

Dia 6.— Estava já na cama. Tinha os olhos mais brilhantes, vivos e abertos, as pupillas dilatadas, alguma loquacidade, alguma dyspnêa á mais leve agitação do ar, pulso normal, spasmos dos musculos respiratorios com algum sentimento de constricção; a insomnia continuava a mesma. Mandeí fazer-lhe fricções frequentes com pomada de dóse dobrada de extracto de belladonna sobre

o thorax e epigastrio; sentiu-se alliviada, e disse que respirava melhor. Almoçou do mesmo modo que no dia antecedente. Tinha sede mais violenta, mas de forma nenhuma queria beber agua, *que pediu para ter perto de si, e até algumas vezes pegou no vaso que a continha para o levar á bocca, mas logo o puz de parte.*

Não consentiu em tomar novo banho; e assim se conservou até ao meio dia pouco mais ou menos. Depois começaram a aggravar-se-lhe os symptomas: já apparecia mais a dyspnêa, occasionando porem só inspirações um pouco mais fundas, e a loquacidade era maior. Pediu-me que lhe mandasse fazer a cama num canto da enfermaria, aonde não lhe chegasse o ar, porque no sitio onde estava fazia muito. Não era realmente assim, mas não duvidei fazer-lhe a vontade. A dyspnêa porem persistia a mesma, e até algumas vezes mais forte, occasionada ainda pela simples respiração de qualquer pessoa que fallasse juncto d'ella.

Quando passou d'uma cama para a outra, cambaleava, como se estivesse embriagada; andava com passos incertos e irregulares, deitando as pernas muito para deante, do mesmo modo que o outro doente, sem harmonia de movimentos, com o corpo inclinado para trás e hirto.

A saliva, que até alli era regular, começou então a apparecer alvissima, espumosa, solta e mais abundante. Expellia-a porem com toda a naturalidade, demorando-a mesmo na bocca até tomar o vaso para a lançar. Neste dia de manhã tinham ido para juncto d'ella pessoas da familia. Ao jantar comeu naturalmente; queixava-se de fome, mas ainda deixou gallinha e pão.

Foi-se manifestando tambem e cada vez mais activo aquelle cheiro *canino* de que já fallei, e que então comecei a reputar caracteristico. Os symptomas ião-se aggravando cada vez mais.

Á tarde, quando voltei, tinha ella os olhos vivissimos, brilhantes e muito abertos, e as pupillas mais dilatadas; a loquacidade era extrema, a saliva abundante e já correndo em fio, o riso sardo-

nico. Apenas me avistou, sorriu-se, e pediu-me que me aproximasse para me communicar um segredo; e chegando a bocca ao meu ouvido disse-me: — «*Aquellas mulheres* (e apontou para umas que estavam na infermaria, e que eram pessoas de sua familia) *disseram que eu estava derramada; e por isso quero que me mande benzer e dar os bolos*<sup>1</sup>.» Perguntei ás dictas mulheres se realmente tinham dicto aquillo: responderam que sim, mas fóra da infermaria, e a tanta distancia e tam baixinho, que era impossivel que a doente ouvisse.

Por vezes lhe vinham á bocca gorgoladas de baba, que já não podia conter, e deixava cahir sobre a roupa da cama; não havia convulsões, e a dyspnêa nem era mais intensa nem as provocava.

Assim continuou, aggravando-se consecutivamente o seu estado, até que ás sete horas da manhã do dia 7 expirou tranquillamente e agasalhada na roupa, como os dois primeiros doentes.

A doença durou 89 horas, contadas desde as 2 da tarde do dia 3 de dezembro até ás 7 da manhã do dia 7; e a incubação durou 33 dias.

#### QUARTA OBSERVAÇÃO

O rapaz Joaquim Antonio Corvello tinha ficado no hospital a tractar-se das feridas da cabeça, que ainda não estavam cicatrizadas. Mudado para a infermaria geral ahi esteve sempre satisfeito, e concedeu-se-lhe licença de passear no *jardim da casa*. No

<sup>1</sup> Nestas terras costumam tractar as pessoas mordidas por animaes rai-vosos benzendo-as primeiro durante tres dias consecutivos, tocando-as depois com uma reliquia de S. Romão, e dando-lhes a comer certos bolos compostos de varias substancias amargas e balsamicas, cujo conhecimento passa por segredo possuido por uma ou duas familias. Eu pude haver á mão uma formula d'esses bolos, da qual fallarei noutro logar.

dia 26 de dezembro comeu alguns bolos fritos, que lhe tinha dado a cosinheira sua avó.

No dia 27, seriam tres horas da manhã, rompeu subitamente em altos gritos, arrancados por uma cephalalgia violentissima, que lhe tomava a região frontal e as parietaes; enfermeiros e doentes a todos acordou. Às 8 horas vi-o: transpirava um pouco, o pulso dava 140 pulsações por minuto, a dôr de cabeça era ainda intensa, a lingua saburrosa e biliosa. Tomado um emeto-catartico, expulsou grande quantidade de bilis. Tomou-o sem repugnancia nem receio, e bebeu sempre por sua mão a agua necessaria para o bom effeito do medicamento. Ao mesmo tempo prescrevi-lhe a pomada mercurial dupla, applicada em fricções em torno das feridas, e na parte interna dos membros thoracicos e abdominaes.

Assim passou todo aquelle dia, sem mostrar signal nem symptoma algum caracteristico da doença de que falleceu quatro dias depois. A primeira vez que lhe tomei o pulso, notei na mão direita uns pontos, como cicatrizes, elevados e rubros. Não me recordei então de que o doente havia sido mordido naquella mão, e perguntei-lhe o que era.—*«Foi do bicho»* respondeu elle muito depressa.

As feridas da cabeça não lhe doíam. A transpiração augmentou pelo dia adeante, e á noute era copiosissima. Bebeu em todo o dia muita agua sempre naturalmente, e sem a menor repugnancia nem difficuldade.

Dia 28.—O pulso batia 100 pulsações por minuto, a transpiração cutanea continuava copiosissima a ponto de repassar toda a roupa da cama, as mãos estavam tremulas e as pupillas um pouco dilatadas; tinha dormido. Como no dia antecedente só havia tomado caldos, accusou fome e pediu de comer; e querendo eu certificar-me da verdade d'aquella necessidade, mandei dar-lhe galinha, arroz e pão, que comeu naturalmente e com bom appetite, e logo em seguida bebeu agua. Comecei então a notar o tal cheiro *canino*, de que já tenho fallado.

Em presença d'este signal, que já então reputava pathognomico, desvaneceram-se-me quaesquer duvidas que ainda podesse ter relativamente ao diagnostico da doença, que a principio podera tambem ser consequencia da indigestão causada pelos bolos fritos. A lingua estava normal, e a dôr de cabeça muito diminuida. Como não tinha tido dejecções alvinas, fiz-lhe administrar os calomelanos com a magnesia em dóse purgativa, de duas em duas horas. Tres só que tomou, produziram o effeito desejado. Continuou a sentir-se cada vez melhor, accusando sempre bom appetite, comendo o que lhe davam, e bebendo naturalmente a agua que pedia; mas o suor continuava sempre copiosissimo.

De tarde pediu-me licença para se levantar: não lh'a concedi por elle ter ainda alguma febre, e eu desejar que a transpiração continuasse copiosa. Mandeí administrar-lhe de duas em duas horas os calomelanos, como alterantes, os quaes tomou sempre com a melhor vontade, pedindo-os até, quando era chegada a hora. Comeu com appetite alguma gallinha, arroz e caldo, e assim se conservou o resto do dia. Á noute, quando voltei a vel-o, encontrei-o livre de febre e dormindo tranquilla e naturalmente.

Dia 29.—Continuava sem febre, dizendo que estava bom: appetite real; bebia agua e tomava os calomelanos com toda a naturalidade; o tremor das mãos era maior; já *receava* pegar no copo da agua com *medo de o deixar cahir*, e por isso *bebia-a* da mão das outras pessoas, a quem a pedia com muita frequencia. De noute tinha dormido bem. Levantei-lhe de proposito a roupa juncto do pescoço, e deixei-a cahir de repente, e de modo que fizesse vento; notei que nesse momento a inspiração foi um pouco mais funda e um tanto convulsa. Ainda não tinha apparecido nem a salivação mercurial nem a propria da doença. Continuava comendo e bebendo sempre bem, e a supuração das feridas da cabeça era mais abundante.

Dia 30.—Encontrei o doente no mesmo estado, em que o dei-

xara na vespera, dizendo que estava bom. De noute dormira bem. Bebeu e comeu ao almoço naturalmente, e pediu-me que o deixasse levantar. O tremor era maior, e a transpiração cutanea sempre copiosa, o que denotava grande abalo e depressão no systema nervoso. A posição na cama era natural. Administrei-lhe a infusão de valeriana e serpentaria, de que tomou só um copo, e mandei applicar-lhe dois vesicatorios nas extremidades inferiores. Ao meio dia teve um vomito bilioso, e ajudado com um vomitorio lançou grande quantidade de bilis. Pouco depois sobreveio a salivação muito solta, liquida e sem espuma. As gengivas mostravam-se rubras e tumidas.

O acto de expellir a saliva foi acompanhado d'uma pequena convulsão. Continuava respirando livre e regularmente, e do mesmo modo comia e bebia, e assim se conservou toda aquella tarde; só á noute, quando bebeu agua, é que teve pela primeira vez um movimento convulsivo pequeno e momentaneo. Perguntando-lhe eu se queria comer alguma cousa, porque ao jantar havia tomado pouco alimento, respondeu que sim, porem mais tarde: offereci-lhe chocolate, que acceitou e tomou algum, e depois bebeu agua sem grande dificuldade. Note-se agora que este doente, alem da grandissima differença que presentou quanto ao numero e intensidade dos symptomas relativamente aos outrós que succubiram, sempre bebeu a agua por sorvos continuados e demorados, e nunca d'um só jacto ou golo.

De noute passou um pouco mais inquieto, mas sem loquacidade, que nunca teve; continuaram sómente os symptomas que deixo referidos.

Dia 31.— Ás 5 horas da manhã teve uma dejecção alvina biliosa. Conversou algum tempo com o enfermeiro, e depois agasalhou-se como para dormir. Aquelle estado foi declinando gradualmente, e ás 6 horas o doente expirou sem agonia nem convulsão.

A molestia durou 99 horas, contadas desde as 3 da madrugada do dia 27 de dezembro até ás 6 da manhã do dia 31. A incubação durou 57 dias menos algumas horas.

As observações que deixo descriptas falta o competente remate; são as respectivas necropses. É consideravel e quasi essencial esta falta, mórmente em presença das opiniões contradictorias sobre a anatomia pathologica da hydrophobia rabica. A falta porem é uma consequencia de não haver por em quanto opinião assentada a respeito da verdadeira indole d'esta molestia, de não se conhecer com certeza a marcha e a propagação de suas propriedades contagiosas; é uma consequencia emfim do atraso da sciencia relativamente a um dos pontos essenciaes e importantissimos d'esta notavel molestia. Ha ainda muitas duvidas e muitos receios: d'ahi a prudencia e a cautela, por ventura excessivas, mas sempre justificadas.

Como disse, seguidamente á morte do individuo que foi objecto da primeira observação, dei eu por uma pequena arranhadura que tinha num dedo da mão esquerda. Entrei em duvida sobre a causa d'ella, ainda que tive desde logo por muito provavel o haver sido feita com algum dos alfinetes que seguravam os cobertores do doente; mas, como podesse tambem haver-lhe tocado alguma baba que o mesmo doente expellia para diversas partes e até para cima dos cobertores, por cautela e para tirar receios escarifiquei a arranhadura e cauterizei-a: por esta razão não pude fazer a necropse do primeiro doente.

Ao mesmo passo que a escara d'aquelle dedo se ia separando, formaram-se em alguns dos outros dedos da mesma mão esquerda e depois nos da direita uns pequenos phlegmões, ou furunculos, muito dolorosos, terminando uns e apparecendo outros por espaço de 30 a 40 dias; e esta foi a razão porque tambem não pude fazer nenhuma das outras necropses.

Pouco porem poderia eu adeantar neste ponto, em vista dos recursos limitadissimos de que dispõe este hospital, destituído dos instrumentos adequados, e sem pessoa idonea que podesse coadjuvar-me em tam melindrosas investigações.

## II

### Estudos geraes sobre a hydrophobia rabica

---

#### I. DOS PRODROMAS

Geralmente, consideram-se precursores da hydrophobia rabica os phenomenos seguintes: um mal estar indefinivel, desassocego, cephalalgia violenta, tristeza, abatimento physico e moral, perda de appetite, dôr aguda nas feridas, as quaes ou ainda abertas ou já cicatrizadas mudam de aspecto, tornando-se mais elevadas e volumosas e chegando até algumas a abrir; muitas picadas naquellas mesmas partes, e dores em diversos pontos do corpo, mórmente no thorax; excitação violenta das funcções intellectuaes e dos órgãos dos sentidos, somno agitado por sonhos penosos e assustadores, pulso acelerado e algumas vezes febril, e vomitos biliosos.

Pode porem acontecer que a molestia se declare sem apparecer antes signal ou symptoma algum precursor. Nos casos das observações acima descriptas temos exemplos d'isso, com differenças grandes e mudanças consideraveis relativamente aos symptomas que os auctores em geral apontam como precursores, ou prodromas. Apareceu, é verdade, em todos os doentes a turgescencia gastrica e os vomitos biliosos, em alguns a cephalalgia

e o pulso acelerado, e só num as convulsões epileptiformes; porém também ao mesmo tempo se manifestaram alguns dos symptomas característicos. Todavia no doente que fez objecto da ultima observação, podem os prodromas considerar-se mais salientes, por haver decorrido maior espaço de tempo entre o apparecimento d'elles e o dos symptomas característicos da hydrophobia rabica. Ainda assim a febre intensissima, a turgescencia gastrica, os vomitos biliosos e a sede que soffreu, podem haver-se mais como symptomas d'um incommodo concomitante, do que como prodromas rabicos propriamente dictos, visto que appareceram pouco depois de o enfermo ter comido alguns bolos fritos, e trouxeram por isso o cunho d'uma verdadeira indigestão. No entanto appareceram ao mesmo tempo symptomas que não podem deixar de reputar-se precursores ou prodromicos, como foram a mudança de aspecto nas cicatrizes da mão, o suor copiosissimo, e a cephalgia muito violenta em disproporção talvez com o estado saburroso, e que foi diminuindo gradualmente até terminar para dar logar aos primeiros symptomas característicos da doença, — o cheiro canino especial, a viveza dos olhos, etc.

E se considerarmos estes symptomas em relação aos diversos doentes das observações descriptas, também havemos de notar differenças palpaveis. E com effeito, no primeiro appareceram os symptomas característicos com o desarranjo das funcções digestivas; e no segundo só poderão reputar-se prodromas a tristeza que tomou tres dias antes, e a falta de appetite concomitante: todavia a tristeza teve sua causa notoria e incontestavel, a morte do tio que o doente tanto prezava e cuja perda tanto sentiu, e d'esta causa proveiu a anorexia, como de ordinario acontece. Não deverá porém ter peso e valor prodromico, no primeiro doente aquelle *susto repentino* que appareceu oito dias antes, e no segundo aquella *convulsão epileptiforme* por occasião do banho de vapor, em tudo semelhante á outra, pela qual principiou a manifestação da molestia alguns dias depois? Parece-me que sim: comtudo só

observações futuras, encaminhadas neste sentido poderão esclarecer-nos a semelhante respeito.

No terceiro caso também os primeiros symptomas rabicos coincidiram com os que podiam reputar-se prodromicos, como foi o desarranjo das vias gastricas, quando a doente entrou para o hospital; todavia, no dizer da familia, ella andava triste desde que presenciou a scena violenta que referi na historia respectiva, capaz de impressionar animos inteiramente desassombrados, quanto mais a ella, pobre mulher, e que já estava moralmente disposta. A tristeza pois também podemos assignar sua causa, talvez independente da propria molestia; e ainda durante ella a doente continuou comendo, bebendo e trabalhando como d'antes, e só na vespera do dia em que deu entrada no hospital é que se sentiu mal, depondo pelo vomito quanto havia comido; então começou também a familia a desconfiar que ella estivesse atacada.

Em summa, pode contestar-se a existencia de verdadeiros prodromas rabicos nos quatro casos de hydrophobia que observei e descrevi; não só porque em geral o apparecimento d'elles foi simultaneo com o dos primeiros symptomas caracteristicos da molestia, senão também por que todos tiveram sua causa determinante, e não foram effeitos espontaneos ou simples manifestações da causa efficiente, embora latente, da hydrophobia rabica.

Não concordam os auctores quanto ao tempo que se prolonga este estado precursor: opinam uns, como *Andral*, que dura 24 horas; dizem outros, e entre elles *Bayle*, que dura 8 dias; alguns finalmente não lhe assignam praso nenhum.

## II. DOS SYMPTOMAS

1.º SYMPTOMAS GERAES. Nos individuos affectados de hydrophobia rabica dão-se certas modificações das funcções, que são constantes, e certas outras que o não são.

Horror aos líquidos, difficuldade e até impossibilidade de os engulir, menor aversão e difficuldade de engulir os solidos; violentos accessos convulsivos por essa occasião e ainda fóra d'ella; impossibilidade de ver algum corpo polido, sem que appareça o terror pintado no rosto; constricção de garganta; suffocação; excitação dos sentidos; loquacidade; insomnia; contracção spasmodica dos musculos thoracicos, a qual difficulta e entrecorta a respiração; expulsão continua e abundante de baba e saliva espumosa e glutinosa; face pallida e aterrada; olhos esgasiados; sede ardente; accessos de convulsões geraes: eis aqui o quadro de symptomas que os pathologistas em geral apontam como pathognomonicos d'esta doença, e que augmentando gradualmente de intensidade, terminam quasi de todo para dar logar á morte, que a uns vem sem esforço nem agonia, e a outros no meio do furor e de convulsões horriveis.

Ha porem alguns phenomenos que podem deixar de manifestar-se sempre, e cujo apparecimento todavia, coincidindo com o d'alguns dos primeiros, constitue a hydrophobia rabica; são estes: uma vontade e até necessidade irresistivel de cuspir, morder e mal tractar ás vezes a si proprios, ou as outras pessoas, ou ainda os objectos presentes; possibilidade de beber vinho ou caldo mas com horror e repugnancia, e impossibilidade de beber e até de ver a agua e de ouvir o som d'ella sem sobrevirem accessos de raiva e convulsões geraes; grande suffocação, agitação, delirio e hallucinações; grande excitação nos orgãos genitales, a ponto de apparecer a nymphomania ou o priapismo; pulso frequente e menos vezes normal; soluços; alteração profunda nas faces, e côr azulada nos labios e dedos; voz rouca, e o doente procurando a escuridão por não poder supportar a côr branca dos objectos.

Em relação a esta ordem de symptomas, diz *Andral* no seu *Curso de Pathologia Interna* que cha casos em que a intelligencia se conserva intacta; socegado e tranquillo o doente sente o perigo e chora, está triste e deplora o seu estado, etc.: ha outros

em que a intelligencia, no principio intacta, se vae perturbando ao passo que os accessos augmentam: outros finalmente em que, perturbada a intelligencia logo no principio, os doentes cahem num completo estado de delirio, cuja manifestação differe nas diversas especies de animaes; assim o cão tem necessidade de morder, ao mesmo passo que o homem annuncia o seu furor por outros actos. A força muscular tambem é excitada, mas diminue com o progresso do mal. Os sentidos soffrem tambem notaveis modificações. Conta *Magendie* que um individuo surdo de nascença ouvia muito bem durante os accessos de raiva. Algumas vezes manifesta-se a nymphomania.» Este auctor termina depois do modo seguinte: «Uma vez desinvolvida, esta doença é constituida por certo numero de *accessos* similhantes aos que acabamos de descrever: nos intervallos dos accessos os doentes, umas vezes cahem em prostração, outras podem beber, o que é raro; as forças gastam-se com os accessos; e por fim cobrem-se muitas vezes de suor frio e viscoso, e morrem no *meio dos accessos de convulsões*, ou exhaustos de forças, ou desinvolvendo forças consideraveis, ou no meio d'um *acesso de dyspnêa.*»

No seu excellento *Tractado de Hygiene Publica* diz *P. F. Monlau* que o individuo affectado de raiva morre no quinto, sexto ou oitavo dia da invasão entre *spasmos e convulsões*, e comprehende neste praso o espaço de tempo que duram os prodromas.

*Hufeland* na sua *Medicina Practica* diz que o hydrophobo morre em *convulsões* ou com symptomas de apoplexia nervosa, e aponta como symptoma da hydrophobia rabica a *imitação do latido do cão.*

Na obra *The Edinburgh Medical and Physical Dictionary* por *Robert Morris* etc., vol. 2.º, deparei com um artigo substancioso sobre a hydrophobia rabica, onde enumerando os differentes symptomas d'esta molestia, o dr. *Fothergill* menciona um doente, cuja abundancia de saliva viscosa lhe causava nas fauces o mesmo effeito convulsivo dos outros liquidos, e era expellida com vio-

lencia produzindo um som semelhante ao *uivo ou latido rouco do cão*, o que elle suppõe ser a causa de se dizer geralmente que os hydrophobos *ladram como os cães*.

Resumindo agora num só quadro todos os symptomas da hydrophobia rabica, lançarei em nota a descripção que d'esta molestia fez *Mr. Grisolle* no seu *Tractado de Pathologia Interna*<sup>1</sup>.

Tambem no citado Diccionario vem uma descripção, que por muito curiosa merece ser transcripta, e é como segue: «Em uma carta do dr. *Wolf* de Warsow a *Henrique Baker*, datada de Warsow em 26 de setembro de 1776, se lê a seguinte triste narração dos casos de cinco pessoas que morreram de hydrophobia. Nenhuma d'ellas perdeu inteiramente a razão, porem todas fallavam sem interrupção, supplicavam, lamentavam-se, desesperavam-se, juravam,

<sup>1</sup> La deuxième période s'annonce d'abord par l'aversion ou la crainte des liquides. Les malades éprouvent un trouble insurmontable, un sentiment pénible de suffocation, de constriction à la gorge; leur figure exprime la plus grande terreur, lors qu'ils voient un liquide, et surtout lors qu'on leur propose de boire. Nous en avons vu plusieurs, après avoir lutté long-temps, finir par approcher brusquement le verre de leurs lèvres; mais à peine quelques gouttes du liquide avaient-elles pénétré dans leurs bouches et leurs pharynx, qu'aussitôt ils se levaient sur leur séant, éprouvant de la constriction à la gorge; ils ne pouvaient respirer par suite d'une contraction spasmodique des muscles; et leur figure exprimait un sentiment de terreur qu'il est impossible de dépeindre. Cette horreur des liquides offre d'ailleurs plusieurs degrés; tantôt elle est complète, c'est-à-dire, que les malades ne peuvent ni voir ni entendre couler aucun liquide; ils ont même peur des vases qui les contiennent; d'autres ne peuvent boire, mais la vue de l'eau est tolérée à tel point, qu'ils consentent quelque fois à prendre un bain. Quelques uns ne peuvent boire de l'eau, mais il leur est possible d'avalier du vin et du bouillon; enfin nous en avons vu qui, ne pouvant boire de l'eau contenue dans un verre ou une cuiller, avalaient ce liquide lorsqu'ils l'exprimaient d'un morceau de mie de pain qui en était imbibé et que nous avons introduit dans leur bouche; ces mêmes individus parvenaient aussi à sucer sans trouble une tranche d'orange; enfin il est des malades chez les quels l'horreur des boissons cesse momentanément. Les hydrophobes sont également péniblement impressionnés par le vent; une vive lumière les blesse, l'ouïe est exaltée, le toucher très délicat; ils ont, en général, une parole brusque; leur conversation est animée; la plupart ont du délire, et souvent des hallucinations; quelques uns

suspiravam, expulsavam uma saliva espumosa, gritavam, sentiam de vez em quando dores pelo ventre, e náuseas, mas raras vezes vomitavam. Em cada um dos membros se manifestavam convulsões por acessos, mais violentos desde a região umbilical até a região thoracica incluindo o esophago; os acessos repetiam-se de 15 em 15 minutos; as fauces não estavam rubras nem a lingua sêcca; o pulso não era febril em todos, e presentava-se normal na maior intensidade do accesso; as faces de pallidas tornavam-se lividas, e durante o accesso enegreciam; os labios lividos, a cabeça pesada, zunidos nos ouvidos, as urinas normaes. Por fim cansavam-se e enfadavam-se, os acessos iam diminuindo de violencia até terminar de todo, o pulso enfraquecia e tornava-se intermittente e pouco vivo, transpiravam, e por fim todo o corpo arrefecia: so-

sont furieux; ils injurient, blasphément, et cherchent à mordre ou à battre, mais c'est le plus petit nombre; voilà pourquoi le mot *rage* est impropre comme n'exprimant pas la véritable physionomie de la maladie. D'autres, moins nombreux encore, sont affectueux, et ont la tendresse la plus expansive por leurs proches et les personnes que leur donnent des soins; j'en ai vu un cas très remarquable. Chez d'autres la surexcitation nerveuse s'accompagne chez la femme de nymphomanie (Postal), et de satyriasis chez l'homme; tel fut cet enragé dont parle Haller, qui dans l'espace de vingt-quatre heures se livra trente fois au coït.

Cependant bientôt la respiration s'embarrasse; de temps en temps on voit l'inspiration être subitement arrêtée, interrompue, entrecoupée par la contraction spasmodique des muscles. Le malade alors a les yeux égarés; sa figure est pâle et exprime la terreur; une bave écumeuse et plus ou moins gluante est rejetée par des efforts violents et répétés d'expuition; le pouls est fréquent, petit; la poitrine et l'épigastre sont le siège d'une constriction pénible; la soif est vive; il y a de la constipation. A mesure qu'on approche du terme fatal, les troubles respiratoires augmentent; l'expuition est incessante; il y a des hoquets; souvent des convulsions générales se déclarent, elles surviennent spontanément, d'autres fois elles sont excitées par le contact de l'air ou par la vue des liquides; les yeux se cernent et s'excavent; les lèvres bleuissent ainsi que l'extrémité des doigts; enfin la vue s'éteint tout à coup sans agonie et par suspension de la respiration.

Cette seconde période est généralement plus courte que la première. Sa durée la plus commune est de deux jours, elle peut n'être que de vingt quatre heures, et elle se prolonge quelque fois trois, quatre et même cinq jours.

cegavam então e dispunham-se como se quizessem dormir, e assim expiravam. O sangue tirado poucas horas antes da morte era normal; e foi observação geral que se faziam sempre denegridos osapparelhos das feridas, ainda que estivessem séccas, ou ainda que o pus fosse bom em côr e apparencia.»

Terei sido talvez prolixo na descripção dos symptomas que todos os pathologistas reputam característicos da hydrophobia rabica, e na d'aquelles que acompanham quasi sempre esta doença; foi-me porem necessario fazel-o assim, para depois comparar esses symptomas com os que eu mesmo observei nos meus doentes, e por esse modo tornar visivel a differença que houve entre uns e outros, e a notavel modificação com que se mostraram os dos doentes que tractei.

Nestes começou a doença por um *abalo interior*, que elles mesmos não sabiam definir; era como um *susto*, diziam, acompanhado de grande turgescencia gastrica, nauseas, dôr epigastrica, olhos mais vivos, feições mais animadas: em alguns o pulso tornou-se mais frequente e forte, declarando-se no segundo doente symptomas pronunciados de congestão cerebral, que no primeiro appareceram tambem mas num periodo mais adeantado. D'estes symptomas diminuiam uns gradualmente, e desapareciam outros passadas poucas horas; e nos tres primeiros doentes foram seguidos pela manifestação da repugnancia, ou susto e nojo, nunca *horror*, aos liquidos, e da necessidade de fazerem inspirações mais fundas; symptomas, que nunca se manifestaram por accessos nem por grandes convulsões, menos no primeiro atacado, em quem a doença se manifestou tambem com mais rapidez e intensidade. Pareciam como affectados de dyspnêa, e isto os obrigava a fazer de vez em quando inspirações um pouco mais fundas, para receberem assim quantidade d'ar maior do que a que parecia necessaria aos pulmões; a impressão d'uma corrente d'ar, por mui tênue que fosse, incommodava-os a ponto de os obrigar a respirar logo com mais

força e por fim convulsivamente, bastando para tanto que alguém levantasse um pouco a roupa da cama junto ao pescoço do hydrophobo, e a deixasse cair de repente, e algumas vezes simplesmente que passasse ou ainda que fallasse perto d'elle.

Não obstante a repugnancia ou nojo que tinham aos liquidos, sempre os bebiam mas com difficuldade, e nunca mais d'um golo, excepto o ultimo atacado, que sempre bebeu naturalmente. Quando elles proprios chegavam á bocca os liquidos e até algumas vezes os solidos, á medida que a mão adeantava, a cabeça instinctiva e automaticamente recuava, até que animando-se a si proprios vençiam similhante repugnancia, e bebiam; assim succedeu em geral, e mais no primeiro dia da molestia, porque ao depois bebiam e tambem comiam com mais naturalidade, preferindo sempre o pão e gallinha a outros alimentos. Quando se esforçavam por vencer a repugnancia de beber, as inspirações eram mais fundas, e a respiração mais embaraçada e até convulsa, tudo por um instante; e o mesmo acontecia, quando queriam comer, e levavam a comida á bocca e nella a introduziam, sómente a primeira vez, pois feito isso, mastigavam e enguliam como se nada tivessem. A deglutição dos liquidos era mais custosa, só no momento em que elles passavam pelas fauces, e quando a epiglote se abaixava; depois, tudo entrava no estado normal.

Durante o decurso da doença bebiam algumas vezes sem repugnancia ou difficuldade e comiam naturalmente, sentindo apenas antes de levarem a comida á bocca receio ou repugnancia tanto menor, quanto mais adeantada ía a molestia. A lingua conservava-se sempre humida e com boa côr. Nos primeiros dias conversavam como se estivessem de perfeita saude, só mais tarde é que se tornavam loquazes; riam-se e nunca fallavam na causa da molestia; não sentiam dôr de cabeça, e a diurese e defecação eram regulares; desde o primeiro momento da doença havia insomnia constante.

No segundo dia começava a sentir-se aquelle cheiro canino especial que já descrevi, e depois apparecia constantemente um leve tremor convulsivo nas mãos e nos labios, que tomavam a expressão do riso sardonico; este tremor ia augmentando e communicava-se aos membros superiores e inferiores, a ponto de os doentes andarem só com difficuldade; como que não tinham consciencia dos movimentos que faziam, deitando as pernas muito para deante e com desharmonia, exactamente como os affectados da ataxia loco-motriz de Duchenne, e inteirissando e inclinando ao mesmo tempo o corpo para trás (opisthotono). Fallavam e conversavam muito, e respondiam sempre assisadamente ás perguntas que lhes faziam; só de vez em quando é que soltavam uma ou outra phrase disparatada, como se seguissem algum pensamento interior; a final a razão turbava-se-lhes um pouco e por intervallos. Horas antes de expirarem apparecia-lhes a salivação, primeiro diminuta, alvissima, espumosa e solta, e depois glutinosa e correndo em fio, verdadeira baba. Algumas vezes na occasião de a expellirem, uns assustavam-se e faziam uma leve convulsão, outros não sentiam de ordinario embaraço nem incommodo e até demoravam a saliva na bocca; a difficuldade crescia de ponto, quando a baba subia dos bronchios e passava pela pharynge.

Por esse tempo a alguns ás vezes custava ver a luz, a sua propria saliva, e até o branco das paredes; tambem de vez em quando sentiam hallucinações; manifestava-se-lhes tendencia para a transpiração, e na impossibilidade de andarem por virtude da maior intensidade de todos os symptomas, deitavam-se e transpiravam copiosissimamente; e depois socegados e agasalhados ficavam conversando algum tempo, com o pulso normal e olhos muito vivos, brilhantes, e abertos a ponto de se lhes ver a sclerotica em toda a circumferencia da córnea. A razão ia-se escurecendo, a voz depressia-se até desaparecer; os olhos fixavam-se na direcção obliqua superior externa; a baba corria em fio e copiosa pelos cantos da bocca sardonica, a phisionomia aberta manifestava grande

recuecimento; e d'este modo expiravam tranquillamente sem agonia nem convulsões.

Raras são, ao menos que eu saiba, e pouco minuciosas as observações d'outros clinicos, para que possam comparar-se convenientemente com as que deixo descriptas: todavia, na maioria das que tenho lido, referem-se phenomenos symptomaticos que nunca presenciei, e alguns tam singulares e extravagantes, que talvez hajam concorrido poderosamente para crear essa idéa original que o vulgo geralmente forma d'esta notavel molestia.

O soffrerem os doentes grande excitação nos órgãos sexuaes entregando-se ao coito desordenadamente; o serem algumas vezes accommettidos do desejo irresistivel de se despedaçarem a si e de morderem a todos e tudo quanto alcançam; o imitarem o uivo e latido dos cães; o estarem em agitação continua, e soltarem de quando em quando gritos agudos; o terem a lingua rubra e constrictão na garganta, levando a ella convulsamente as mãos, como se a quizessem desembaraçar d'um nó que lh'a apertasse; o assumir a physionomia certo aspecto furioso similhante ao do cão, por effeito do puchado das feições para deante; o terem horror aos liquidos a ponto de entrarem em fôrro só por ouvirem nomeal-os, etc: taes são os phenomenos symptomaticos da hydrophobia rabica, de que falla a maioria dos pathologistas que têm tractado esta materia. Da minha partê porem devo declarar, que em nenhuma das observações que descrevi se manifestou a erotomania; em todos os doentes a lingua conservou a sua côr natural, menos quando estava coberta de induto saburroso; nenhum teve accessõ de furor para morder nem a si nem ás pessoas que o acercavam, pelo contrario todos se mostraram sempre muito affectuosos; nunca soltaram gritos, nem imitaram o uivo e latido dos cães, nem se conservaram em agitação continua, a que só se mostrava, quando sentiam a impressão do ar ou bebiam algum liquido; nunca se queixaram de constrictão de garganta, nem apresentaram na physionomia aspecto furioso, antes em todos appa-

receu ella aberta, franca e muito reconhecida; tambem nenhum mostrou esse horror excessivo aos liquidos; e até alguns chegaram a beber, etc.

É chegada a occasião de fallarmos d'outro symptoma da hydrophobia rabica, que ha annos chamou a consideração dos pathologistas, e que, esquecido durante muito tempo, torna de novo a ser objecto da attenção geral: refiro-me ás *lysses* de Marochetti. Parece que novas observações têm resuscitado sua antiga importancia: todavia essas observações são tam duvidosas e disputadas que ainda arguem incerteza grande.

Na sessão da academia de medicina de Pariz de 2 de janeiro do corrente anno, *Auzias-Turenne* apresentou a lingua d'um cão damnado, na base da qual havia uma lysse do lado direito ainda intacta e das melhor caracterizadas, com o volume, fórma e côr d'um grão de milho miudo: parece que a vesicula era formada pelo epithelium levantado e distendido, cheia de pus, sem alteração pathologica das partes adjacentes, e sem mostrar em sua superficie orificio algum follicular, sendo por todas estas circumstancias muito facil de se romper durante algum accesso de raiva do animal. O apresentante declarou tambem que o cão a que a lingua pertencera, *tinha sido morto durante o periodo da incubação da molestia*, e prometeu expôr em occasião opportuna o complemento e consequencias d'aquelle communicado.

Por essa mesma occasião os dois socios da academia, *Collin e Leblanc*, declararam que em muitos cães damnados que tinham sacrificado jámais encontraram as *lysses*, affirmando até que, pelo exame da lingua que estava presente, aquillo não era uma lysse, mas uma glandula salivar hypertrofiada.

Na sessão immediata *Raynal* declarou que o cão de que se tratava *tinha effectivamente morrido de raiva*, sendo por consequente menos exacto que o tivessem matado no periodo da incubação da molestia; ao que *Auzias-Turenne* na sessão seguinte de 15 de janeiro replicou, que ratificava quanto havia dicto, e accre-

scentou que a lingua lhe fora fornecida por um estudante, a quem tinha ensinado a procurar as taes *lysses*....

O especimen foi entregue a uma commissão, que ainda não deu o seu parecer<sup>1</sup>.

De proposito expuz quanto a este respeito se passou na academia de medicina de Pariz, para bem patentear a divergencia d'opinões que ha sobre um facto que devia ser simples e positivo, a saber: se as *lysses* existem ou não. E em verdade, se o apparecimento das mesmas é pathognomonic, se é um resultado da inoculação rabica, se é um effeito constante da modificação especifica do organismo, como poderá conceber-se tanta duvida e incerteza sobre a existencia de corpos positivos, patentes, palpaveis? E se assim não é, como se explicará satisfactoriamente o apparecimento das *lysses* nuns individuos e noutros não, quando todos padecem da mesma molestia virulenta, que por isso deve produzir em todos os mesmos effeitos directos?

Nos meus doentes durante o periodo do tractamento e por mais d'uma vez examinei eu com o maior cuidado a região sublingual, e nunca lhe encontrei modificação alguma; durante a doença fiz o mesmo, e tambem achei sempre aquella região em perfeito estado; só depois da doença é que não a examinei. Espere-mos pois que outras observações venham convencer-nos da existencia ou não existencia de corpos, que deviam, segundo parece, ser patentes e palpaveis, e que sem embargo offerecem ainda tantas duvidas e incertezas.

2.<sup>o</sup> *SYMPTOMAS DIFFERENCIAES*. Farei agora patentes as differenças symptomaticas e reciprocas das quatro observações que descrevi noutro logar.

No primeiro doente, fallecido vinte e um dias depois da mordedura, manifestaram-se simultaneamente a repugnancia, susto

<sup>1</sup> Gazette hebdomadaire, n.<sup>o</sup> 1, 2 e 3, 1867.

e nojo aos liquidos e aos solidos, a ponto de lhe promoverem convulsões, quando tentava engulir-os; o embaraço da respiração acompanhado de spasmos nos musculos thoracicos, e a suffocação produzida por qualquer leve agitação do ar, até pelo que sabia da bocca de qualquer pessoa que fallasse perto d'elle; os olhos brilhantes, loquacidade e insomnia. Algumas horas depois sobreveiu a secreção abundante de saliva espumosa e solta, que pouco depois se tornou glutinosa e em fio, verdadeira baba; e symptomas de congestão cerebral. Mais tarde sobreveiu o susto da propria saliva alvissima, e a repugnancia a ver agua, tendo até então sido as feridas lavadas com ella, etc., e o cheiro canino especial e nauseabundo; as convulsões tornaram-se mais violentas; já lhe custava ver a parede branca; sumiu-se-lhe a voz, que depois de expulsada grande quantidade de baba ainda se tornava clara e intelligivel. Pararam as convulsões, o pulso até então alternadamente normal, frequente e vivo, appareceu mais fraco; o doente sentiu-se muito elevado a cima do solo, não obstante jazer numa cama muito baixa; teve hallucinações, socegou e depois agasalhou-se, transpirou copiosamente, e passada meia hora expirou sem convulsão nem agonia.

Este doente nunca sentiu dores nas partes mordidas, nunca apresentou alteração nas feridas e cicatrizes, mostrou sempre a maior affectuosidade agradecendo com effusão o bem que lhe faziam. A final precipitaram-se todos os symptomas e manifestaram-se com grande intensidade, mas ainda assim menor que a dos symptomas apontados pelos diversos pathologistas.

No segundo doente os symptomas tardaram mais em manifestar-se, e foram tambem menos intensos. Bebia com pouca repugnancia, comia regularmente, e sentia muito menos embaraço respiratorio. Appareceram tambem symptomas graves de congestão cerebral, e o tal cheiro canino peculiar. As faculdades intellectuaes permaneceram intactas quasi até ao fim da molestia, as hallucinações foram menores, e as convulsões menos prolongadas

e violentas; a irregularidade dos movimentos, o tremor das mãos, a desharmonia e incerteza do andar com opisthotono vieram no ultimo dia da molestia; a salivação e o corrimento da baba appareceram poucas horas antes da morte; o pulso, a principio um tanto frequente, tornou-se depois normal; a transpiração foi muito copiosa, e pelo vomito espontaneo depoz grande quantidade de bilis; todos os symptomas minoraram, excepto o corrimento da baba, que continuava sabindo abundante pelos cantos da bocca; sumiu-se-lhe a voz, e o doente expirou tambem tranquillo e com o sentimento de gratidão estampado no rosto; nunca sentiu dores nas partes mordidas, nem mudou o aspecto das feridas ou das cicatrizes.

O terceiro doente apresentou os symptomas ainda menos intensos, porem mostrou maior repugnancia a beber; sempre comeu naturalmente pão e gallinha, excepto no primeiro dia, em que bebeu tambem a agua aos golos. O embaraço da respiração consistiu apenas em fazer inspirações um pouco mais fundas, mas sem movimentos convulsivos; o pulso conservou-se sempre normal; teve insomnia como os outros doentes, e permaneceu no perfeito uso de suas faculdades mentaes e sem loquacidade até poucas horas antes de expirar; tambem andou naturalmente, e só nessas poucas horas é que, augmentando a intensidade dos symptomas, o ouvido se lhe tornou muito apurado, o andar um pouco irregular, vacillante e com opisthotono, e os olhos mais vivos e abertos do que de ordinario; sobreveiu a transpiração abundante, a salivação e baba com os mesmos characteres e proporções dos doentes anteriores, loquacidade maior, e expirou tambem tranquillamente.

Durante a molestia esta doente mostrou-se, como os outros, affectuosa e agradecida, e taes sentimentos continuou manifestando até á hora da morte; não accusou dores nas partes mordidas, nem houve mudança no aspecto das feridas.

No quarto doente a differença dos symptomas foi ainda mais sensivel. Comeu e bebeu regularmente até poucas horas antes de

fallecer; só então é que mostrou alguma repugnancia a beber, a agitação do ar embaraçava-lhe a respiração obrigando-o a fazer apenas *uma só* inspiração, mais funda que ao estado normal. No principio da molestia teve uma cephhalgia violenta, e logo depois uma transpiração cutanea copiosissima, que continuou em todo o decurso da doença; o pulso, de vivo e frequente que a principio estivera, batendo 140 pulsações por minuto, recabiu para o fim do segundo dia no seu estado normal; nesse mesmo dia manifestou-se o tremor convulso das mãos, mas em pequeno gráu; teve insomnia, e appareceu o cheiro canino especial. Nas ultimas horas sobreveio a salivação e a baba, que neste individuo não posso attribuir sómente á molestia, mas foi devida tambem aos calomelanos e ás fricções de pomada mercurial; as gengivas estavam rubras, flaccidas e tumidas. Do seu modo de andar nada posso dizer, por que não vi o doente levantado; porem do tremor que tinha nas mãos posso inferir que o andar seria igual ao dos outros doentes: tambem expirou com tranquillidade e conversando quasi naturalmente; não mostrou loquacidade nem teve convulsões, não perdeu o uso da razão, e respondeu sempre com acerto ás perguntas que lhe faziam: tambem não accusou dores nas partes mordidas, nem mudaram de aspecto as feridas da cabeça, mas sómente as cicatrizes da mão, que se elevaram mais e tomaram uma côr acobreada, vermelho-escura.

Parçem-me assás importantes e dignas de mencionar-se as differenças que se deram entre estas quatro observações, e porisso as resumi como acaba de ver-se: todavia a leitura das respectivas historias as dará a conhecer com mais exactidão.

3.º *SYMPTOMAS ESPECIAES*. Entre os symptomas anteriormente descriptos sobresaem dois. Um, que foi constante nas dictas quatro observações, e que não sei que haja sido até hoje mencionado por pathologista algum, é aquelle *cheiro canino especial e*

*nauseabundo*, a que varias vezes tenho alludido. Não posso attribuil-o ao suor sómente, já porque appareceu no primeiro, segundo e terceiro doentes ainda antes de manifestada a transpiração, já porque em nenhum dos meus outros doentes o tenho observado até hoje. Tambem não posso attribuil-o ás grandes quantidades de extracto de belladona absorvidas pelos doentes, por que a alguns outros da minha clinica civil tenho eu applicado em poucas horas dóses elevadissimas d'este medicamento, sobrevindo tambem a transpiração cutanea, e nunca lhes senti similhante cheiro. Por tudo isto considero-o symptoma concomitante, pathognomônico, e resultante da propria indole ou natureza da molestia, pelo menos nas quatro observações referidas; e só trabalhos melhor seguidos e observações mais accuradas poderão confirmar o valor d'este symptoma em relação á etiologia e therapeutica da hydrophobia rabica.

O outro symptoma, que observei só no primeiro doente, já foi indicado por mr. *Buisson* no artigo d'um jornal, onde este illustre pathologista apregoava os banhos de vapor como meio therapeutico infallivel contra a raiva: é o *sentimento de altura* a que o doente se julgou elevado, quando depois de tomar o banho d'ar quente foi deitado numa cama ainda mais baixa do que aquella onde até então jazera; é, como se vê, um symptoma puramente nervoso, uma aberração do sentimento.

Terminarei este capitulo advertindo que, presentando-se os symptomas nas dictas observações grandemente modificados em relação aos descriptos por todos os pathologistas, não havendo nos doentes accessos nem furia, mas sempre affectuosidade, etc., não são menos importantes as modificações e differenças que se deram entre as mesmas observações, sempre maiores a favor dos casos subseqüentes, e com relação ao maior espaço de tempo decorrido desde a mordedura rabica até ao apparecimento da molestia. Assim, no primeiro doente houve menos symptomas, e esses menos intensos do que os geralmente referidos pelos pathologistas, porem

mais intensos que os dos tres doentes seguintes; os symptomas do segundo appareceram mais modificados; no terceiro foi essa modificação ainda mais sensivel, e no quarto ainda mais.

### III. DO DIAGNOSTICO E PROGNOSTICO

1.º *DIAGNOSTICO GERAL.* Não poderá entrar em duvida a existencia da hydrophobia rabica em qualquer individuo anteriormente mordido por animal reconhecidamente damnado ou suspeito de o estar, dos generos *canis* e *felis*, quando nesse individuo se manifestarem os phenomenos seguintes: cephalalgia intensa, embaraço gastrico, insomnia, embaraço da respiração com spasmos dos musculos respiratorios, embaraço da deglutição em geral, grande difficuldade e até impossibilidade da dos liquidos, cheiro canino e nauseabundo especial, convulsões causadas pela impressão de qualquer corrente d'ar, ainda tenue, contra o rosto e especialmente contra a bocca do doente, tremor a principio só nas mãos e depois nos membros inferiores, andar incerto, irregular e desharmonico nos movimentos, lançando o doente as pernas demasiado para deante, como se padecesse da ataxia loco-motriz de Duchenne, opisthotono, hallucinações, olhos vivos, brilhantes e desmesuradamente abertos, loquacidade, riso sardonico, secreção abundante e expulsão quasi continua de saliva alvissima, no principio espumosa e mais tarde glutinosa, viscosa e correndo em fio, ou baba; suor abundante e tambem algumas vezes viscoso.

Estes symptomas não apparecem todos simultaneamente, mas em tempos diversos, e até alguns deixam de apparecer não poucas vezes. Casos ha, narrados por diversos pathologistas, em que os accessos de furor e raiva impellem os doentes a morderem-se a si e ás pessoas e objectos que encontram á mão.

2.º *DIAGNOSTICO DIFFERENCIAL.* Pouco tenho que accrescen-

tar relativamente ao diagnostico differencial. Do que levo dicto sobre os symptomas e diagnostico geral da hydrophobia rabica, é facil colligir quaes sejam os symptomas proprios, characteristicos e differenciaes d'esta molestia.

A primeira condição indispensavel, base do diagnostico differencial, é que tenha precedido mordedura feita por animal damnado. Pode porem succeder, e já tem succedido, que nem o individuo affectado de raiva, nem as pessoas de sua familia, ou outras que estejam no caso de o saber, se lembrem de haver o doente sido mordido por animal raivoso; e em tal caso só os symptomas pathognomonicos, essenciaes e characteristicos podem esclarecer sobre o diagnostico. Estes symptomas são o embaraço da respiração, que se torna convulsiva por effeito da deglutição dos solidos ou liquidos alimentares ou medicamentosos na occasião de passarem pela pharynge e durante o abaixamento da epiglote, e tambem por effeito da impressão causada por qualquer corrente d'ar sobre o rosto do affectado, principalmente sobre a bocca; o tremor a principio nas mãos e depois nos membros inferiores, com incerteza no andar e desharmonia de movimentos e com o opisthotono; olhos muito abertos, vivos e brilhantes; riso sardonico; talvez aquelle cheiro canino que observei em todos os casos; e transpiração cutanea abundante.

O corrimento da saliva alvissima e espumosa e o da excreção mucosa em fio, ou baba, tambem o considero symptoma pathognomonicos, como vehiculo do virus rabico, causa essencial, impreterivel e necessaria da communicação da hydrophobia do animal ao homem: todavia as observações acima referidas levam a conceber a possibilidade de similhante secreção ser a tal ponto modificada, que ou appareça tam rapida e diminuta que passe desapercibida, ou deixe de apparecer absolutamente.

A *hydrophobia* propriamente dicta e na accepção etymologica da palavra, ou o *horror á agua*, não deve haver-se como symptoma differencial da doença, não só porque pode deixar de existir na

verdadeira hydrophobia rabica, segundo se deprehe de das observações referidas noutra logar, e sobre tudo da ultima; senão também porque pode dar-se noutros estados morbidos, como na phlegmasia das meninges ou do encephalo; na angina, em que também apparece bastantes vezes o cõrrimento da saliva glutinosa, mucosa e em fio, como a baba; em varias nevroses, como na hysteria e na epilepsia; numa violenta commoção cerebral, e no envenenamento com algum narcotico acre, especialmente com a belladona.

Consequentemente, não pode existir a hydrophobia rabica sem se manifestarem em gráu maior ou menor os symptomas que deixo enumerados, pois são a consequencia necessaria da infecção virulenta do organismo, e vêm de ordinario acompanhados d'outros havidos como geraes e concomitantes d'este novo estado morbido. Todavia a molestia na qual, embora appareçam todos ou alguns dos outros symptomas que já mencionei, mesmo a dysphagia e a impossibilidade da deglutição dos liquidos e solidos, não se manifestarem os que são pathognómicos, essenciaes e consequencias necessarias d'esse novo estado morbido, não será a verdadeira raiva, não será a hydrophobia rabica.

3.º *PROGNOSTICO*. Considero-o em duas epochas distinctas, e em cada uma d'ellas differente. A primeira comprehende o periodo que decorre desde a mordedura do animal damnado até ao apparecimento da molestia, e a segunda comprehende o periodo que vai desde a manifestação da molestia até á morte do doente: no primeiro caso é o prognostico sómente do apparecimento provavel da hydrophobia rabica, e no segundo é o prognostico da propria doença. Aquelle é duvidoso, porque o apparecerem as consequencias da mordedura depende de circumstancias que podem remediar-se, e que remediadas podem prevenir esse apparecimento: assim, se logo depois da mordedura do animal raivoso forem cauterizadas as partes que receberam o virus rabico, e consequente-

mente for este destruido antes da absorpção, ficará a certeza de que a molestia não ha de declarar-se no futuro; mas, como não possa obter-se semelhante certeza, resta só a presumpção grave de que ella não apparecerá. Esta presumpção porem será maior ou menor na proporção da gravidade das feridas feitas pelos dentes do animal, e segundo a qualidade das partes mordidas; e por consequente será o prognostico mais ou menos favoravel, segundo as feridas forem superficiaes ou profundas, pouco ou muito extensas, etc., e tambem segundo as partes offendidas forem menos ou mais absorventes. Por consequencia é duvidoso o prognostico da primeira epocha.

O da segunda porem é fatal. Declarada a molestia, o doente succumbe infallivelmente: até hoje ainda não houve um caso unico de hydrophobia rabica, onde se mostrasse sem contestação que a doença fora debellada. Todavia pode ella modificar-se muito, como apparece das observações supra indicadas; e a modificação favoravel conseguida em qualquer doença pelos meios medicamentosos é já um grande passo dado pela sciencia para mais tarde se realizar a cura definitiva.

#### IV. DA INCUBAÇÃO

Entre o acto da inoculação do virus rabico e a manifestação ulterior dos primeiros symptomas da molestia mette-se um espaço de tempo, maior ou menor segundo as circumstancias concorrentes: respeitam estas ao animal que mordeu, e ao individuo mordido.

Quando um animal damnado morde certo individuo, depois de haver depositado alguma porção da baba noutro objecto, intende-se que o individuo mordido recebe menor quantidade do virus rabico, e que por isso será mais lenta e demorada e talvez menos profunda a modificação morbida produzida no organismo; ou ainda, quando um mesmo animal na mesma occasião morde dois indivi-

duos, claro está que o mordido em segundo lugar soffre menor inoculação e pode até ficar illeso.

Accresce tambem que, se o animal houver contrahido a raiva espontaneamente, a acção do virus será mais rapida e valente, do que se a contrahisse por inoculação d'outro animal. O gráu da inoculação muito influe na extensão do periodo da incubação, tanto menos longo, quanto mais elevado for aquelle gráu. Vê-se por conseguinte que o mais ou menos curto periodo da incubação depende de circumstancias relativas ao animal raivoso.

As circumstancias relativas ao individuo affectado são diversas e mais numerosas. A idade e temperamento, a qualidade, quantidade e sitio das feridas, o estado moral do individuo, a medicação empregada para com elle, etc., todas estas circumstancias devem exercer poderosa influencia na duração do periodo da incubação.

E em verdade, uma idade mais tenra, em que as composições, decomposições e absorpções se operam com mais celeridade, o temperamento lymphaticó, em que as reacções são demoradas e lentas, ou o nervoso, em que as impressões e modificações são vivas e promptas, podem accelerar o apparecimento da hydrophobia rabica mais do que a idade avançada ou outro temperamento. Uma ferida simples, regular, superficial, pouco extensa, e feita em logar de pouca absorpção, influirá certamente para que se alongue o periodo da incubação, mais do que muitas feridas sinuosas, irregulares, profundas, extensas e feitas em logares de absorpção mais rapida. Um individuo que não seja de imaginação muito viva, que não se deixe impressionar facilmente, que não pense nas consequencias da mordedura, resistirá mais tempo do que outro em condições contrarias. Um individuo em quem concorram todas as condições favoraveis para uma incubação curta, mas que apenas mordido tenha a fortuna de lavar logo as feridas com agua, pode não só retardar a manifestação da molestia ou modifical-a favoravelmente, mas até atalhal-a de todo. Finalmente a medicação pode modificar o organismo affectado, a ponto de não só

demorar o apparecimento da molestia, mas no caso d'ella apparecer, offerecerem os symptomas muito menos intensidade.

Em presença de todas estas considerações concebe-se a grandissima difficuldade, senão impossibilidade absoluta, de assignar um periodo certo e determinado á incubação do virus rabico.

Comprehende-se o apparecimento da hydrophobia rabica melhor depois do breve do que depois do longo periodo da incubação. Segundo os principios physiologicos custa a conceber e a explicar satisfactoriamente, como é que um virus tam subtil e tam activo, qual o virus rabico, ou permanece mezes e mezes, e até annos, segundo alguns pretendem, inerte no logar onde fora depositado (o que está longe de poder defender-se em conformidade com os factos observados), ou como produz tam lentamente a alteração do organismo (o que tambem custa a comprehender, vista a promptidão e rapidez com que a molestia se apresenta, a precipitação de todos os symptomas, e a indefectibilidade da morte) sem que até então nada revele essa profunda modificação. Neste caso seria mister considerar o virus rabico como um virus *sui generis* e muito differente de todos os outros, com leis de propagação e incubação proprias, pois nenhum dos outros virus se demora tanto em produzir uma molestia igual áquella d'onde proveiu. E não encontro razão plausivel que me satisfaça, antes receio que sobre a incubação do virus rabico se tenha dado curso a idéas infundadas, talvez falsas, na impossibilidade de achar a explicação verdadeira.

Nas quatro observações supra descriptas vê-se até certo ponto confirmado este meu modo de pensar. No primeiro doente, mordido pela loba depois de ter percorrido grande extensão sem despendicio da baba, e cujas feridas foram numerosas, algumas profundas, e as mais d'ellas em sitios de rapida absorpção, a incubação durou só 20 dias incompletos; no segundo 31; no terceiro 34; no quarto 58: advertindo que as feridas dos tres ultimos foram feitas em partes de mais lenta absorpção, principalmente as do ul-

timo, nas quaes tambem houve arrancamento de tecidos, que certamente levaram consigo alguma parte do virus.

Eu porem reputo a differença da incubação e da intensidade dos symptomas dependente tambem da modificação favoravel operada pelo tractamento, como apparece das observações referidas, em que a modificação é tanto maior, quanto mais tarde appareceu a molestia.

Em geral pode dizer-se que o periodo ordinario da incubação da hydrophobia rabica é de 30 a 40 dias.

## V. DAS CAUSAS

Visto que a hydrophobia rabica não se desinvolve espontaneamente no homem, mas só lhe é communicada por mordedura de animal damnado, vem a proposito o fallarmos das causas d'ella assim nos animaes que a contraem espontaneamente, como no homem: hydrophobia rabica espontanea, e hydrophobia rabica inoculada.

1.º *HYDROPHOBIA RABICA ESPONTANEA*. É hoje opinião geralmente accete que esta doença se desinvolve espontanea só nos animaes dos generos *canis* e *felis*, e sobre tudo nos primeiros; d'elles se communica ao homem e ás outràs especies de animaes, em que a manifestação é modificada: o cão, o lobo, a raposa e o gato são os animaes em que a hydrophobia se desinvolve de ordinario com mais facilidade.

Muitas causas se apontam para isso, taes como o excesso de frio e de calor, as estações da primavera e outomno, a fome e a sede, a alimentação de substancias em estado de putrefacção, algum desgosto profundo (?) ou uma grande contrariedade, etc. Em fim as causas são tantas e tanto mais variadas, quanto menos conhecidas e mais involtas em profundo mysterio.

A apreciação dos diversos phenomenos indicará talvez, quaes as

circunstancias que mais poderosamente concorrem para a apparição espontanea d'esta molestia.

Nas duas estações da primavera e do outomno é que, sem contradicção, apparecem mais frequentes casos de raiva espontanea nos dictos animaes, mórmente no cão. Os diversos casos de que tenho noticia, occorridos nesta villa e nas povoações vizinhas, e tambem a maior parte dos que os jornaes referem, succedem geralmente naquellas duas estações. Ora esta constância e regularidade de effeitos leva-nos a julgar que existe uma causa tambem constante e regular, uma razão especial e propria d'estas duas epochas: essa razão será talvez o cio dos animaes. E realmente a excitação geral da economia, o orgasmo dos órgãos genitae, a contrariedade do instincto da procreação, tudo deverá sem duvida concorrer mediata e immediatamente para o desinvolvimento da hydrophobia, pois de similhante estado resultam para o animal privações e maos tractos, que não podem deixar de lhe modificar e prejudicar até o organismo, sem que elle, arrastado pelos impulsos cegos da propria natureza, muitas vezes o sinta.

Mais: a apparição espontanea da raiva exclusivamente nos animaes dos generos *canis* e *felis* não poderá tambem fazer-nos suspeitar que na organização, modo de ser, e indole propria d'estes animaes existe uma causa especial, um *quid* proprio, que em determinadas occasiões se desinvolve nelles, o que não succede aos animaes das outras especies? Uma impressão viva, um desgosto (?) profundo causado ao animal, por exemplo, pelo desaparecimento dos filhos roubados ou mortos, não poderá haver-se tambem como causa do desinvolvimento espontaneo da raiva? E todas estas influencias junctas a uma certa constituição athmospherica, que não podemos deixar de admitir, embora ainda seja desconhecida, não serão por ventura as causas mais poderosas da hydrophobia rabica espontanea?

É provavel que os homens da sciencia, discorrendo por esta forma e ajudando o raciocinio com a observação dos factos minu-

ciosa e bem dirigida, venham a obter maior certeza sobre este ponto doutrinal de tanta importancia.

Ainda assim, de suspeitar que possam ser estas as causas do desinvolvimento espontaneo da raiva a affirmal-o categoricamente vai grande distancia, a qual a theoria jámais poderá transpor ingenhando hypotheses, mas só firmando-se na observação logica dos factos. E admittidas as suppostas causas precedentes, reputo eu de pouca força o excesso de frio e de calor, etc., pois a molestia desinvolve-se com mais frequencia nos mezes em que nem ha o calor, secura e aridez do verão, nem o frio, fome e inclemencias do inverno; mas n'aquelles mezes medios, em que estes phenomenos meteorologicos estão mais equilibrados.

**2.º HYDROPHOBIA RABICA POR INOCULAÇÃO.** É aquella que se considera só no homem. A causa primitiva, necessaria e efficiente d'esta hydrophobia é a inoculação do virus rabico feita mediante a mordedura do animal damnado, é o contacto immediato; sem isso não ha raiva: a invasão da molestia porem tem logar ordinariamente depois de dadas certas circumstancias, umas que havemos por conhecidas, e outras que ainda o não são. O individuo inoculado pelo virus rabico vai-se dispondo, sem mesmo o sentir, para ao depois soffrer a invasão da molestia; o organismo vai-se modificando e preparando para um certo estado morbido, que se manifesta ulteriormente, quando outra circumstancia, conhecida ou não, lhe ministra a occasião: a inoculação pois representa a um tempo o papel de causa efficiente e o de causa predisponente.

A raiva porem muitas vezes aparece de repente e sem tal se poder attribuir a causa nenhuma, e outras vezes pode suppôr-se effeito de circumstancias especiaes que parecem haver influido para tal apparecimento: a estas chamamos causas occasionaes, causas de occasião, e que só actúam no individuo anteriormente disposto. Mas, pela só razão de que no primeiro caso não se conhecem essas causas, não deve inferir-se que realmente não existam.

Não se conhecem as modificações dynamicas do organismo, não se conhecê a influencia modificadora do moral sobre o physico, não se conhece a relação intima entre a causa e o effeito: e todavia nem por isso se nega essa modificação, essa influencia, essa relação. Conhecemos as causas, por assim dizer palpaveis, que occasionam a invasão da molestia: mas rigorosamente não podemos assegurar que não haja outras causas occasionaes, que ignoramos mas cuja existencia presumimos.

E custa menos a conceber a existencia d'uma causa occasional, ainda que desconhecida, porem necessaria para o apparecimento da molestia de que nos vamos occupando, do que conceber que a inoculação, causa a um tempo efficiente e predisponente, só por si produza o apparecimento repentino da molestia, sem precederem symptomas, signaes ou quaesquer modificações patentes no organismo, que se está dispondo para ser o theatro d'uma molestia assim violenta e sempre fatal.

Por todas estas considerações pode dizer-se que as causas occasionaes da hydrophobia rabica são umas conhecidas e outras não. As primeiras são uma indigestão ou desarranjo nas funcções gastricas, uma impressão moral forte, excitante ou deprimente, como algum grande abalo do systema nervoso causado ou por excessiva alegria ou por profundo desgosto, pela perda d'uma pessoa estimada, por um susto, etc. Da leitura das quatro observações antecedentes não poderá deixar de deprehender-se a existencia de causas que occasionaram o prompto apparecimento da hydrophobia nos individuos a que as mesmas se referem.

## VI. DO CONTAGIO

É opinião unanime e assente que a hydrophobia rabica por inoculação é devida á acção d'um agente especial, que se chama *virus rabico*, dotado de propriedades particulares á similhaça do

virus variolico, vaccinico, syphilitico, etc.: para o demonstrar, se tanto fosse necessario, bastava attentar no modo como este virus se desinvolve e propaga, sempre uniforme e regularmente, assim como todos os outros.

Um animal damnado morde certo individuo em parte do corpo descoberta, a baba introduz-se-lhe na ferida, e passados 30 a 40 dias o individuo apparece affectado da molestia especifica. Aquelle mesmo animal morde outro individuo em parte do corpo coberta, e de maneira que os dentes lhe atravessam o vestido, em cujos buracos ainda apparecem vestigios da mesma baba, e todavia o individuo não chega a ser affectado da dicta molestia. Estes factos, que estão acontecendo todos os dias, provam que o virus rabico reside na baba do animal raivoso: e que reside só nesta e não noutra liquido da economia, como no sangue, no suor, no leite, etc., demonstram-no evidentemente as inoculações, sempre inoffensivas, feitas com esses liquidos.

Tambem é opinião mais seguida que o virus rabico não se forma primitivamente na saliva, mas vindo na secreção mucosa dos bronchios d'onde se origina, com a baba se mistura na bocca tornando-se mais fluente e apto para a inoculação. As glandulas salivares tomam parte no estado especifico, por que a secreção augmenta, e de espumosa, solta e alvissima que no principio era, torna-se mucosa, glutinosa e correndo em fio; apparecem as ralas mucosas, e eu mesmo as percebi nos doentes que tractei; algumas vezes sobrevêm ao doente accessos de tosse para expectorar maiores quantidades de baba, o que realiza com grande esforço e como engasgando-se; e a observação cadaverica tambem tem mostrado que a superficie aerea dos bronchios e suas ramificações estão injectadas e cobertas de mucosidades em tudo similliantes ás expellidas pela bocca.

Para se manifestar pois no homem a hydrophobia rabica, é mister que o virus rabico lhe toque uma superficie do corpo esco-

riada, uma solução de continuidade; sem isso não ha contagio. A via por que este ordinariamente se communica é a mordedura.

O virus rabico é activissimo em sua acção, actividade porem que varia de força segundo o virus é ou não primitivo: assim a força contagiosa do virus espontaneo é mais activa que a do virus proveniente d'uma primeira inoculação, e a d'este mais activa que a do que resulta da segunda, de sorte que a actividade virulenta vai decrescendo na proporção das inoculações successivas, até desaparecer de todo.

Esta diminuição de actividade tambem experimenta differenças notaveis, segundo a especie do animal inoculado: assim concebe-se *a priori* que ella deve diminuir menos, quando o virus for inoculado em animal da mesma especie d'aquelle que o contrahiu espontaneamente, do que quando for inoculado em animaes de especies differentes ou successivamente differentes.

Não estão os pathologistas de accordo sobre o numero de inoculações successivas que o virus rabico possa fazer, e no fim das quaes tenha perdido toda a sua actividade: opinam uns que elle tem força propagadora e reproductiva até seis inoculações, e outros que só até tres ou quatro. Do que levo dicto facilmente se deprehende que ambas estas opiniões podem defender-se, attentas as especies dos animaes em que o virus for successivamente inoculado. Nesta diminuição successiva de actividade o virus rabico assimelha-se aos outros virus, pois o virus vaccinico, variolico e syphilitico tambem perdem sua actividade no fim de certo numero de inoculações, o qual varia segundo a constituição do individuo affectado, como demonstram a vaccinação e a syphilisação.

Por tanto, se a actividade do virus rabico diminue proporcionalmente ao numero das inoculações successivas, poderá chegar-se a uma, de que apenas resulte o apparecimento d'alguns symptomas da molestia especifica por virtude do abalo pouco profundo causado no organismo, mas que já não tenha força para destruir a

vida do individuo inoculado: e concebe-se tambem que a diminuição de actividade poderá chegar a ponto de não fazer apparecer symptoma nenhum num individuo da mesma especie successivamente inoculada, e por melhora de razão num individuo de especies successivamente differentes: No primeiro caso apparecerá talvez o que vulgarmente se chama *raiva mansa* ou *raiva surda*; e pela mesma razão se explica no segundo caso o não apparecer nenhum symptoma da doença especifica em individuos que foram mordidos em partes descobertas por cães reconhecidamente damnados.

É tambem opinião geral que a raiva não se communica d'homem a homem. Verdade é que não se têm feito experiencias que o provem directamente; porem não se refere um só caso bem averiguado, de homem que se tornasse raivoso por o morder outro que o estivesse: conhece-se o perigo de similhantes experiencias, e d'ahi a difficuldade de as tentar. Uma imprudencia, uma falta de cautela, qualquer accidente, um descuido involuntario, como o que eu tive no caso da segunda observação, poderiam porventura esclarecer-nos sobre este ponto importante, se o individuo por alguma d'estas causas pozesse em contacto com o virus rabico alguma parte de seu corpo onde houvesse solução de continuidade. Eu não tinha escoriação alguma na minha mucosa buccal, tenho porem as gengivas habitualmente flacidas e sangrando á mais leve pressão: sem embargo d'isto não houve contagio. Mas á custa de tammanho perigo ninguem se exponha a querer ratificar este ponto de doutrina ainda duvidoso.

Com isto só pretendo mostrar que sem se fazerem as experiencias convenientes, para de modo seguro se resolver a importante questão do contagio rabico, nada poderá affirmar-se; serão apenas meras theorias e opiniões infundadas com as quaes nunca poderá decidir-se a questão do contagio de homem para homem.

## VII. DA PATHOGENIA

O ponto mais vago e obscuro, porem ao mesmo tempo o mais delicado e importante do estudo que me occupa, é indubitavelmente a pathogenia da hydrophobia rabica. Vago e obscuro, por que um denso véo cobre ainda tam mysteriosa molestia; delicado e importante, por que do exacto conhecimento d'ella poderá sahir a verdadeira indicação therapeutica que a debelle.

A collocação definitiva da hydrophobia rabica numa classe nosologica determinada só por si resume todas as difficuldades do estudo e a incerteza do conhecimento d'esta molestia. Se por uma parte ella presenta caracteres proprios das molestias virulentas, tambem offerece outros que obrigam a consideral-a como intoxicação, e ainda muitos que justamente a fazem incluir na classe dos nevroses: todavia ao mesmo tempo notam-se differenças importantes, que não permitem contal-a em nenhuma d'estas classes exclusivamente.

E em verdade, a hydrophobia rabica é reputada molestia virulenta com todo o fundamento, pois reune as condições essenciaes de similhante molestia, virus, incubação, reproducção e propagação. Todavia, a lesão interna manifestando a lesão dinamica não mostra a indicação local do virus, representado por alteração material realizada no logar da inoculação, e que indique a infecção geral do organismo, como succede nas molestias virulentas. A hydrophobia rabica invade o individuo repentinamente e de ordinario sem symptomas precursores; e quando estes existem, são de tal modo leves, que as mais das vezes passam despercebidos do proprio doente. As outras molestias virulentas presentam em geral um andamento agudo, febril, e por assim dizer material, com incommodos mais ou menos intensos, prodromas distinctos, indicios precursores da molestia especifica. Por conseguinte na hydropho-

bia rabica, posto que deva reputar-se molestia especifica essencialmente virulenta, por ser produzida no homem unicamente pela inoculação d'um virus proprio que se reproduz e propaga, todavia concorrem differenças tam importantes, que só por si movem o reparo de a collocar difinitiva e unicamente naquella classe nosologica.

Tambem pode considerar-se molestia produzida por intoxicação, se attendermos ao modo repentino e violento como se desinvolve, á falta constante de indicios de envenenamento no ponto inoculado, á sua marcha aguda e rapida, desordenando o systema nervoso e produzindo convulsões intermittentes, como succede com todos os venenos, cuja acção se exerce especialmente sobre os centros nervosos; e se attendermos ainda a que tanto a molestia de que tractamos como qualquer envenenamento, são characterizados pela intensidade e prompta gravidade dos symptomas referidos. Todavia um virus jámais poderá confundir-se com um veneno, senão em relação a alguns de seus resultados: são productos essencialmente differentes quanto ao modo particular como actúam no organismo, quanto ás suas propriedades, e quanto á sua natureza e origem. Os virus são exclusivamente productos organicos pathologicos; os venenos propriamente dictos são producções organicas physiologicas: aquelles têm como propriedade essencial o reproduzirem-se fazendo apparecer noutro individuo molestia igual áquella donde se originaram; estes nunca se reproduzem: aquelles resultam d'um trabalho pathologico antecedido por certo periodo de incubação; estes resultam d'um trabalho physiologico realizado num aparelho especial sem preceder incubação: os virus produzem a intoxicação virulenta, seja qual for a dóse em que se applicuem; os venenos só a produzem propinados em dóse determinada, e para baixo da qual não ha intoxicação. Porem, sem embargo de tudo isto, a hydrophobia rabica deve considerar-se uma intoxicação virulenta.

Finalmente para a collocarmos na classe das nevroses ha so-

bejas razões, deduzidas d'uma comparação rapida. Cullen foi o primeiro que designou com o nome generico de *nevroses* todas as lesões do sentimento e movimento sem febre nem alteração local manifesta; depois, esta nova classe nosologica foi sancionada e reconhecida como necessaria por todos os pathologistas. Qualquer órgão se julga affectado por uma nevrose, quando sua sensibilidade está modificada, e suas funcções proprias se executam irregular e difficultosamente, não obstante a sensível integridade de sua textura. Por conseguinte uma nevrose é uma lesão da innervação, seja qual for o logar onde se dê; é uma modificação dinamica, uma modificação mórbida do elemento nervoso em qualquer tecido: pelo quê as nevroses são lesões do sentimento, movimento e intelligencia, sem alteração sensível na textura dos órgãos, séde d'essas lesões. D'aqui se depreheende a grande difficultade que ha em profundar o estudo pathogenico das nevroses, as quaes, não se manifestando senão por meras modificações dynamicas, alterações da vitalidade, escapam aos meios mais rigorosos da observação e analyse, e deixam o observador na completa ignorancia do que passa no elemento nervoso de certo órgão, cujos actos revelam tam notavel perversão.

A invasão das nevroses é de ordinario repentina e instantanea: algumas vezes porem antecedem-na leves symptomas sem importancia aparente. A irregularidade e a intermittencia caracterizam as nevroses e presidem ao seu desinvolvimento e marcha; e ao mesmo passo que a acção do systema nervoso apparece tam vivamente perversida, o apparelho circulatorio não se resente de similhante perversão; as secreções em geral são modificadas, vêm as hallucinações e as sensações falsas; e se quasi sempre estas molestias séguem uma marcha lenta e chronica, tambem algumas vezes se presentam activas e agudas.

Todos estes characteres essenciaes das nevroses se encontram na hydrophobia rabica, e por isso deve ella incluir-se na mesma classe, e como tal a reconhecem todos os pathologistas. Todavia

a sua origem é diferente: entra nella um elemento novo, o elemento virulento, que não se encontra noutra nevrose; um elemento especifico, que lhe dá um character regular e uniforme, e por isso tambem deve reputar-se uma nevrose especifica, uma nevrose symptomatica de intoxicação virulenta do systema nervoso.

Com o que fica dicto não presumimos de haver adeantado muito no conhecimento da natureza da molestia que nos occupa.

Qual é o tecido, orgão ou systema, que principal e primariamente soffre a acção de virus rabico? eis aqui a primeira questão que se offerece para resolver, e depois da qual virão outras ainda mais importantes, e que mostrarão o atraso da sciencia a semelhante respeito.

Já em 1857 um medico inglez observou algum rubor e injeccão no nervo pneumo-gastrico, e no quinto sexto e septimo pares cervicaes, d'um individuo morto de hydrophobia rabica; esta observação porem não foi continuada, e por isso a opinião que d'ahi poderia resultar, ficou entregue ao esquecimento. Mais tarde pretendeu alguém sustentar que a hydrophobia rabica é um *tetano* e produzido pela mordedura de animal raivoso, vista a forma constante como sempre se apresenta: semelhante opinião porem não pôde vigorar por muito tempo, porque tinha contra si a simples reflexão de que a molestia apparece de ordinario quando já estão cicatrizadas as feridas, que muitas vezes são levissimas, ou antes simples arranhaduras, que mal poderiam produzir o tetano.

Ultimamente o professor *Hutchinson*, de Londrès, numa lição clinica procurou demonstrar que a hydrophobia rabica depende d'um *spasmo tonico dos nervos vaso-motores*, do qual procede a contracção das pequenas arterias, e d'ahi a pallidez e frialdade da periphèria, o espanto da physionomia e a dilatação das pupillas; e d'este estado resulta a anemia arterial do cerebro e das outras partes, e d'ahi talvez o extremo terror e a insomnia que caracterizam esta molestia.

Nas observações anteriormente descriptas encontram-se argumentos sobejos para contestar semelhante opinião, e que não permitem admittir sem mais exame a idéa, pelo menos exclusiva, do spasmo dos nervos vaso-motores, indicada pelo distincto professor do hospital de Londres. Realmente, além da falta dos symptomas que o mesmo assigna como effeito necessario do referido spasmo, accrescem o socego ordinario do systema circulatorio (mórmente quando a molestia attingiu o seu completo desinvolvimento, e durante as mais violentas convulsões,) as pequenas e pouco frequentes alterações do pulso no começo da doença, os symptomas de congestão cerebral que se manifestaram em alguns casos, a intermittencia das convulsões, a temperatura normal e a excitação frequente da periphèria. Todas estas razões, repito, contradizem aquella opinião.

Attentando bem no modo como a molestia se desinvolve, na qualidade e natureza dos symptomas, e na ordem regular de seu apparecimento, talvez possa conhecer-se melhor a parte do organismo, onde o virus rabico desinvolve primeiro a sua acção.

Os symptomas da hydrophobia rabica todos apresentam um character especial, que nunca passará despercebido para o medico observador: é o character nervoso. O virus inoculado demora-se, mais ou menos segundo as circumstancias referidas, em manifestar sua acção morbifica na economia, primeiro na pharynge, pulmões, musculos respiratorios e estomago, modificando e pervertendo a sensibilidade e alterando e irregularizando suas funcções, e depois no cerebro e na espinhal medula. A deglutição torna-se difficil só na occasião em que os corpos passam pela pharynge, restabelecendo-se logo depois no esophago; a respiração embarça-se, e torna-se gradualmente mais custosa pela impressão de qualquer corrente d'ar, ainda tenuissima; as funcções do estomago alteram-se formando bilis excessiva, e ao depois alteram-se tambem as funcções das glandulas salivares e a da mucosa bronchica, cuja secreção muda de natureza fazendo-se virulenta; perverte-se

a sensibilidade d'outros órgãos, e por fim a acção dos centros nervosos, vindo seguidamente a morte rápida e indefectível.

Conhecido por esta breve recapitulação que o virus rabico perverte a sensibilidade d'aquelles diversos órgãos da economia, pode concluir-se que o mesmo virus actúa sobre as ramificações nervosas do pneumo-gastrico que se distribue nelles, e que a modificação nervosa, no principio limitada, se vai extendendo gradualmente ao cerebro e á espinhal medula, pondo a final termo á vida do paciente: eis a conclusão geral a que parece dever levarnos quanto fica dicto sobre a manifestação da hydrophobia rabica.

Porem, ainda que esta conclusão seja verdadeira (do que todavia não ha certeza) quero dizer, ainda que por este modo fiquemos sabendo qual seja o tecido, órgão ou systema organico, primeiramente lesado pelo virus rabico; com isso apenas se terá enunciado o facto dos desarranjos operados na economia lesada, sem todavia se adeantar muito no conhecimento da natureza d'esses desarranjos e d'essas lesões, no que propriamente consiste a pathogenia da hydrophobia rabica. Foi a substancia nervosa alterada pelo virus rabico primitivamente, ou entrou este em contacto com ella mediante a circulação? e neste segundo caso, foi ou não alterado primeiro o sangue para assim obrar sobre aquella? Qual é a parte do pneumo-gastrico primeiramente affectada: são as ramificações, ou é a origem? limitou-se a acção virulenta ás ramificações nervosas, ou extendeu-se tambem aos musculos dos diversos órgãos onde se manifestou? e qual é a natureza da lesão soffrida pela substancia nervosa? etc. Todos estes problemas estão ainda para resolver, e são tanto mais difficeis e delicados, quanto menos vestigios deixa nos órgãos a doença que estes soffreram. Nada pode affirmar-se sobre o que passa no interior da economia, porque a observação directa alli é impotente: no emtanto, ainda que a sciencia não possa conseguir a resolução cabal de semelhantes questões, nem por isso deixa de progredir saltando abysmos, pois, se tentasse profundal-os todos, ver-se-ia obrigada a parar a cada passo,

e pouco teria adeantado, visto que de numerosas molestias desconhece ella a natureza íntima, e nem por isso deixa de saber o curativo e o tractamento da maior parte d'ellas.

A questões de similhante natureza só pode dar-se resposta incerta, provavel, conforme a interpretação dos factos; nada pode affirmar-se positivamente quanto ao modo da absorpção do virus rabico. Hoje é doutrina geralmente accéite em physiologia, que todas as substancias que actuam no organismo como venenos, são primeiro absorvidas e levadas pela corrente circulatoria até aos centros nervosos, sem haver acção directa d'essas substancias sobre os nervos das partes onde as mesmas são inoculadas; e attendendo ao espaço de tempo que o virus rabico se conserva no organismo sem occasionar desarranjo nas funcções, concebe-se que seja a circulação quem se encarregue de o levar ás differentes partes da economia, onde depois manifesta de preferencia a sua acção morbifica: mas por outra parte, causa reparo que, fazendo-se o curativo da ferida escarificando-a e cauterizando-a poucos minutos depois da inoculação do mesmo virus, não obstante isso appareça mais tarde a molestia especifica.

É sabido que a economia pode durante algum tempo conservar dentro em si substancias nocivas, sem o seu funcionalismo soffrer alteração; porem isso não é mais que reproduzir o facto sem o explicar. Tambem é sabido que o sangue em sua corrente circulatoria pode arrastar substancias toxicas que não lhe alterem a natureza. Tambem é possivel que a substancia nervosa seja a primariamente atacada pelo virus rabico, o qual, conservando-se innoxio dentro da economia desde o momento da inoculação, só esperava occasião opportuna para patentear sua acção morbifica. Porem, ainda que seja o sangue quem põe o dicto virus em contacto material ou virtual com a economia, parece que não se altera elle mesmo; pois, sendo aquella alteração revelada pelos symptomas, nenhuma razão haveria para que, alterado o sangue todo, se manifestassem modificações só em certos pontos preferidos pela

molestia, e seguindo unicamente a distribuição dos nervos cerebro-spinaes. Por conseguinte, parece mais razoavel que o virus rabico, levado pela corrente circulatoria mas sem alterar o sangue, offenda primeiro as ramificações do pneumo-gastrico, e só ao depois extenda sua acção a todo o eixo cerebro-spinal, que no principio reflecte apenas a impressão d'aquellas ramificações, alteradas talvez simultaneamente na sua dupla propriedade, sensivel e motriz, sem comtudo poder conhecer-se a natureza intima da lesão nervosa.

É certo, como se collige dos factos que presenciámos e descrevemos, que a acção nervosa em geral pode ser augmentada, diminuida e pervertida; mas ignoramos qual a modificação intima, qual a alteração dynamica productora de similhante desarranjo. Sabe-se que nos atacados de hydrophobia rábica ha perversão e exaltação de sensibilidade, perversão, exaltação e depressão simultanea ou separada das faculdades intellectuaes e moraes, augmento da contractilidade muscular occasionando spasmos tonicos e clonicos; mas nada se sabe da sua natureza intima.

Se estes conhecimentos, pouco satisfactorios, sobre a pathogenia da hydrophobia rabica ainda não ministram verdadeiras e bem fundadas indicações therapeuticas, ao menos aproximam o facultativo d'um tractamento conveniente, levando-o a procurar medicamentos cuja acção physiologica produza modificações mais parecidas com as operadas pelo virus rabico.

### VIII. DA DEFINIÇÃO

A hydrophobia rabica, ou a raiva, é uma nevrose composta de hyperesthesia, heteroesthesia, vesania e hypermyotilia, causada por intoxicação virulenta, e pathognomonicamente representada pelos symptomas seguintes: insomnia, embaraço da respiração, spasmos dos musculos respiratorios, impressão convulsiva produ-

zida pela mais leve corrente d'ar, difficuldade e por vezes impossibilidade da deglutição, que occasiona convulsões, olhos vivos, brilhantes e nimamente abertos, loquacidade, expulsão frequente e por fim continua de saliva alvissima, espumosa e glutinosa, opisthotono, andar vacillante e desharmonia de movimentos, tremor nas mãos, cheiro especial semelhante ao que sahe da bocca dos cachorrinhos de leite, ou do local onde durmam muitos cães.

Na impossibilidade de dar uma definição breve sem obscuridade da hydrophobia rabica, sou, para não confundir esta nevrose com as outras, obrigado a acompanhá-la do sequito dos symptomas que sempre observei nos respectivos doentes, e que por essa razão julgo pathognomonicos. Não apparecem os symptomas todos ao mesmo tempo, senão gradualmente e pelo decurso da molestia, uns augmentando de intensidade, e outros diminuindo e até desaparecendo de todo pouco antes da morte do doente.

Alguns pathologistas definem hydrophobia rabica «o conjuncto de phenomenos que no homem resultam da mordedura d'um animal damnado.» Porem semelhante definição é inepta por encerrar aquillo mesmo que se pretendia definir; dá-se como sabido na definição o que se desejava saber por meio d'ella.

## IX. DO TRACTAMENTO

O tractamento da hydrophobia rabica, quanto á sua importancia, transcendencia e obscuridade, em nada cede á respectiva pathogenia, antes é o remate e complemento d'esta: determina-o a mesma theoria, e encobre-o egual mysterio. É pois um ponto mui digno da mais sisuda attenção dos homens competentes.

Da leitura dos diversos tractados de medicina que pude consultar sobre a presente molestia, conheci que nesta parte domina muito o empirismo, signal certo de ser pouco conhecida a pathogenia e a etiologia da doença: em todos avultam grandes catalogos

de medicamentos, alguns de acção contradictoria, e todos indicados apenas sem se explicar o modo de sua applicação.

O tractamento que empreguei nos doentes a meu cargo foi racional, e consentaneo ás idéas que eu tinha sobre a causa e séde da molestia, e ao conhecimento especial dos meios pharmacologicos e therapeuticos que desejava empregar; idéas que até certo ponto vi satisfactoriamente confirmadas pelos resultados.

O tractamento pode considerar-se em relação ás duas ordens de meios thêrapeuticos empregados para salvar o infermo, a saber: em quanto aos meios physicos ou materiaes, e em quanto aos meios animicos ou moraes: d'ahi o tractamento *physico* e o tractamento *moral*.

O tractamento physico ainda pode considerar-se com respeito aos meios *pharmaceuticos* ou propriamente *medicamentosos*, e com respeito aos meios *dieteticos* ou *alimentares*: d'onde o tractamento *physico-pharmaceutico* e o tractamento *physico-dietetico*.

O tractamento physico-pharmaceutico tambem pode considerar-se relativamente ao espaço de tempo decorrido entre a mordedura do animal raivoso e o apparecimento da raiva no homem, e ao espaço de tempo decorrido entre o apparecimento da molestia e a sua terminação. No primeiro caso dá-se o tractamento *preventivo*, que tem por fim obviar ao apparecimento da raiva no homem, modificando-lhe o organismo convenientemente, e destruindo qualquer receptividade que este possa ter para o virus rabico, receptividade que depois da incubação mais ou menos demorada occasiona a doença com maior ou menor modificação: no segundo caso dá-se o tractamento *curativo*, que tem por fim atacar de frente a molestia mesma, a qual até hoje sahio sempre triumphante do campo onde se lhe tem dado batalha.

O tractamento assim preventivo como curativo applica-se quer *externa* quer *internamente*.

O conhecimento do valor real de cada um d'estes dois periodos morbosos, um anterior ao apparecimento da molestia, e o outro

contemporaneo com ella, deve exercer grande influencia no tractamento do doente, e tambem influe poderosamente na sua vida.

No periodo de prevenção deve o facultativo empregar todos os meios que possam obviar á molestia, atacando o virus no ponto da inoculação para não ser absorvido, e modificando o organismo convenientemente para lhe resistir no caso da absorpção. É este o periodo mais importante: então deve fazer-se tudo, então devem empregar-se quantos meios actúem favoravelmente no physico e no moral do mordido, é finalmente neste periodo que o medico pode conceber mais seguras esperanças de atalhar o mal destruindo a causa. Na segunda epocha, na do curativo, mal poderá elle contar com a acção dos medicamentos, pois, a não ser logo no principio, quando comece a manifestar-se a doença, difficiloso será applical-os em razão da grande resistencia, senão impossibilidade, que o doente oppõe a recebêl-os. Neste caso pois é necessaria a maior vigilancia e actividade da parte do medico assistente, a fim de não deixar passar a occasião opportuna de applicar o medicamento, por enquanto unico, e que, a meu ver, pode dar algum resultado satisfactorio, quando ministrado a tempo, com mão habil, e em dóse sufficiente.

Agora vou explicar estas duas classes de tractamento physico e moral, pela mesma ordem por que ficam indicadas.

#### A. TRACTAMENTO PHYSICO - PHARMACEUTICO - PREVENTIVO

1.º *TRACTAMENTO EXTERNO.* Logo immediatamente á mordadura do animal damnado, se tanto for possivel, e não o sendo, passado o menor espaço de tempo, lave-se bem a ferida com agua fria que lhe penetre em todas as sinuosidades, escarificando-a, descobrindo-a primeiro bem, dilatando-lhe as sinuosidades com o bisturi, e fazendo-a sangrar copiosamente, para o que até se lhe poderão applicar ventosas repetidas. Se o mordido o for longe

de casa, e em sitio onde não possa logo practicar quanto deixo recommendado, esprema bem a ferida, retalhando-a com canivete ou navalha que tenha á mão, a fim de sangrar em abundancia, e áte immediatamente uma ligadura entre a parte mordida e o coração, para obstar á absorpção do virus, procurando sem perda de tempo o tractamento necessario.

Depois de bem lavada e enxuta a ferida, torne-se a lavar outra vez com leve diluição de acido chlorhydrico, e só depois se cauterize com a manteiga de antimonio: nas partes porem onde possa applicar-se o caustico de Vienna, deve preferir-se este por exercer acção mais funda. Tambem podem cauterizar-se as feridas introduzindo-lhes polvora e pondo-lhe fogo. Eu não empreguei similhante meio, porque sua acção, embora mais prompta, não é mais profunda que a do caustico de Vienna nem, talvez, que a da manteiga de antimonio convenientemente applicada; e alem disto deve causar mais horror ao paciente. Outro tanto digo do ferro em brasa, a que tambem não recorri, e que podendo actuar com vantagem na profundidade que se deseja, não pode applicar-se em todas as partes de modo conveniente. Este cauterio tem cedido o logar á cauterização electrica, que por toda a parte o vai substituindo com reconhecida vantagem. Eu não tive meios para applicar aos meus doentes a referida cauterização: sei porem que no hospital da universidade de Coimbra ella tem dado optimos resultados.

Feito isto, applique-se a pomada mercurial em pranchetas sobre as feridas cauterizadas, e tambem em unções em torno d'ellas na árca de 1 ou 2 centímetros, e continue assim o tractamento até despegarem as escaras, podendo entretanto junctar-se á pomada mercurial unguento de basalicão em partes eguaes, se sobrier salivação abundante. Com o uso d'este tractamento as escaras despegarão dentro de oito dias pouco mais ou menos, e as feridas apresentarão depois supuração copiosa, a qual, attenta a

sua acção, deve haver muito cuidado em continuar pelo maior espaço de tempo possível.

Quando as feridas mostrarem tendencia para cicatrizar, deve escolher-se uma ou duas em logares accommodados para se converterem em fonticulos, que continuarão abertos e supurando durante um anno pouco mais ou menos; e se nenhuma das feridas poder accommodar-se a este fim, deverão abrir-se os fonticulos em logares convenientes.

**2.º TRACTAMENTO INTERNO.** Depois de curadas as feridas, administre-se ao paciente um emêto-catartico (ipecacuanha em pó, 12 decigr., em dois papeis eguaes, com 5 centigr. de tartaro emetico em cada um) proporcionando a dóse á idade do individuo; e passada a acção d'este purgativo, administre-se logo o pó da raiz de belladonna nas dóses seguintes: 2 gr. até 1 anno; 4 a 5 gr. de 1 até 7 annos; 8 a 10 gr. de 7 até 14 annos; 12 gr. de 14 até 20 annos; e 14 a 16 gr. de 20 annos para cima. Cada uma d'estas dóses será dada em 2 ou 3 onças d'agua, com 48 horas de intervallo entre uma e outra dóse.

No dia seguinte áquelle em que tomar a primeira dóse do mencionado pó, começará o paciente a fazer tambem uso do extracto de belladonna, tomando em 24 horas em tres dóses 15 centigr. os individuos que tiverem mais de 15 annos, e 10 centigr. os que tiverem menos, accrescentando em cada dia 5 centigr. (um gr.) de extracto a cada uma das tres dóses, vindo por esta fórma o mordido de mais de 15 annos a tomar 15 centigr. nas primeiras 24 horas, 3 decigr. nas 24 horas seguintes, e assim successivamente.

Á discrição do clinico assistente ficará o variar a fórma da administração do medicamento, com tanto que as dóses cresçam diariamente do modo acima indicado: o scr o medicamento administrado em tres, ou em mais ou menos dóses, nada influirá para

se conseguir o effeito necessario. Do modo por que a deixo descripta é que eu practiquei a medicação, mas então ao cabo de 20 dias pouco mais ou menos parei com ella, hoje porem aconselho que não se suspenda. Nem admire a dóse elevadissima de extracto de belladona que o paciente d'este modo vem a tomar, nem haja que recear do augmento progressivo de tal medicamento; por que na minha practica medica tive eu varios casos de ileon, em cinco dos quaes administrei extracto de belladona em dóse tam elevada, que em 48 horas excedeu a 50 gr., a um doente de 18 annos de idade, e que, esgotados debalde todos os meios aconselhados pela sciencia, pude salvar emfim<sup>1</sup>.

A innocuidade d'alguns medicamentos venenosos ministrados em doses exaggeradas em certos estados pathologicos, leva-me a pensar que a economia modificada ou alterada por aquelle estado morboso se torna talvez apta para a recepção inoffensiva d'aquellas doses elevadas de medicamento tam activo.

O tractamento que aconselho, com o augmento progressivo e diario do extracto de belladona, é em substancia o mesmo que empreguei nos casos descriptos noutro lugar; só differe o modo da applicação. Então administrei-o sem ter ainda experiencia alguma de casos d'esta natureza, e guiado apenas em tam tenebrosa escuridão pela luz do raciocinio quanto á causa e séde presumivel da doença: os symptomas porem com que a doença se manifestou em todos os atacados, os que foram apparecendo á medida que ella caminhava e se desinvolvia, a ordem regular que sempre guardaram, a intensidade que foram ganhando constantemente, etc., deram-me nova luz para o futuro. Tambem observei então que, quanto mais tarde se manifestava nos mordidos a hydrophobia rabica,

<sup>1</sup> Ainda não ha muitos dias tive occasião de observar outro caso de ileon num homem de 25 annos de idade. Depois de empregados em vão todos os outros meios, administrei-lhe em menos de 70 horas 100 gr. de extracto de belladona: o doente manifestou symptomas muito semelhantes aos da hydrophobia rabica, e salvou-se.

tanto mais modificados e menos intensos appareciam os symptomas, havendo uma differença consideravel entre a hydrophobia do primeiro atacado e a do ultimo, como fica sobejamente demonstrado.

Por todas estas razões hoje, que são decorridos quasi dois annos, adoptaria eu o tractamento com a modificação apontada, interrompendo de dez em dez, ou de doze em doze dias, o uso do pó da raiz e do extracto de belladona durante tres ou quatro dias, para dar descanso ao doente, ou para lhe applicar algum vomitorio, quando o seu estado gastrico assim o exigisse; pois tambem já adverti que os affectados desta doença mostram tendencia especial para a excessiva secreção de bilis, que expellem pelo vomito em quantidade consideravel.

#### B. TRACTAMENTO PHYSICO - PHARMACEUTICO - CURATIVO

1.º *TRACTAMENTO EXTERNO.* A este respeito pouco tenho que dizer, porque poucas são tambem as applicações que podem fazer-se aos individuos atacados de hydrophobia rabica, e quasi todas inuteis: todavia para modificar alguns dos symptomas podem applicar-se os banhos de vapor, a pomada de extracto de belladona em uncções sobre o thorax, etc. Tambem tem sido muito recommendada a applicação das correntes electricas, intermitentes e até continuas. Ultimamente apregoaram muito os banhos de vapor como o unico remedio efficaz e quasi especifico contra a raiva: mas baldado empenho, tudo é inutil. Sobre este meio therapeutico hei de fazer adeante algumas considerações em capitulo separado.

2.º *TRACTAMENTO INTERNO.* Até hoje tem sido baldados todos os esforços da sciencia no intuito de debellar a hydrophobia rabica, e inuteis e inefficazes quantos meios pharmacologicos se tem

empregado para esse fim: nem as sangrias applicadas até fazerem perder os sentidos ao doente, nem a injeccão d'agua simples nas veias empregada por Magendie, nem a d'agua levemente opiada feita por Dupuytren, nem os compostos de mercurio, nem uma infinidade d'outros medicamentos, cuja enumeração seria não só fastidiosa mas desnecessaria, attenta a sua inutilidade, têm salvado um unico doente d'esta horrivel molestia.

Hoje, esclarecido pela observação attenta dos casos que referi, só aconselho o uso prompto do extracto ou pó de belladona e em dóse tal, que com a maior brevidade faça apparecer o envenenamento. O ponto difficil de similhante applicação está em aproveitar a occasião, logo que se offereça. A impossibilidade em que os doentes muitas vezes ficam, de engulir qualquer corpo medicamentoso durante o completo desinvolvimento da molestia, deve pôr o clinico de sobreaviso, para que desejando empregar algum medicamento interno o faça, mal comecem a definir-se os primeiros symptomas da doença; pois, se deixar passar essa occasião, que é a unica, tudo ficará perdido, e o doente succumbirá irremediavelmente, quando o tractamento preventivo não haja sido applicado com firme constancia e assiduidade: se o for, conseguir-se-á talvez debellar alguns symptomas caracteristicos da doença, ajudando-o com applicações externas accommodadas, que as circumstancias e a natureza d'elles aconselharem. Seria esse tambem o caso de recorrer ás injeccões ou inoculações subcutaneas. As differenças mutuas que noutro logar referi, entre as quatro observações que deram objecto á primeira parte d'este escripto, e as que notei relativas aos casos de hydrophobia rabica bem diagnosticados e descriptos por outros pathologistas, levam-me a suppôr que, se a belladona tivesse sido applicada por mais tempo e em maior dóse, mais favoravelmente teria modificado a molestia, e, talvez, a debellasse. Insisto pois na constancia e efficacia do tractamento preventivo, e em relação ao curativo recommendo com preferencia a belladona applicada em dóse capaz de produzir o en-

venenamento, porque os effeitos toxicos d'aquelle agente pharmacologico no organismo assimelham-se aos da inoculação do virus rabico simulando um ataque de raiva, e estes effeitos raras vezes são fataes, quando o clinico os vigia attentamente. Segundo os principios de therapeutica e materia medica admittidos por muitos pathologistas, a modificação medicamentosa produzida por aquelle agente no organismo poderá talvez substituir a modificação já existente produzida pelo virus rabico.

#### C. TRACTAMENTO PHYSICO-DIETETICO

Convem que seja reparador, visto como o systema nervoso é que soffre principalmente. No principio o doente fará uso de carnes brancas, se as feridas ou o estado morboso resultante d'ellas assim o exigirem; e ao depois usará d'outras carnes misturando hortaliça, etc., e evitando sempre que possa, o uso de alimentos feculentos.

Em geral o tractamento dietetico do inferno deve aproximar-se, quanto possivel, da sua alimentação usual.

#### D. TRACTAMENTO MORAL

Não deve o medico recorrer só aos medicamentos, ou aos agentes pharmacologicos, que actúam no physico do doente; deve tambem com egual desvelo, e muitas vezes com maior afinco, aproveitar todos os meios que influem no moral.

E em verdade, se ha doença em que aproveite conservar equilibrados o physico e o moral do paciente, é por certo esta, na qual por isso não deverão poupar-se esforços alguns tendentes a manter sempre no ouro o fiel da balança. Longe de mim o participar da opinião dos que pensam que a hydrophobia rabica pode

contrahir-se só pelo medo: todavia, sectario fervoroso das doutrinas da influencia reciproca e profunda do physico sobre o moral, estou capacitado de que num individuo mordido por animal rai-voso muito influe para que a molestia se desinvolva, a impressão moral causada por aquelle funesto accidente, que o leva de continuo a pensar na doença, a conceber idéas tristes e desconsoladoras, e a permanecer num estado de abatimento e depressão tal, que do tractamento pharmaceutico não consiga todos os efeitos salutaes, podendo assim vir a soffrer outro padecimento differente do que receava. A proposito contarei um facto que eu mesmo presenciiei.

Ha annos, indo eu a passar por juncto d'um individuo com quem tinha relações de amizade, notei com certa estranheza que elle me não fallasse, nem sequer para mim olhasse. Dirigi-me para elle, que parou com o rosto abatido e triste, e olhando-me com ar espantado. Perguntei-lhe o que tinha; e só passado algum tempo respondeu lentamente que «acabava de passar por juncto d'um cão damnado!» Conheci a profunda impressão moral que este simples acontecimento causara naquelle homem apprehensivo, impressão que podia trazer graves consequencias para a sua saude: em poucas palavras e jovialmente o tirei do seu receio infundado, e o convenci de que a molestia não podia communicar-se por semelhante modo: passámos logo a conversar noutras cousas, e o meu amigo não tornou mais, que eu soubesse, a lembrar-se de tal.

É este um dos casos em que a impressão moral produzida pelo horror pode abalar profundamente o organismo do paciente, a ponto de lhe fazer perigar a saude e até a vida; não pela hydrophobia rabica mesma, que no caso sujeito não podia sobrevir, por não preceder a inoculação do virus; mas em razão do abalo, abatimento ou depressão do systema nervoso. Por tanto nesta doença, mais do que em alguma outra, reputo eu o tractamento moral quasi de tanta importancia como o tractamento physico; e as-

sim, devem retirar-se da presença do mordido quaesquer objectos que possam recordar-lhe o funesto acontecimento, deve distrahir-se-lhe o espirito para cousas diferentes, divertil-o com danças, jogos, etc., sem jámais recordar a causa do tractamento que se lhe applica.

É um prejuizo vulgar o prohibir o mordido por animal damnado do uso de certos alimentos e da presença da agua, ou não lh'a deixar beber por vaso onde a possa ver. É um erro gravissimo, pois acostumado elle nas circumstancias normaes (quaes são de ordinario aquellas em que fica logo depois da mordedura) a lavar-se com agua, a beber agua, a ver agua, a comer de tudo, etc., se observa que todas estas cousas lhe prohibem, lembra-se naturalmente da causa da prohibição, á qual por outra parte eu não descubro razão plausivel. Portanto deve permittir-se-lhe que durante o tractamento continue a lavar-se, a ver agua, a beber-a, a passear quando possa, exactamente como d'antes: o trabalho é tambem um excellent meio de distracção. Em summa deve lançar-se mão de tudo quanto possa distrahir o paciente da temerosa lembrança de que fora mordido por animal damnado; esta idéa só por si horroriza.

### XIII. DOS BANHOS DE VAPOR

Nestes ultimos tempos tem sido apregoados como remedio infallivel contra a raiva os banhos de vapor, tomados tanto durante o periodo da incubação como durante a molestia mesma; e recommenda-se tambem que a temperatura se eleve de 60 gráus para cima, e que o banho se prolongue o mais possivel, até 6 horas.

Dada qualquer molestia havida por incurayel e que incuta horror a quem a padece e a quem a presencía, como sobre todas é a hydrophobia rabica, qualquer medicamento novo causa sempre grande sensação, excita a curiosidade publica, e faz conceber para

o doente esperanças de cura ou, quando menos, de allivio. E ainda que a razão nem sempre possa explicar satisfactoriamente a relação que haja entre o medicamento preconizado e a molestia a que o applicam, todavia sobre o medico assistente pesa grande responsabilidade, se o não emprega, mórmente numa molestia como a hydrophobia rabica, cuja obscuridade e terminação sempre fatal tornam desculpaveis quaesquer meios therapeuticos tentados para a debellar. Por esta razão, ainda mais do que pela esperança de obter a cura, e tambem pela curiosidade de experimentar os efeitos d'um remedio tam preconizado, appliquei eu os banhos de vapor aos doentes que tractei.

As difficuldades com que tive de lutar, a maneira como as venci, e o apparelho de banhos que improvisei, tudo fica minuciosamente exposto noutro logar: aqui só expenderei as idéas que essa applicação me suggeriu sobre o valor therapeutico d'aquelle remedio.

O banho de vapor é a applicação do calor á periphéria por meio da agua vaporizada, é a applicação externa e geral de certo excitante. Todos sabem que existe intima relação entre a pelle e as mucosas, e que um augmento de vitalidade naquella diminue a vitalidade d'estas; e por conseguinte, é facil ver quanto partido a therapeutica pode tirar d'essa relação de antagonismo, como medicação revulsiva, promovendo copiosa transpiração, e deslocando assim um fluxo morbido e um estado pathologico de sitios importantes para outros que o sejam menos, e onde esse estado possa sustar-se com facilidade, quando se torne desnecessaria a sua continuação; e esta foi a acção que mais promptamente resultou dos banhos de vapor para os doentes a quem os appliquei. Declarada a molestia, nos dois individuos que os tomaram logo se manifestou mui sensivel diminuição na secreção bronchica, a baba até então abundante continuou em pequena quantidade, e por isso os doentes sentiram allivio por terem menos difficuldade em a expellir;

quanto aos demais symptomas, não experimentaram mudança alguma favoravel.

Porem os banhos de vapor não devem considerar-se só debaixo d'este aspecto: a acção d'elles exerce-se primordialmente sobre o systema nervoso, cuja influencia logo augmenta sobre todos os apparelhos que anima. Esta excitação primitiva do systema nervoso dura pouco, e termina com o abatimento ou collapso do mesmo systema, cuja acção, sem se modificar ou alterar, continúa desordenada. Outras vezes uma grande excitação causada pelo banho no systema sanguineo pode promover um raptó de sangue ao cerebro, como succedeu a um dos doentes que tractei, o que veio complicar o seu estado morboso. E quando o banho de vapor é applicado antes de apparecer a hydrophobia rabica, provoca um somno mais profundo e longo ao individuo já debilitado pela transpiração cutanea, como todos os mordidos experimentaram no periodo da incubação.

Que o banho de vapor possa eliminar o virus rabico, não o demonstram os factos que observei, e o raciocinio mesmo encontra difficuldade em o comprehender. Por quanto, ou o virus se conserva ainda depositado no sitio onde fora inoculado, ou já está absorvido: na primeira hypothese, deve o tractamento da ferida tel-o destruido, e não pode então attribuir-se ao banho de vapor o que só é effeito do curativo: na segunda, como esperar que o banho de vapor pela transpiração cutanea elimine o virus, que fora absorvido e que já actuou no organismo modificando-o a seu modo e preparando-o para o apparecimento indefectivel da molestia? Alem de que a transpiração cutanea, considerada só como agente eliminador, obra mui superficialmente, ao passo que a acção do virus rabico é intima e profunda. Na propria molestia se experimenta a insufficiencia therapeutica da transpiração cutanea embora activa e copiosa: a todos os atacados veiu ella espontaneamente, e a alguns até em quantidade pasmosa, sem com isso

desapparecer ou diminuir a molestia. Oxalá que assim fora, porque então no banho de vapor teriamos nós o remedio especifico contra todas as molestias virulentas, o que infelizmente não é verdade.

E ainda considerando similhante banho só quanto á sua acção sobre o systema nervoso, não poderá explicar-se de modo satisfactorio o exclusivismo d'essa acção por aquelle agente, quando na medicação excitante entram tantos medicamentos dotados de propriedades identicas ás do banho de vapor, e cuja acção todavia falha reconhecidamente contra a hydrophobia rabica.

O emprego dos referidos banhos contra esta molestia tem por fim retirar o virus rabico do organismo por meio da transpiração cutanea, e pode bem ser que a idéa d'esse emprego viesse do facto de serem algumas substancias toxicas naturalmente eliminadas da economia animal por similhante meio; seria pois, em tal caso, o emprego dos banhos de vapor uma applicação therapeutica por analogia. Porem, a meu ver, não ha verdadeira analogia em todas as partes d'este raciocinio: porquanto, não obstante ser o organismo o mesmo, e analogos os efeitos do banho de vapor, comtudo a substancia que se pretende eliminar é que não é a mesma nem da mesma natureza; pois no primeiro caso ha substancias toxicas para retirar, venenos animaes, vegetaes ou mineraes, corpos propriamente dictos, ponderaveis, sujeitos ás analyses quantitativa e qualitativa, que obram em doses determinadas; e no segundo caso tracta-se d'um virus propriamente dicto sómente contagioso, d'um ente deleterio e toxico é verdade, mas que em rigor não deve chamar-se corpo.

Por meio da transpiração abundante ainda ninguem conseguiu purgar a economia d'algun virus similhante ao virus rabico. Realmente, um virus não é um corpo que se apalpe, que se pese, que se analyse, que obre como materia, e que por isso possa ser eliminado; um virus é antes constituido pela modificação, pelo arranjo molecular e intimo d'uma secreção physiologica ou pathologica, realizado durante um trabalho morbido especial, e que até hoje

tem escapado a todas as analyses; é uma alteração peculiar das propriedades organo-lepticas d'esse producto, as quaes o trabalho morbido modificara produzindo outras especies e reproductivas, e imprimindo-lhes um cunho particular.

As secreções naturaes podem adquirir por virtude d'um trabalho pathologico propriedades differentes das que tinham no estado physiologico: por exemplo, o muco nasal no principio d'uma coryza torna-se irritante, escoriando quasi as superficies por onde passa; houve alteração manifesta de suas propriedades, sem todavia accrescer corpo novo em sua composição, e isto succede num estado inflammatorio: ora o virus é formado num estado pathologico especial.

O virus rabico obra por assim dizer virtualmente, quasi sem se gastar, imprimindo no organismo modificações proprias do seu modo de ser. A secreção que o constitue, ou normal ou morbida e alterada pathologicamente, pode modificar-se e até extinguir-se com as reproducções successivas, que vão alterando o seu modo de ser, como succede a todos os corpos capazes de se reproduzirem; ou tambem produzindo no organismo outras modificações em sentido contrario, que lhe façam recuperar suas propriedades physiologicas.

Por todas estas razões intendo que mesmo *a priori* se poderia demonstrar a inefficacia dos banhos de vapor como remedio eliminador do virus rabico, inefficacia que os factos confirmaram.

Consideremos agora o banho de vapor em relação ao gráu de sua temperatura, o qual é havido por quem recommenda este tratamento, quasi como condição *sine qua non* de seu resultado benefico. Parece-me que estabelecer neste ponto como regra invariavel que a temperatura se eleve de 60 grâus para cima, principalmente durante a molestia, é não tomar em conta o temperamento, a idiosyncrasia e a disposição especial do paciente. Se alguns individuos para promoverem a transpiração copiosa necessitam de tomar um banho a similhante gráu de temperatura, á

grande maioria para conseguir esse fim basta tomal-o a 40 gráus. Nos casos observados que referi, a todos os doentes sobreveiu transpiração cutanea copiosissima, sem a temperatura subir acima de 48 até 50 gráus; e ainda assim, um d'elles foi necessario retirar-o precipitadamente do banho já sem sentidos e com graves symptomas de congestão cerebral, sendo urgente sangral-o de prompto.

O mesmo penso quanto á duração do banho. Com similhante remedio o que se pretende é conseguir uma transpiração cutanea copiosa, pela esperanza de por esse meio ser eliminado da economia o principio virulento que a ameaça ou que a ataca; logo que esse fim esteja conseguido, poderá retirar-se o doente do banho: por tanto, marcar certo espaço de tempo para elle é não attender nem á idiosyncrasia, nem á força vital, nem á força da reacção particular de cada individuo. Em qualquer dos meus doentes consegui eu transpiração copiosa, sem lhes prolongar o banho por mais de meia hora pouco mais ou menos.

Em summa: o unico effeito aproveitavel e que pode esperar-se dos banhos de vapor para os individuos atacados de hydrophobia rabica, effeito que eu mesmo vi nos que tractei, é diminuir-lhes a secreção salivar e mucosa dos bronchios; quanto porem á sua força curativa, parece-me nulla.

## XI. DOS REMEDIOS EMPIRICOS OU DE SEGREDO

Quanto mais extraordinaria e menos curavel é certa doença, tanto mais abundam os remedios e tanto mais se inculcam os curandeiros para ella. Alguns remedios ha que até passam por especificos; com estes se especula geralmente, outras vezes porem só se lisongeia a vaidade de quem possui o segredo de os compor. De todas estas causas resulta não raro ou sómente gloria infun-

dada e vã, ou tambem grandes lucros tirados á credulidade alheia, sempre com detrimento do publico.

Para grangear creditos a qualquer remedio secreto, raras vezes innocente, costumam em geral revestir sua applicação de certo mysterio, empregando numeros cabalisticos, e recorrendo a practicas religiosas, tiradas as quaes já o remedio não produz effeito. Em algumas localidades o uso dos remedios secretos no tractamento de certas molestias está tam profundamente arraigado na crença popular, que é havido como attentado grave, ou como acto de crassa ignorancia da parte do facultativo, o deixar o tractamento empirico para seguir o racional que a sciencia recomenda. Alem de que, é sempre difficil e raras vezes se consegue persuadir aos doentes que lhes aproveita mais o tractamento racional do que o empirico; ou porque elles acreditem realmente na efficacia exclusiva do remedio secreto, ou porque os instiguem a esse exclusivismo as pessoas empenhadas em inculcal-o para gloria ou proveito de quem possui o segredo.

As estupendas maravilhas operadas por similhantes remedios não são difficeis de conhecer em se lhes aproximando a luz do raciocinio. No caso de que estamos tractando, apparece, por exemplo, uma ou mais pessoas com ferimentos ou arranhaduras, que se dizem feitas por animal damnado. Sem tractarem de averiguar primeiro, como a razão pedia, a verdade do asserto, fazem o curativo das feridas com o tal remedio secreto, segundo prescreve a receita; depois, como é natural, não se manifesta a molestia, e d'ahi apregoam a virtude do remedio, a *cura* de tantas pessoas *mordidas por animal damnado!* Assim se espalha a fama do remedio, e assim vae elle ganhando creditos, de maneira que muitas vezes em circumstancias urgentes deixa de fazer-se o que recomenda a sciencia, para seguir o que apregôa o charlatanismo.

Em taes casos, para se affirmar razoavelmente que houve mordedura feita por animal damnado, era preciso ou prender o ani-

mal suspeito e observar-lhe a molestia, ou esperar que a hydrophobia se manifestasse em alguma das pessoas mordidas por elle; d'outro modo nada podia asseverar-se com fundamento. Circumstancias do organismo especiaes ha, em que podem apparecer alguns dos symptomas geraes da hydrophobia, sem comtudo existir exactamente a hydrophobia especifica: por tanto, como estabelecer um verdadeiro diagnostico differencial, se o observador não descobre o verdadeiro symptoma especifico, que é o apparecimento contagioso e virulento da molestia primitiva? E taes são os solidos fundamentos com que se apregoam tantas curas de hydrophobia rabica por meio dos remedios secretos!

Na minha clinica medica tive eu, haverá septe ou oito annos, tres ou quatro d'estas curas practicadas em outros tantos individuos, que me buscaram para lhes tractar feridas, algumas bastante extensas, que tinham sido feitas, disseram elles, havia já dois dias por animaes damnados. Fiz-lhes logo o curativo como se as feridas fossem realmente especificas, e do modo que cumpre fazel-o sempre; e nunca mais ouvi fallar de semelhantes homens, e soube que nunca soffreram. Que concluir d'ahi? que curei feridas feitas por cães não atacados de hydrophobia rabica, feridas simples e nada mais.

Todo o prestigio para os remedios secretos vêm de elles serem applicados a pessoas geralmente rudes e de pouco discurso; tambem procede do nosso amor proprio mal intendido, e d'um falso valor e desvanecimento que cada um sente em dizer: resisti a uma doença perigosa e a que poucos resistem! É uma fraqueza commum e inseparavel da pobre humanidade....

Sem embargo, entre o infinito numero de remedios secretos aconselhados para diversas molestias, não poucos encontramos em cujos principios componentes, d'acção differente é até ás vezes opposta, entram alguns de applicação em certo modo justificavel, attenta a influencia que exercem no organismo em relação á molestia a que os destinam. E a proposito vou transcrever a formula

d'um remedio secreto, que por estes arredores voga como ó *non plus ultra* contra as mordeduras de animaes damnados e venenosos, e que é reputado remedio unico infallivel, de sorte que nem um caso funesto se aponta em sua longa applicação.... Entra porem na composição do mesmo um ingrediente que merece estudo serio, em razão de sua acção modificadora do systema nervoso ainda pouco averiguada: é a arruda. Eis aqui textualmente transcripta uma das formulas do tal remedio e o modo de sua applicação; essas formulas variam em alguns pontos. A simples leitura sem precisar de commentarios deixa ver o merecimento do especifico.

«— Receita para curar chagas e feridas venenosas feitas por animaes raivosos e damnados, e para preservar da raiva assim os homens como os animaes.—

«Como as feridas e mordeduras de animaes raivosos são na opinião de todos quasi incuraveis, darei aqui um remedio excelente, e que é o *non plus ultra*. Assim nos homens como nos animaes tem este remedio mostrado ser efficacissimo; o qual estava encoberto em França em poder d'uma familia illustre, que tinha gloria de curar sem interesse a todos aquelles que iam buscar aquelle refugio. Depois se descobriu por um padre da Companhia, pertencente á mesma familia, o qual estando infermo fez escrupulo de não declarar esta formula de remedio para salvar a vida dos homens, que é tam necessaria. Diz mais que é tam infallivel este remedio, que ainda que se haja tido uma ou duas sesões de raiva, assim mesmo podem salvar-se.

«Se alguma pessoa ou animal for mordido d'outro animal ou pessoa raivosa, e que tenha ferida ou chaga aberta, primeiro que tudo ha de limpar muito bem a chaga, raspando-a muito bem com alguma faca sem cortar cousa alguma, e se houver alguma parte rasgada que seja necessario unir-se, se lavará primeiro muito bem com agua e vinho vermelho misturando-lhe sal.

«Formula da receita.— Tome raizes de roseira brava das mais

tenras e de escorcioneira, de cada uma d'estas uma mão cheia, e muito cortadas miudadamente, arruda, salva e margaritas bravas, das que crescem nos campos, de cada uma d'estas meia mão cheia tanto das flores como das plantas, porem de margaritas tome-se dobrado, duas cabeças grandes de alhos limpos, e uma colher de sopa de sal: depois de tudo muito bem pisado e unido, deverá pôr-se sobre a ferida um bocado á maneira de cataplasma, e se a chaga fôr funda, deve lançar-se-lhe dentro uma porção de sumo extrahido da mesma massa, ligando depois a ferida até o dia seguinte. Em seguida, logo no mesmo dia se devem fazer nove bólas da mesma massa do tammanho cada uma d'uma noz; e para se fazer uso da bebida deve-se lançar uma das bólas em um almofariz bem limpo, pisando-a novamente, e deitando-lhe em cima meio quartilho de vinho branco: depois de tudo bem dissolvido, cõa-se por um panno expremendo bem a massa, para que extráia bem o sumo; e depois se bebe a porção toda, lavando depois a bocca com agua e vinagre, para desvanecer o máo gosto que deixa esta bebida: e d'esta forma deve por espaço de nove dias usar d'este remedio tanto no curativo da ferida como na bebida, que deve tomar sempre em jejum, não sendo necessario rapar nem lavar a chaga mais que no primeiro dia, mas sim limpar de vinte em vinte e quatro horas; e se nos oito dias as chagas não estiverem sans, como costuma succeder, sendo grandes, depois se podem curar e tractar com chás simples.

«Quando o cavallo ou outro qualquer animal fôr mordido d'outro animal raivoso, se pode usar d'este remedio, como temos dicto: ao cavallo pode lançar-se-lhe a bebida pela bocca, tendo posto uma grade, e segurando-lhe a lingua com a mão esquerda para com a direita se lhe poder introduzir o remedio na garganta. Ao cão pode deitar-se no remedio em logar de vinho leite, pois assim o beberá melhor. Este importante remedio se pode fazer uso d'elle, porque faz o mesmo effeito em todas as mordeduras de bichos venenosos.

«Durante o tempo do uso d'este remedio é necessario guardar uma dieta rigorosa fazendo só uso de carnes de penna.»

Isto diz a receita. Outra tenho á vista, que d'esta differe só em dizer que a falta de qualquer das plantas, das flores, ou das røizes, em nada prejudica o bom resultado do remedio!... Este medicamento vêm buscar á povoação onde isto escrevo, individuos de localidades situadas a muitas leguas de distancia; e ao mesmo tempo, parte essencial do tractamento, devem benzer-se com uma reliquia de S. Romão, sem o que a cura nada vale. Tambem não devem passar por agua, nem vê-la quando a bebam, e para isso importa bebê-la por vaso de gargalo: tudo isto se observa religiosamente durante tres sextas feiras. Não vêm na receita estas ultimas recommendações, mas accrescentam-nas as pessoas que posuem e ministram o remedio. Cumpridas ellas com religioso escrupulo, o individuo fica inteiramente curado: mas entretanto sempre se lhe impõe alguma prohibição, desprezada a qual já não se responde pelo bom resultado do remedio, cujos credits assim ficaram resalvados....

Raros tem sido, feliz ou infelizmente, os casos da verdadeira hydrophobia rabica. Digo *infelizmente*, porque se esta molestia fosse mais frequente, podera estudar-se melhor, e talvez já se tivesse descoberto algum remedio, se não especifico, ao menos capaz de a combater com vantagem, lucrando assim a humanidade. E porque as mordeduras de animaes dictos damnados têm sido muito frequentes, e os casos da verdadeira hydrophobia rabica muito raros, por isso o remedio secreto poucas vezes tem sido applicado em circumstancias convenientes para bem se patentear a sua effiçacia: sabe-se porem de tres casos importantes, que podem esclarecer-nos, todos succedidos não longe d'esta villa, e sobre os quaes obtive informações minuciosas.

É o primeiro d'uma mulher natural d'uma povoação distante d'aqui duas leguas, e que veiu curar-se a esta villa da mordedura d'um cão realmente damnado. Foi benzida, tomou os bolos, guar-

dou a dieta, etc., tudo exactamente segundo lhe fora prescripto, e durante as taes semanas do estylo, passadas as quaes tornou á sua vida ordinaria. D'ahi a seis mezes manifestou-se-lhe a molestia com symptomas terriveis e exaggeradissimos. Encerrada numa casa, quando sentia vir-lhe algum accesso de raiva (a onda,) avisava os circumstantes para que fugissem, e ella mordia-se a si e mordia quantos objectos tinha á mão. A final, compadecidos de seus soffrimentos, durante um dos accessos deitaram-lhe em cima um cobertor onde a involveram e pearam, e depois suffocaram-na debaixo d'um colchão. Estas informações obtive no proprio local do acontecimento, e das mesmas pessoas que o presenciaram: a molestia porem appareceu, disseram-me tambem, porque a doente, passados seis mezes, deixou de abster-se de certa cousa que lhe tinham prohibido no fim do curativo....

O outro caso foi d'um homem mordido por um lobo damnado, que elle proprio matou. Curaram-no do mesmo modo, e mezes depois appareceu-lhe a hydrophobia rabica com violencia espantosa: para lhe pouparem mais soffrimentos, depois de o haverem prendido num quarto, abriram-lhe uma veia, e assim morreu.

O terceiro caso succedeu, haverá 40 annos, não longe d'esta villa, na cidade de Portalegre. Entrou ahi um lobo damnado, e mordeu muitas pessoas, algumas das quaes foram tractadas no hospital da mesma cidade, e as outras em suas proprias casas com o tal remedio caseiro. Morreram indistinctamente d'umas e d'outras. Perguntei para o dicto hospital que tractamento haviam empregado, e se existia documento que podesse illucidar-me sobre a tal doença; responderam-me que nenhum havia, e assim só pude colher informações vagas d'algumas pessoas que ainda se lembravam do facto ou o haviam presenciado, e que são concordes em o attestar como o deixo referido.

Ultimamente, quando eu tinha concluido o tractamento dos diversos casos que fazem o objecto da presente Memoria, veiu-me á mão uma carta d'um francez, mr. Cerès, que diz ser cirurgião

e residir no Porto, inculcando um remedio secreto de preparação sua, e com o qual affirma ter curado *constantemente infinidad de casos*, alguns quando tinha havido já *accessos de raiva*. O provedor da misericordia d'esta villa, a cujo cargo está tambem o hospital onde foram tractados os mordidos, pediu ao dicto especialista um frasco do seu medicamento para mais assegurar a vida d'aquelles infelizes. Era uma boa obra de misericordia. O dicto sr. respondeu que, como estrangeiro, não podia fazer esmolas, porque não estava nessas circumstancias. Este mesmo cirurgião havia officiado ao respectivo governador civil, ao delegado de saude e ao provedor da misericordia, offerecendo-lhes o seu prestimo como especialista na dieta molestia.

Mas, dando de mão ao charlatanismo, chamo a attenção dos competentes para o estudo da *arruda*, ingrediente obrigado de todos os remedios secretos contra a hydrophobia rabica. A acção da arruda sobre o systema nervoso ainda é pouco conhecida, e pode muito bem ser que do seu estudo nasça nova luz, que ajude a dissipar as trevas que ainda encobrem o verdadeiro remedio d'esta molestia.

## XII. DA POLICIA SOBRE OS CÃES

Para completar este trabalho resta-me fallar da policia hygienica tendente a prevenir a hydrophobia rabica e a cynophobia, objecto de grande momento, e que está occupando os espiritos si-sudos e pensadores.

A frequencia da hydrophobia rabica nestes ultimos annos, principalmente no de 1866, e já neste que vae correndo, assim no nosso paiz como nos paizes estrangeiros, leva-nos a reccar que esta doença se torne ordinaria; e a multiplicação cada vez maior dos cães que vagam por toda a parte, tambem nos faz temer que appareça uma nova doença, a *cynophobia*. Seria realmente

um grande mal para a raça canina, que a respeito d'ella entrasse no espirito do homem semelhante receio.

Os periodicos tanto nacionaes como estrangeiros abundam em noticias de casos de hydrophobia rabica, e este estado de cousas deve chamar a attenção dos governos, para adoptarem medidas energicas que o atalhem de prompto e previnam para o futuro.

O jornal de medicina *The Lancet*, em o numero de 17 de março de 1866, chamou para este objecto a attenção do governo britannico, e até apontou um meio de prevenir o mal. Nos numeros de 14 e 21 de abril e no de 16 de junho do dicto anno noticiou alguns casos de morte causados por aquella molestia, e no numero 23 d'este ultimo mez tornou a chamar ainda com mais instancia a attenção do referido governo sobre a necessidade de prover de remedio aos grandes males que resultam do augmento progressivo dos cães; e lamentando e censurando a incuria e desleixo que o mesmo governo sempre tem mostrado sobre negocio de tanta importancia, dizia «que agora só acreditava que elle tomasse providencias, quando algum dos membros do parlamento fosse mordido por cão damnado; que só então se legislaria sobre este objecto, porque lhes chegaria de perto.»

A repetição frequente de casos tam lamentaveis como os de que tracta esta Memoria, e as instancias ultteriores dos povos e da imprensa, hão de finalmente mover os governos a adoptarem providencias a tal respeito: porem um governo zeloso e providente não deve esperar que as cousas cheguem a esse ponto, deve elle mesmo prevenil-as a tempo. Ao nosso governo creio eu que chamarão a attenção os casos repetidos de hydrophobia que a imprensa periodica tem noticiado, os que eu descrevi na presente Memoria, e os que ultimamente occorreram nas cidades de Lisboa, Porto e Vizeu.

É obvio que, para evitar ou quando menos para diminuir o numero dos casos de hydrophobia rabica, deve obstar-se ao incre-

mento progressivo dos cães. Para conseguir este fim apenas têm sido recommendados alguns meios policiaes, um dos quaes, considerando os cães como propriedade que se estima e deseja conservar, os sujeita a um imposto, que consiste em ordenar que cada cão traga ao pescoço sua colleira de metal, com um numero e o nome da povoação a que pertença. Estas colleiras devem ser fornecidas mediante um preço modico pelos individuos encarregados de cobrar o dicto imposto, os quaes assentarão logo num livro o nome da pessoa a quem o cão pertença, em frente do numero da colleira que para elle venderem; e a policia deve matar todos os cães que não trouxerem colleira, e que por esse facto serão reputados vadios, tendo o empregado que os matar direito a uma gratificação. Porem esta medida policial não satisfaz cabalmente, e pode até occasionar conflictos serios entre a policia e os donos dos cães, porque pode o amor do dinheiro levar algum empregado a subtrahir a colleira ao cão e a mata-lo depois como vadio a fim de ganhar a gratificação.

O modo como algumas municipalidades, alias illustradas, se desfazem dos cães, é immoral, repugnante e muito perigoso. Consiste em fazer deitar aos cães bolos venenosos: mas pode succeder que algum d'esses bolos fique na rua, e que o empregado encarregado de os propinar, não o retire a tempo ou por ignorancia ou por descuido, e nada mais facil do que ser apanhado e comido por alguma creança mendiga, que assim morrerá desastadamente. Alem de que, acontece que nem todos os cães assim envenenados são recolhidos antes de expirarem, e então dá-se nas ruas publicas um spectaculo verdadeiramente immoral, repugnante, e só proprio de selvagens, — aquelles pobres animaes na agonia é horrendas convulsões da morte.

Como deixo advertido noutro logar, uma das causas que, a meu ver, mais concorre para o desinvolvimento da hydrophobia espontanea nas duas raças canina e felina, é o cio; e nas epochas em que elle se manifesta é que os casos de tal hydrophobia occur-

rem mais frequentes, senão os unicos. Então soffrem estes animaes uma exaltação extrema do systema nervoso, a qual se reflecte sobre todos os outros systemas organicos; deixam de descansar, porque não sentem fadiga; pelo calor e pelo frio andam excitados, anhelantes, insensiveis até aos maos tractos com que os persegue o rapazio travesso. Tudo isto prova a exaltação profunda, geral e continua do systema nervoso, estado ainda aggravado pela contrariedade que soffrem no instincto da procreação; e tal será porventura a causa mais poderosa da hydrophobia rabica nos dictos animaes. Outra razão corrobora este meu modo de pensar, e é que na Turquia, onde não se permite matar nem maltractar os cães, encontrando-se por conseguinte reunidas grandes matilhas por toda a parte, succedem poucos casos de hydrophobia rabica.

Todas estas considerações me levam a pensar que a medida mais conveniente para obstar e prevenir o referido mal seria aquella que, diminuindo o numero dos cães, não impedisse estes animaes de satisfazerem suas necessidades instinctivas nas epochas proprias; e para isso conviria ou subtrahir ás mães os filhos quando nascessem, ou impedir as femeas de os conceberem, pelos meios que a veterinaria sabe. Este ultimo alvitre seria preferivel, e empregado junctamente com as outras medidas policiaes apontadas daria talvez melhor resultado.

Esta questão hygienica ainda não está resolvida: é porém um ponto de segurança publica que merece toda a attenção dos governos em geral e especialmente a do nosso, a quem cumpre velar pela vida e saude de seus subordinados, adoptando medidas promptas e efficazes para obstar a que se aposse de nós esse terrivel mal que nos ameaça, a cynophobia, e prevenir que se desenvolva em maior gráu o outro ainda mais terrivel, que já nos flagella, a hydrophobia rabica.

FIM.



# INDICE DAS MATERIAS

## PARTE PRIMEIRA

Narração dos estragos causados por uma loba damnada no termo de Castello de Vide em outubro de 1865. Relação das pessoas mordidas, seus ferimentos, e modo como foram tractadas.

	Pag.
I. Historia . . . . .	1
II. Relação das pessoas mordidas e descripção das feridas..	6
III. Tractamento empregado para com estes doentes. . . . .	13
1.º Tractamento externo. . . . .	»
2.º Tractamento interno . . . . .	18
3.º Tractamento moral . . . . .	19
4.º Tractamento dietetico. . . . .	20

## PARTE SEGUNDA

Observações clinicas e estudos geraes sobre a hydrophobia rabica

I. Observações clinicas de hydrophobia rabica no hospital da Misericordia de Castello de Vide. . . . .	23
Primeira observação (Manuel Murillo). . . . .	»
Segunda observação (Hilario dos Sanctos). . . . .	31
Terceira observação (Maria da Pena). . . . .	39
Quarta observação (Joaquim Antonio Corvello). . . . .	43
II. Estudos geraes sobre a hydrophobia rabica. . . . .	48
I. Dos prodromas. . . . .	»
II. Dos symptomas . . . . .	50
1.º Symptomas geraes . . . . .	»
2.º Symptomas differenciaes. . . . .	60
3.º Symptomas especiaes . . . . .	63

	Pag.
III. Do diagnostico e prognostico.....	65
1.º Diagnostico geral.....	»
2.º Diagnostico differencial.....	»
3.º Prognostico.....	67
IV. Da incubação .....	68
V. Das causas.....	71
1.º Hydrophobia rabica espontanea.....	»
2.º Hydrophobia rabica por inoculação ....	73
VI. Do contagio.....	74
VII. Da pathogenia.....	78
VIII. Da definição .....	85
IX. Do tractamento.....	86
A. Tractamento physico-pharmaceutico-pre-	
ventivo.....	88
1.º Tractamento externo.....	»
2.º Tractamento interno.....	90
B. Tractamento physico-pharmaceutico-cu-	
rativo .....	92
1.º Tractamento externo.....	»
2.º Tractamento interno.....	»
C. Tractamento physico-dietetico .....	94
D. Tractamento moral.....	»
X. Dos banhos de vapor .....	96
XI. Dos remedios empiricos ou de segredo.....	101
XII. Da policia sobre os cães .....	108













